

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Andrêssa Maria da Silva

O FENÔMENO DO *CODE-BLENDING* EM SURDOS ORALIZADOS BILÍNGUES
BIMODAIS DE LIBRAS/PORTUGUÊS: implicações para a arquitetura da gramática

Juiz de Fora

2023

Andrêssa Maria da Silva

O FENÔMENO DO *CODE-BLENDING* EM SURDOS ORALIZADOS BILÍNGUES
BIMODAIS DE LIBRAS/PORTUGUÊS: implicações para a arquitetura da gramática

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de concentração: Linguística e Cognição

Orientadora: Prof. Dra. Paula Roberta Gabbai Armelin

Coorientadora: Prof. Dra. Aline Garcia Rodero-Takahira

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Maria Silva, Andrêssa.

O fenômeno do *code-blending* em surdos oralizados bilíngues bimodais de libras/português: : implicações para a arquitetura dagramática / Andrêssa Maria Silva. -- 2023.

151 f. : il.

Orientadora: Paula Roberta Gabbai
Armelin Coorientadora: Aline Garcia
Rodero-Takahira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2023.

1. *Code-blending*. 2. Bilinguismo Bimodal. 3. Libras. 4. Simultaneidade. 5. Arquitetura da Gramática. I. Gabbai Armelin, Paula Roberta , orient. II. Garcia Rodero-Takahira, Aline, coorient. III. Título.

Andrêssa Maria da Silva

O fenômeno do *code-blending* em surdos oralizados bilíngues bimodais de libras/português: implicações para a arquitetura da gramática

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística e Cognição

Aprovada em 13 de março de 2023

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Paula Roberta Gabbai Armelin – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora Doutora Aline Garcia Rodero-Takahira – Coorientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor Doutor Felipe Venâncio Barbosa
Universidade de São Paulo

Professora Doutora Maria Cristina Lobo Name
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 24/02/2023.



Documento assinado eletronicamente por Paula Roberta Gabbai Armelin, Professor(a), em 13/03/2023, às 20:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do

[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por Aline Garcia Rodero Takahira, Professor(a), em 13/03/2023, às 20:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do

[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por Maria Cristina Lobo Name, Professor(a), em 14/03/2023, às 09:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº](#)

[10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



Documento assinado eletronicamente por Felipe Venâncio Barbosa, Usuário Externo, em 14/03/2023, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1161381 e o código CRC A31BED58.

À minha mãe, minha irmã e minha família, que jamais imaginaram um título de mestre entre os seus. Ao meu filho Arthur, minha âncora e minha força, meu maior exemplo. Ao Orlando, a melhor pessoa do mundo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

Quando eu achei que a pós-graduação não era para mim, entrei, lutei, desafiei-me, pensei em desistir inúmeras vezes, mas provei a mim mesma que ela para mim e muitas outras que ocupo hoje não é só da Andrêssa Maria, é de todas as mulheres, mães, pretas e acadêmicas.

Com isso, agradeço a mim, à minha resiliência, à minha capacidade de me reinventar, de cair e levantar quantas vezes forem necessárias. Agradeço ao meu filho, extremamente compreensível e carinhoso, que segurou a minha mão e enxugou as minhas lágrimas em vários dias e noites. Agradeço à minha mãe Rozangela, à minha irmã Vanessa, à minha tia Cecília, pessoas que não só me apoiaram para chegar até aqui, como também me empurraram muitas vezes, cuidaram da minha saúde e do meu filho para que eu conseguisse tempo para estudar.

Agradeço aos meus amigos Roberto, Gabriel, Vinicius, Ester, Lucas, Barão, Humberto, sempre compreensivos com as minhas ausências. Agradeço por ouvirem cada desabafo, por estarem comigo em todas as horas. Agradeço àqueles que estiveram na minha vida e contribuíram para várias conquistas, além das acadêmicas. Ao Eduardo Lacerda, padrinho do meu filho, amigo, confidente e a pessoa que mais me incentivou. Agradeço à Dalila, uma irmã acadêmica, que me deu muito apoio e contribuição nos momentos de aperto. À Tatiane Morais, irmã de esporte, de mestrado e de luta, que me motivou e apoiou na idealização do coletivo AfroFlor, um grupo de mulheres pretas na pós graduação que sempre esteve presente no meu coração e nas vivências compartilhadas.

Agradeço aos meus colegas da primeira turma formada em Letras-Libras pela UFJF em 2018, estendendo os agradecimentos aos nossos calouros e a todos os professores que me apoiaram e tanto ensinaram. Agradeço ao esporte universitário, mais especificamente à ULDECH, que me proporcionou a continuidade no meu esporte do coração, além de competições, vitórias e experiências.

Agradeço imensamente aos colegas de trabalho de todas as escolas e instituições onde trabalhei durante o período duradouro do mestrado. Um agradecimento especial às colegas de trabalho da Inclui Aí.

Agradeço especialmente à Aline e à Paula: Aline, que vem segurando a minha mão e me acolhendo de todas as formas possíveis, diante de tantas dificuldades que enfrentei, desde o ano de 2014, quando ingressei no curso de Letras-Libras e assistia às aulas com meu filho ainda

neném; à Paula, que aceitou o desafio de orientar-me no meio do caminho, entregando-se de forma incalculável para conseguirmos chegar até aqui.

À comunidade surda, que me acolheu, ensinou e me formou como militante, professora, tradutora e intérprete, da qual fiz parte e com a qual cresci, exprimo mais do que agradecimento: exprimo gratidão.

RESUMO

O fenômeno do *code-blending* se apresenta na possibilidade de produção simultânea de línguas de modalidades diferentes, o que é proporcionado pela disponibilidade de articuladores distintos para a produção de cada uma das línguas (QUADROS *et al.*, 2013). Nesse fenômeno linguístico, a investigação acerca da produção de bilíngues bimodais tem o potencial de contribuir para as discussões sobre a arquitetura da gramática em seus mais variados níveis. Inserindo-se nesse debate, este trabalho investiga a produção de *code-blending* a partir de dados coletados de vídeos disponibilizados na internet por 3 colaboradores surdos oralizados, sinalizantes e bilíngues bimodais de língua portuguesa e libras. Em termos quantitativos, foi coletado um total 183 enunciados, sendo que, em 154, foram detectadas realizações de *code-blending*. Esse resultado aponta para preferência por enunciados com realização simultânea, em vez de enunciados monolíngues. Do ponto de vista empírico, buscamos descrever e investigar as propriedades dos dados *code-blending* encontrados. Para tanto, os dados foram classificados a partir das tipologias de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) – consideradas as adaptações de de Lillo-Martin *et al.* (2016) – e de Donati e Branchini (2013). Em termos qualitativos, encontramos no nosso *corpus* formações dos seguintes tipos: (i) *code-blending* dominante de base sinalizada; (ii) *code-blending* dominante de base oral; (iii) *code-blending* independente; (iv) *code-blending* misturado; (v) *code-blending* total e (vi) *code-blending* com calque sintático. É importante ressaltar que, majoritariamente, as produções encontradas são correspondentes ao *code-blending* do tipo dominante de base sinalizada, que se caracteriza pela produção de um enunciado completo na língua de sinais, com algumas palavras orais simultâneas, evidenciando a preferência dos colaboradores desta pesquisa pela libras como língua de dominância. Por sua vez, do ponto de vista teórico, discutimos propostas desenvolvidas no escopo de modelos gerativistas, mais especificamente, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 1995), a Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997) e o Modelo da Síntese da Linguagem (LILLO-MARTIN, QUADROS e CHEN PICHLER, 2016). O panorama gerativista tem-se mostrado como relevante para as discussões do fenômeno do *code-blending* por diversos motivos: um deles é sua organização modular, que possibilita investigações sobre a existência de uma ou duas derivações sintáticas distintas para a produção simultânea; outro ponto é que, ao separar a computação sintática dos processos de realização fonológica, os panoramas gerativistas abrem perspectivas para discussão dos processos de linearização envolvidos nessas produções. Em termos teóricos, argumentamos em favor de um modelo compatível com as bases da Morfologia Distribuída e do Modelo da Síntese da Linguagem. Mais especificamente, propomos que os dados de *code-blending* podem ser melhor explicados a partir de um modelo construcionista, em que os traços formais são livremente articulados apenas pelo componente da Sintaxe. Para além disso, os dados de *code-blending* apontam para a vantagem da propriedade de subespecificação dos Itens de Vocabulário, evitando que seja necessário especificar um conjunto duplo de entradas lexicais com itens especificados para as propriedades da língua de sinais e outros especificados para as propriedades da língua oral. Para além disso, apontamos, em termos *design* da arquitetura da gramática, para a possibilidade de uma bifurcação da estrutura sintática no ramo de PF para canais distintos em línguas de modalidades distintas, evitando que haja competição entre os elementos dessas duas línguas. Propomos finalmente que, para fins de inserção de vocabulário, tal processo ocorra para todos os nós gerados pela Sintaxe em, pelo menos, uma língua, sem a necessidade, no entanto, de que haja o preenchimento obrigatoriamente nas duas modalidades.

Palavras-chave: *Code-blending*. Bilinguismo Bimodal. Libras. Simultaneidade. Arquitetura da Gramática.

ABSTRACT

The phenomenon of code-blending presents itself in the possibility of simultaneous production of languages of different modalities, which is provided precisely by the availability of different articulators for the production of each language (QUADROS *et al.*, 2013). This is an interesting linguistic phenomenon, since the investigation about the production of bimodal bilinguals has the potential to contribute to discussions about the architecture of grammar at its most varied levels. Inserted in this debate, this work investigates the production of code-blending from data collected from videos made available on the internet by 3 oralized deaf collaborators, signers and bimodal bilingual speakers of Portuguese and Brazilian Sign Language (Libras). In quantitative terms, a total of 183 utterances were collected, and in 154 of them code-blending was detected. This quantitative result points to a preference for utterances containing simultaneous realization, rather than monolingual utterances. From an empirical point of view, we seek to describe and investigate the properties of the code-blending data collected. Therefore, the data were classified based on the typologies proposed by Van den Bogaerde and Baker (2005, 2008) – considering the adaptations of Lillo-Martin *et al.* (2016) – and by Donati and Branchini (2013). In qualitative terms, we found in our *corpus* code-blending formations of the following types: (i) Sign-base code-blending, (ii) Speech-base code-blending; (iii) independent code-blending; (iv) mixed code-blending; (v) full code-blending and (v) code-blending with syntactic calque. It is important to point out that, for the most part, the productions found correspond to code-blending of the Sign-base code-blending type, which is characterized by the production of a complete utterance in sign language, with some simultaneous oral words, evidencing the preference of the collaborators of this research by Libras as the dominant language. In turn, from a theoretical point of view, we discuss proposals developed within the scope of generative models, more specifically, the Minimalist Program (CHOMSKY, 1995, 1995), Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997) and the Language Synthesis Model (LILLO-MARTIN, QUADROS and CHEN PICHLER, 2016). The generative framework has proven to be interesting for discussions of the code-blending phenomenon for several reasons. One of them is its modular organization, which allows investigations regarding the existence of one or two distinct syntactic derivations for simultaneous production. Another interesting point is that, by separating the syntactic computation from the processes of phonological realization, the generative framework open perspectives for the discussion of the linearization processes involved in these productions. In theoretical terms, we argue in favor of a model compatible with the bases of the Distributed Morphology and the Language Synthesis Model. More specifically, we propose that code-blending data can be better explained from a constructionist model, in which formal features are articulated only by the Syntax component. Furthermore, the code-blending data points to the advantage of the Subspecification property of Vocabulary Items, avoiding the need to specify a double set of lexical entries with items specified for sign language properties and others specified for oral language properties. In addition, we point out, in terms of the grammar architecture design, to the possibility of a bifurcation of the syntactic structure in the PF branch for different channels in languages of different modalities, preventing competition between the elements of these two languages. Finally, we propose that, for Vocabulary Insertion purposes, such a process should occur for all nodes generated by the Syntax in at least one language, without the need, however, for mandatory completion in both modalities.

Keywords: Code-blending. Bimodal Bilingualism. Brazilian Sign Language. Simultaneity. Grammar Architecture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Os 5 parâmetros no sinal TRABALHAR em libras	21
Figura 2- ESTOURAR + BOCA EM POW em libras	22
Figura 3 - Composto simultâneo LUA DE MEL em libras.....	22
Figura 4 - Correlações entre as tipologias de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) e Donati e Branchini (2013)	37
Quadro 1 - Convenção para a transcrição e anotação dos dados:.....	44
Quadro 2 - Enunciados classificados por tipos de code-blending.....	47
Quadro 3 - Quantitativo de code-blendings encontrado no <i>corpus</i> por tipo	56
Gráfico 1 - Percentuais por tipo de code-blending.....	57
Gráfico 2 - Relação quantitativa de enunciados com code-blending e sem code-blending	57
Quadro 4 - Quantificação dos enunciados com code-blending por colaborador.....	58
Figura 5 - Estrutura minimalista.....	74
Figura 6 - Visão minimalista da faculdade da linguagem em bilíngues bimodais	79
Figura 7 - A estrutura da gramática na Morfologia Distribuída	81
Figura 8 - Modelo da Síntese da Linguagem.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	<i>American Sign Language</i>
bibibi	Binacional Bimodal Bilíngue
CL	Classificador
CM	Configuração de Mão
CODA	<i>Children Of Deaf Adults</i> (filhos ouvintes de pais surdos)
Covid	<i>Corona virus disease</i>
ELAN	<i>EUDICO Linguistic Annotator</i>
ENM	Expressão Não Manual
i.e	Isto é
It.	Italiano
IV	Itens de Vocabulário
Koda	<i>Kids Of Deaf Adults</i> (crianças filhas de pais surdos)
LF	<i>Logical Form</i> (Forma Lógica)
LIS	Língua de Sinais Italiana
LO	Língua Oral
LOC	Locativo
LS	Língua de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSQ	Língua de Sinais Quebequense
M	Movimento
MD	Morfologia Distribuída
MSL	Modelo da Síntese da Linguagem
NEG	Negação

NGT	Língua de Sinais Holandesa
Or	Orientação
PA	Ponto de Articulação
PF	<i>Phonological Form</i> (Forma Fonológica)
PL	Plural
PM	Programa Minimalista
PO	Português Oral
PTPC	Particípio
SG	Singular

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 OBJETIVOS E PROPOSTAS DA PESQUISA	15
1.2 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	18
2 SIMULTANEIDADE COMO EFEITO DE MODALIDADE E OS TIPOS DE CODE- BLENDING	19
2.1 MODALIDADE E SIMULTANEIDADE NA LIBRAS	19
2.2 SIMULTANEIDADE EM BILÍNGUES BIMODAIS: O FNÔMENO DO CODE- BLENDING.....	25
2.3 O CODE-BLENDING E AS PROPOSTAS DE TIPOLOGIA.....	28
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	39
3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS: ANÁLISES QUANTITATIVA E QUALITATIVA	41
3.1 METODOLOGIA DE COLETA E TRANSCRIÇÃO DE DADOS.....	41
3.2 APRESENTAÇÃO QUANTITATIVA	46
3.3 APRESENTAÇÃO QUALITATIVA	59
3.3.1 <i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada.....	60
3.3.2 <i>Code-blending</i> dominante de base oral	62
3.3.3 <i>Code-blending</i> independente	64
3.3.4 <i>Code-blending</i> total	65
3.3.5 <i>Code-blending</i> com calque sintático.....	66
3.3.6 <i>Code-blending</i> misturado	67
3.4. DISCUSSÃO DE OUTRAS PROPRIEDADES EMPÍRICAS	68
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	71
4 MODELOS TEÓRICOS NO TRATAMENTO DE CODE-BLENDING.....	73
4.1 O PROGRAMA MINIMALISTA: UMA APRESENTAÇÃO GERAL	74
4.2 MACSWAN (2000): UMA PROPOSTA MINIMALISTA PARA O CODE- SWITCHING.....	76
4.2 UMA ALTERNATIVA NÃO LEXICALISTA: O MODELO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA.....	80
4.3 MODELO DA SÍNTESE DA LINGUAGEM: BILINGUISMO BIMODAL EM UMA VERTENTE NÃO LEXICALISTA.....	84
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	88
5 REFLEXÕES TEÓRICAS A PARTIR DOS DADOS ENCONTRADOS.....	89
5.1 CODE-BLENDING E O DEBATE LÉXICO X SINTAXE.....	89
5.2 CODE-BLENDING E SUBESPECIFICAÇÃO	92
5.3 CODE-BLENDING E O PRINCÍPIO DO SUBCONJUNTO	94
5.4 DERIVANDO OS TIPOS DE CODE-BLENDINGS	98
5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO.....	101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICE A	112

1 INTRODUÇÃO

A modalidade, segundo Meier (2002), diz respeito aos modos pelos quais as línguas são produzidas e percebidas. Essa propriedade, de maneira geral, diferencia as línguas de sinais, que são de natureza visuoespacial, ou seja, produzidas espacialmente e visualmente percebidas, das línguas orais, que são, por sua vez, de natureza oral-auditiva, sendo produzidas oralmente e auditivamente percebidas. Como consequência da modalidade, as línguas de sinais contam com múltiplos articuladores, já que, além das mãos, a modalidade visuoespacial licencia também com o uso de articuladores não manuais, como as expressões faciais e corporais, por exemplo. Como consequência, temos características articulatórias distintas para as duas modalidades: nas línguas orais, uma característica articulatória fundamental é a linearidade relativa à percepção e produção do som; nas línguas de sinais, a simultaneidade emerge como característica fundamental¹ nos mais variados níveis de gramática. Empiricamente, a simultaneidade abre perspectivas para a investigação a respeito das possibilidades e limitações envolvidas na ocorrência de fenômenos linguísticos os quais, de alguma forma, resultam da produção simultânea, como o *code-blending*, fenômeno característico da produção bilingue modal e que se define pela realização simultânea, em um mesmo enunciado, de elementos pertencentes a uma língua oral e a uma língua de sinais.

Neste trabalho, investigamos o fenômeno do *code-blending* a partir da produção de surdos oralizados e bilíngues bimodais falantes da língua brasileira de sinais, libras, e do português oral. Fizemos a escolha por esse grupo de falantes bilíngues bimodais pela escassez de pesquisas que analisem a produção desse grupo em específico. Trabalhos como Emmorey *et al.* (2005, 2008) e Lillo-Martin *et al.* (2010, 2016), por exemplo, os quais têm pesquisado grupos de bilíngues bimodais CODAs² (filhos ouvintes de pais surdos), nos pares inglês/língua de sinais americana (ASL, do inglês *American Sign Language*) e português brasileiro/libras.

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada a partir de vídeos disponibilizados na internet. Mais especificamente, coletamos e transcrevemos um total de 8 vídeos, totalizando 14 minutos e 23 segundos. Foram selecionados vídeos de 3 colaboradores diferentes, surdos oralizados sinalizantes, sendo 2 deles do sexo feminino e 1 do sexo masculino, na faixa etária entre 30 e 50 anos. Na transcrição dos dados, empregamos glosas em um formato de anotação paralelo ao procedimento já adotado pela literatura, com o intuito específico de coletarmos as

¹Apesar disso, a linearidade também está presente nas línguas de sinais, como no sinal SURDO, por exemplo, em que local de início e de fim da sinalização são obrigatórios.

²Do inglês, *Children of Deaf Adults*.

ocorrências de simultaneidade e de analisá-las a partir das tipologias discutidas. Mais especificamente, a glosa em libras aparece com letras em caixa alta e nomeada como LSB (língua de sinais brasileira), enquanto a glosa em língua portuguesa é representada com caixa baixa, denominada PO (português oral), sendo as duas glosas ilustradas paralelamente. Logo abaixo delas, trazemos a tradução do enunciado marcada por aspas duplas, conforme exemplo em (1)³:

- (1a) LSB: OLÁ1 BOA TARDE BEM JOIA
 PO: boa tarde
 “Olá, boa tarde! Tudo bem?”

No exemplo (1a), há a realização simultânea das duas línguas indicadas pelo alinhamento entre os itens “boa” e “tarde”. É importante notar que, nesse caso, o enunciado está completo na libras, com apenas algumas palavras sobrepostas pelo português oral. A literatura especializada vem apontando, no entanto, que esse não é o único padrão encontrado para a realização de *code-blending*. Em (1b), por exemplo, nota-se um tipo de *blending* em que todos os elementos são congruentes:

- (1b) LSB: QUANT@ MÃE
 PO: quantas mães
 “Quantas mães?”

Em (1b) notamos a presença da libras com QUANT@ MÃE, e em português oral, há a produção de “quantas mães”. Nesse caso, as duas línguas estão sendo realizadas com todos os elementos de forma congruente. A partir da percepção de que o *code-blending* pode ser subdividido em diferentes tipos, estabelecendo correlações distintas entre as línguas empregadas, tornou-se necessária a formulação de uma tipologia que categorizasse, então, esses dados, mostrando as suas diferentes possibilidades de realização. Dessa forma, as instâncias de *code-blending* coletadas no âmbito desta pesquisa foram classificadas a partir das propostas de tipologia desenvolvidas por de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) – com as adaptações de Lillo-Martin *et al.* (2016) –, bem como com base na proposta de Donati e Branchini (2013),

³ Os dados que estão sem referência, como em (1), foram coletados no percurso desta pesquisa e estão integralmente disponibilizados no Apêndice desta dissertação.

cujo diferencial é a preocupação também com as estratégias de linearização que podem estar envolvidas nessas formações.

Para além da discussão empírica, propomos neste trabalho uma reflexão de natureza teórica, buscando discutir qual seria o *design* mais apropriado da arquitetura da gramática para dar conta dessas produções simultâneas. Nesse panorama, abordamos, mais especificamente, trabalhos desenvolvidos dentro do viés teórico gerativista no intuito de explicar a derivação sintática de proposições simultâneas de línguas de modalidades diferentes. Dessa forma, apresentamos uma discussão em torno do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995), doravante PM, especialmente a partir da proposta de MacSwan (2000). No modelo do autor, de base lexicalista, a entrada para a derivação sintática inclui itens lexicais totalmente especificados. Alguns fenômenos do bilinguismo, como a concordância entre determinantes e nomes pertencentes a línguas com sistemas de gênero distintos, no entanto, parecem indicar para a necessidade de que a derivação sintática seja feita a partir de traços abstratos, com realizações fonológicas, podendo pertencer a uma ou outra língua (PIERANTOZZI, 2012). Como alternativa à visão lexicalista, exploramos propostas de explicação do *code-blending* a partir de modelos construcionistas, como a Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), doravante MD, bem como o Modelo da Síntese da Linguagem (QUADROS, CHEN-PICHLER e LILLO-MARTIN, 2016), doravante MSL.

Dessa forma, acreditamos que esta pesquisa tem o potencial de contribuir para a discussão sobre a simultaneidade e a produção de *code-blending* tanto do ponto de vista empírico quanto do teórico. Empiricamente contribui no sentido de aumentar o repositório de dados sobre o tema, organizando um *corpus* com produções de bilíngues bimodais, cuja produção é escassa de pesquisa na literatura; para além disso, os dados são descritos, organizados e categorizados em temas de tipos a partir de suas diferentes propriedades. Teoricamente propomos, a partir do fenômeno empírico, algumas reflexões a respeito da arquitetura da gramática mais adequada para dar conta dessas produções simultâneas.

1.1 OBJETIVOS E PROPOSTAS DA PESQUISA

O objetivo empírico geral desta pesquisa é investigar o fenômeno do *code-blending* a partir da produção de surdos oralizados sinalizantes de libras e falantes de português brasileiro. Para isso, alguns objetivos específicos de base mais empírica foram traçados:

- Quantificar, ainda que a partir de um *corpus* limitado, a produção de *code-blending*, buscando verificar a amplitude da ocorrência desse fenômeno em bilíngues bimodais;
- Descrever e classificar os dados de *code-blending* coletados, buscando estabelecer uma tipologia que acomode as propriedades detectadas nessas formações.

Por sua vez, o objetivo teórico geral desta pesquisa é discutir propostas sobre como ocorre a derivação sintática dessas produções em bilíngues bimodais a partir de uma visão gerativista da linguagem. Para tanto, foram traçados alguns objetivos específicos de base teórica:

- Apresentar, a partir dos dados de *code-blending* coletados, uma discussão acerca da arquitetura da gramática mais adequada para a derivação de um enunciado que envolve duas línguas simultaneamente;
- Discutir, a partir dessa arquitetura de gramática, a derivação sintática de produções simultâneas em línguas de modalidades diferentes;

Estabelecidos esses objetivos, as propostas e contribuições desta pesquisa podem ser assim sistematizadas:

- Em termos quantitativos gerais, destacamos que foi coletado um total 183 enunciados, somados os três colaboradores, sendo que, em 154 deles, foram detectadas realizações de *code-blending*. Esse resultado quantitativo aponta para uma preferência interessante, nos limites dos nossos dados, por enunciados contendo realização simultânea, em vez de enunciados monolíngues;
- Na busca de uma tipologia de *code-blending*, a partir das propostas desenvolvidas por de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) – com as adaptações de Lillo-Martin *et al.* (2016) –, bem como com base na proposta de Donati e Branchini (2013), encontramos no nosso *corpus* os seguintes tipos de *code-blending*:

- a) *Code-blending* Dominante de Base Sinalizada: em que a libras aparece como língua de dominância em um enunciado completo, com poucas palavras realizadas no português oral;
 - b) *Code-blending* Dominante de Base Oral: em que o português aparece como língua de dominância em uma frase completa, com poucas palavras realizadas na libras;
 - c) *Code-blending* Independente: em que o enunciado possui palavras de campos semânticos diferentes, trazendo ligeiramente alguma informação a mais;
 - d) *Code-Blending* Misturado: em que o enunciado mistura elementos que foram distribuídos entre as duas línguas, de modo que o enunciado só é completo e significativo se esses elementos forem agrupados;
 - e) *Code-blending* Total: em que o enunciado aparece completo nas duas línguas e ambas seguem a mesma ordem de palavras;
 - f) *Code-blending* com calque sintático: em que o português e a libras aparecem cada qual com um enunciado completo, seguindo a estrutura sintática de uma das línguas, sendo que a outra apresenta um calque sintático;
- Além disso, os dados encontrados no nosso *corpus* são, majoritariamente, do tipo dominante de base sinalizada (71%), o que pode ser explicado pelo nível de envolvimento dos colaboradores com a comunidade Surda;
 - Por sua vez, em termos teóricos, propomos que um modelo construcionista, como a MD e o MSL, em que os traços formais são livremente articulados apenas pelo componente da Sintaxe, por oposição a um modelo lexicalista, é mais interessante para o tratamento do *code-blending*;
 - Além disso, apontamos a relevância da propriedade de Subespecificação dos Itens de Vocabulário, evitando que seja necessário especificar um conjunto duplo de entradas lexicais com itens lexicais especificados para as propriedades da língua de sinais e outros itens lexicais especificados para as propriedades da língua oral;

- Propomos ainda, como possibilidade formal, uma bifurcação da estrutura sintática que chega em PF para canais distintos em línguas de modalidades distintas, evitando que haja competição entre os elementos dessas duas línguas nas produções envolvendo *code-blending*;
- Finalmente, para dar conta do processo de inserção de vocabulário no *code-blending*, propomos uma extensão do Princípio do Subconjunto (HALLE, 1997), de modo que tal processo deva ocorrer para todos os nós gerados pela Sintaxe em, pelo menos, uma língua, sem a necessidade, no entanto, de preenchimento obrigatório nas duas modalidades.

1.2 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta pesquisa está organizada em mais quatro capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais. Mais especificamente, no capítulo 2, apresentamos uma discussão a respeito da simultaneidade nas línguas de sinais, focando em sua caracterização como efeitos de modalidade. No mesmo capítulo, apresentamos as classificações de *code-blending* desenvolvidas nas propostas de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) – com as adaptações de Lillo-Martin *et al.* (2016) –, bem como na proposta de Donati e Branchini (2013). No capítulo 3, detalhamos a metodologia empregada na pesquisa e fazemos uma apresentação dos dados investigados em termos quantitativos e qualitativos. O capítulo 4, por sua vez, traz uma discussão de base mais teórica e gerativista, em torno do PM (CHOMSKY, 1993, 1995), especialmente a partir da proposta de MacSwan (2000), bem como em torno de alternativas à visão lexicalista, com base em modelos construcionistas, como a MD (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), e o MSL (QUADROS, CHEN-PICHLER e LILLO-MARTIN, 2016). Já no capítulo 5, propomos algumas reflexões teóricas, apontando caminhos de análise com base nos dados coletados e nos pressupostos teóricos apresentados anteriormente. Finalmente, no capítulo 6, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

2 SIMULTANEIDADE COMO EFEITO DE MODALIDADE E OS TIPOS DE *CODE-BLENDING*

A discussão mais geral acerca da simultaneidade se mostra relevante para a investigação linguística do ponto de vista tanto empírico quanto teórico. Empiricamente, a simultaneidade abre perspectivas para a investigação a respeito das possibilidades e limitações envolvidas na ocorrência de fenômenos linguísticos que, de alguma forma, resultam da produção simultânea, como o *code-blending*, foco desta pesquisa. Dessa mesma forma, do ponto de vista teórico, é importante considerar que a simultaneidade e, em especial, o *code-blending*, implicam importantes problematizações na própria forma de se entender a organização da arquitetura da gramática, uma vez que envolve, em algum sentido, a questão de se ter uma ou duas gramáticas envolvidas na derivação sintática e até mesmo uma ou duas derivações para cada língua envolvida no *code-blending*. Considerando, então, que a discussão desse fenômeno envolve diretamente a simultaneidade como possibilidade de realização linguística, este capítulo tem por finalidade abordar mais de perto o conceito da simultaneidade, bem como apresentar as classificações de *code-blendings* disponíveis na literatura.

Dessa forma, neste capítulo, além de trazermos a discussão sobre a simultaneidade, tomando-a como um efeito de modalidade, apresentamos o fenômeno do *code-blending*, por meio de algumas tipologias disponíveis na literatura. Para tanto, este capítulo se organiza da seguinte forma: em 2.1, discutimos modalidade e simultaneidade na libras; em 2.2, tratamos da simultaneidade em bilíngues bimodais, focando, mais especificamente, no fenômeno do *code-blending*; já na seção 2.3, apresentamos algumas classificações de *code-blending* propostas por diferentes autores, como a tipologia de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008), adaptada por Lillo-Martin *et al.* (2016), além da proposta de Donati e Branchini (2013); em 2.4, por sua vez, apresentamos as considerações finais do capítulo.

2.1 MODALIDADE E SIMULTANEIDADE NA LIBRAS

Especificamente no que diz respeito à simultaneidade nas línguas de sinais, podemos dizer que ela pode ser compreendida como um efeito de modalidade. Dessa forma, ao falarmos sobre efeitos de modalidade, concentramo-nos na forma como as línguas são produzidas e percebidas, de modo que as línguas de sinais assumem a modalidade visuoespacial, enquanto as línguas orais, por sua vez, são de modalidade oral-auditiva. Nesse sentido, essa diferenciação

que leva em conta a articulação e percepção envolvida na realização linguística, é o que se compreende como modalidade, conforme apontado por McBurney (2004, p. 351):

A ‘modalidade’ de uma língua pode ser definida como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão dos quais a fonética de uma língua depende. Existem sistemas separados para produção e percepção. Para as línguas orais, a produção depende do sistema vocal, enquanto a percepção depende do sistema auditivo. As línguas faladas podem ser categorizadas, então, como sendo expressas na modalidade vocal-auditiva. As línguas de sinais, por outro lado, contam com o sistema gestual para produção e o sistema visual para percepção. Como tal, as línguas de sinais são expressas na modalidade visual-gestual⁴ (tradução nossa).

Nesse sentido, as línguas orais são produzidas a partir de um conjunto de órgãos que formam um único aparato fonador e dependem da audição para serem percebidas. Já nas línguas de sinais, há produção por diferentes articuladores, uma vez que, além das mãos, a modalidade visuoespacial conta também com o uso de articuladores não manuais, como as expressões faciais, por exemplo, que podem codificar informações gramaticais, lexicais e afetivas. Os sinais são, então, compostos por uma combinação de parâmetros: configuração de mão (CM), que é o formato da mão para a realização do sinal; movimento (M), que diz respeito ao movimento realizado pelo corpo, mãos, pulso ou outro articulador; ponto de articulação (PA), ou seja, onde o sinal será realizado, podendo ter contato com várias regiões, como bochecha, queixo, testa, ombros, tronco, espaço neutro em frente ao corpo e outros; orientação da palma da mão (Or), que indica para qual sentido e direção o sinal está sendo realizado; e expressões não manuais (ENM), que são as marcações corporais e faciais, como arquear as sobrancelhas, inflar as bochechas, movimentar o olhar e outros.

Investigando, mais especificamente, a formação de compostos na libras, Rodero-Takahira (2015, p. 5) afirma que:

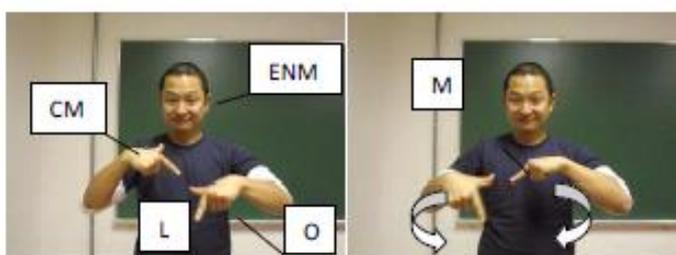
[...] Um exemplo que vale ressaltar é o fato de as LSs [línguas de sinais] possibilitarem a realização de construções simultâneas em que informações diferentes podem ser sinalizadas por cada mão. Isso tem reflexo também no sistema de formação de palavras dessa língua, levando à possibilidade de formação de sinais simultâneos, por exemplo.

⁴ *The ‘modality’ of a language can be defined as the physical or biological systems of transmission on which the phonetics of a language relies. There are separate systems for production and perception. For spoken languages, production relies upon the vocal system, while perception relies on the auditory system. Spoken languages can be categorized, then, as being, expressed in the vocal-auditory modality. Signed languages, on the other hand, rely on the gestural system for production and the visual system for perception. As such, signed languages are expressed in the visual-gestural modality (MCBURNEY, 2004, p. 351).*

Dessa forma, como efeito da própria modalidade, as línguas de sinais apresentam mais articuladores disponíveis e maior possibilidade de exploração do espaço para realização de uma expressão linguística, de modo que as línguas gesto-visuais acabam por ser menos lineares que as orais-auditivas, havendo maior potencial de se explorar a simultaneidade licenciada na língua. Nas línguas orais, a simultaneidade é marcada em unidades suprasegmentais, como a prosódia. Nas línguas gesto-visuais, por sua vez, a simultaneidade pode ser encontrada em diferentes níveis de análise: fonológico, na realização dos cinco tipos de fonemas que formam um sinal (parâmetros); morfológico (na flexão dos sinais, na derivação, na composição); sintático (na marcação de tópico discursivo, na formação de oração encaixada, na realização de verbo e argumento ao mesmo tempo); e prosódico (por marcações corporais e faciais), como exemplificamos mais adiante.

Nessa mesma perspectiva, Rodrigues (2018) aponta que os efeitos de modalidade estão ligados às características de realização fonológica da língua, sendo que, no caso das línguas de sinais, os fonemas correspondem aos parâmetros anteriormente citados. Pelo fato de ser uma língua realizada visualmente no espaço por meio do corpo, o autor cita características que se destacam, tais como: a simultaneidade, a iconicidade, a possibilidade de usar duas línguas concomitantemente, entre outras. Nesse caso, o autor trata a simultaneidade como sendo a realização de dois ou mais parâmetros ao mesmo tempo, diferenciando-a, portanto, da realização concomitante entre duas línguas. Assim, o sinal TRABALHAR da figura abaixo, exemplifica essa simultaneidade na realização do sinal.

Figura 1- Os 5 parâmetros no sinal TRABALHAR em libras.



Fonte: Rodero-Takahira (2015, p. 7).

No nível fonológico, a simultaneidade pode ser vista na ilustração de Rodero-Takahira (2015, p.7), que apresenta o sinal de TRABALHAR, na Figura 1, para apontar cada uma das unidades contrastivas na sua formação. Dessa forma, conforme apontado pelas setas da imagem, vemos: CM em “L”, configuração correspondente à letra L no alfabeto manual; PA

no espaço neutro, em frente ao corpo; Or com as palmas voltadas para baixo; ENM com as sobrancelhas arqueadas e olhos mais abertos; M alternado para frente e para trás.

Já no nível morfológico, a simultaneidade pode apresentar-se, por exemplo, na produção de morfema boca com um sinal manual. Pêgo (2013) apresenta o sinal de ESTOURAR+BOCA EM POW, na Figura 2, indicando o morfema boca como POW, acontecendo concomitantemente ao sinal manual de ESTOURAR.

Figura 2- ESTOURAR + BOCA EM POW em libras.



Fonte: Pêgo (2013, p. 65).

A partir dessa informação, podemos ver também um dos exemplos discutidos por Rodero-Takahira (2015), em que há a realização de mais de um sinal simultaneamente, como na Figura 3:

Figura 3 - Composto simultâneo LUA DE MEL em libras⁵.



SEXOb||VIAJARmd -----

Fonte: Rodero-Takahira (2015, p. 9).

Nesse sinal, vemos que uma mão expressa o sinal de VIAJAR e, com a boca, o colaborador produz o sinal boca de SEXO. LUA DE MEL, nesses moldes, é um sinal composto e simultâneo, uma vez que envolve dois itens lexicais distintos, articulados ao mesmo tempo.

⁵ Rodero-Takahira (2015) apresenta o sistema de convenção de transcrição e anotação dos sinais no início da tese, p. xi a xv.

No nível sintático, por sua vez, a simultaneidade pode ser exemplificada por construções de tópico discursivo na libras. Em linhas gerais, o tópico na língua é realizado à esquerda da sentença, evidenciando o assunto sobre o qual o discurso se desenvolverá. Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2008), para além da ordem da sentença, o tópico é marcado na libras por expressões não manuais simultaneamente realizadas junto ao sinal topicalizado. Mais especificamente, a marca associada ao tópico é a elevação de sobrancelhas, representada abaixo por TOP, que acompanha o elemento topicalizado.

(3) Construções de tópico

a. <ANIMAIS>_{TOP} EU GOSTAR GATO

b. <PARIS >_{TOP} EU VOU

c. <Maria>_{TOP} JOÃO GOSTA ELA

(QUADROS; PIZZIO e REZENDE, 2008, p. 11)

Dessa mesma forma, no nível prosódico, a simultaneidade característica das línguas de sinais pode ser exemplificada na realização de perguntas sim/não e QU-, especialmente quando comparadas às línguas orais. Como apontado por Leite (2008, p. 31), com base em Nespor e Sandler (1999, p. 27):

[...] enquanto perguntas sim/não e qu- nas LOs [línguas orais] são acompanhadas de uma prosódia marcada, nas LSs [línguas de sinais] elas são marcadas por expressões faciais específicas. Nespor e Sandler (1999: 27) argumentam, nesse sentido, que uma diferença de modalidade na expressão da entoação possa ser apontada: nas LOs as melodias tonais são produzidas por um único articulador (i.e. as cordas vocais), recaindo sobre sílabas e se dispondo sequencialmente na cadeia da fala; nas LSs, diferentemente, as “melodias” faciais seriam produzidas pela configuração simultânea de vários articuladores (e.g. sobrancelha, pálpebra, boca, cabeça) que recairia igualmente sobre todos os sinais de um agrupamento prosódico.

Como anteriormente enfatizado, para a realização de perguntas sim/não e QU- nas línguas de sinais, torna-se necessária a utilização de vários articuladores simultaneamente, como sobrancelhas, pálpebras, olhos, boca, cabeça, ombros, atuando junto aos sinais que compõem o agrupamento prosódico relevante.

Dessa forma, nota-se que a simultaneidade é uma característica que permeia a gramática das línguas de sinais em seus mais variados níveis, de forma que sua análise deve ser considerada como relevante nos estudos linguísticos das línguas naturais.

Especificando um pouco mais a simultaneidade dentro do escopo do *code-blending*, definido como objeto de pesquisa no nosso trabalho, Rodrigues (2018) analisa tal processo com base na interpretação intermodal da língua oral para a língua de sinais, apontando para a possibilidade de sobreposição de línguas durante o processo interpretativo como um possível efeito de modalidade. O autor define a interpretação intermodal como “a realização, sob pressão de tempo, da translação da enunciação de um discurso de uma língua para outra e uma modalidade para outra” (RODRIGUES, 2018, p. 120). Isto é, a interpretação intermodal tem por característica a alternância das modalidades. Com isso, no processo de interpretação intermodal, irá ocorrer o *code-blending*, uma vez que os profissionais intérpretes intermodais precisam administrar a ocorrência das duas línguas de modalidades distintas: uma em processo de recepção, e a outra, de produção.

Nessa mesma linha, Rodrigues (2018) destaca ainda uma outra possibilidade de simultaneidade: o uso de *mouthings*, que, nas palavras do autor, “é a articulação oral de palavras junto aos sinais” (RODRIGUES, 2018, p. 121), podendo ser um recurso tradutório com a intenção de desambiguar algumas informações ou ainda de complementar algum significado. Leonel (2019), por sua vez, aponta que *mouthings* são “a produção de sílabas e/ou palavras visuais por meio de sua articulação labial concomitante à sinalização”. Isto é, *mouthings* podem ser considerados um meio de pronúncia, oralização ou vocalização, realizado quando uma língua de sinais é expressa, mas não necessariamente é associado a uma emissão sonora, podendo ser denominado como produção de palavras visuais (RODRIGUES, MEDEIROS, 2016).

Dessa forma, mesmo o *mouthing* sendo uma coocorrência das duas línguas, é importante compreender que é uma coocorrência proposital e sem valor lexical, sendo a articulação oral uma estratégia tradutória para que a mensagem realizada em sinais se torne mais clara, seja para evitar possível ambiguidade, seja para expandir as pistas contextuais. O *code-blending*, por sua vez, como veremos adiante, tem, inclusive, o potencial de expressar itens lexicais distintos em línguas distintas, que em alguns casos, precisam ser ambos considerados para que o significado da sentença possa se tornar completo.

Na discussão da simultaneidade, é importante diferenciarmos também os morfemas boca, que são caracterizados por movimentos da boca que não possuem correspondência direta com as línguas orais e são utilizados intrinsicamente ao sinal. São, portanto, recursos da língua que podem, inclusive, ser combinados com diversos outros sinais, sendo, por isso, categorizados como morfema. Finalmente, os sussurros, como denominado por Petroj, Guerrera

e Davidson (2014), são palavras orais produzidas com pouca ou nenhuma vibração das cordas vocais para acompanhar a sinalização.

Para delinear os dados relevantes desta pesquisa, nosso recorte considera a realização de um sinal e, simultaneamente, a oralização de uma palavra completa na língua oral, com a emissão de sons nítidos. Assim, a realização de *mouthings* e sussurros, não sendo considerados como uma oralização nítida, não foram contemplados na análise dos dados categorizados como *code-blending*; e, quando não houve mais nenhuma produção além de *mouthings*, o dado foi descartado. Com essas discussões em mente, passamos, na próxima seção, mais especificamente, para o fenômeno de interesse desta pesquisa: o *code-blending*.

2.2 SIMULTANEIDADE EM BILÍNGUES BIMODAIS: O FENÔMENO DO *CODE-BLENDING*

O termo bilíngue bimodal foi introduzido por Emmorey *et al.* (2008), que apresentaram um modelo de produção com base psicolinguística, com o intuito de investigar as falas de sujeitos fluentes em duas línguas de modalidades distintas. Nesse estudo, os autores investigaram adultos Cotas e identificaram a ocorrência de modalidades diferentes da fala desses participantes. Dessa forma, os Cotas produziam ora a língua de sinais, ora a língua oral por diferentes tipos de motivações, como o contexto da conversa, o interlocutor, a idade dos falantes etc. Além disso, é importante ressaltar que, em alguns momentos, os participantes investigados produziam as duas línguas simultaneamente.

O fenômeno do *code-blending* é justamente essa simultaneidade relacionada à produção dos sujeitos bilíngues bimodais. Trata-se, portanto, de um recurso linguístico produto do bilinguismo marcado pelo contato linguístico entre a modalidade oral-auditiva das línguas orais e a modalidade visuoespacial das línguas de sinais. Esse recurso é realizado de modo simultâneo, por envolver duas línguas de modalidades diferentes, possibilitando que a produção abarque as duas línguas ao mesmo tempo. Desse modo, entendemos que os bilíngues unimodais não são capazes de produzir o *code-blending*, uma vez que, por limitação biológica, não é possível falar duas línguas orais ao mesmo tempo.

Alguns exemplos da ocorrência de produção em uma língua oral e uma língua de sinais ao mesmo tempo podem ser vistos em (4) e (5):

- (4) ASL: NOW I RECENTLY GO-TO
IN: Now I recently go-to

(EMMOREY *et al.*, 2008, p.48)

blending com muito mais frequência do que o *code-switching*, assim como apontado por Petitto *et al.* (2001) e Emmorey *et al.* (2005, 2008). Mais especificamente, Emmorey *et al.* (2005) reportam em seus resultados que os bilíngues bimodais raramente realizam o *code-switching*. Em vez disso, os bilíngues bimodais produzem majoritariamente o *code-blending*, em que os sinais são realizados simultaneamente com palavras da língua oral. Nesse estudo, que investigou a interação entre inglês e ASL em 11 bilíngues bimodais adultos, os autores detectaram uma taxa 95% de sinais da ASL ocorrendo simultaneamente com palavras em inglês, com apenas 5% de *code-switching*. Essa porcentagem de *code-blending* em comparação com o *code-switching* é bastante semelhante aos resultados relatados por Petitto *et al.* (2001), que investigaram produções de bilíngues bimodais em crianças de três a quatro anos de idade, considerando a língua de sinais quebequense e o francês oral como línguas relevantes. Mais especificamente, Petitto *et al.* (2001) relataram uma taxa de 94% de enunciados com *code-blending*, enquanto apenas 6% de *code-switching*.

Do ponto de vista cognitivo, os estudos indicam que, nos bilíngues, a interação entre línguas distintas é evidência de que as duas línguas ficam cognitivamente ativas nesses falantes. Muysken (2000), investigando o *code-switching*, por exemplo, aponta para a existência de diferentes padrões, que estariam sujeitos a diferentes análises e que refletiriam, em termos psicolinguísticos, diferentes graus de ativação das línguas envolvidas. Mais especificamente, Muysken (2000, p. 3) toma como ponto de partida os seguintes padrões de *code-switching*: (i) inserção de material (itens lexicais ou constituintes inteiros) de uma língua em uma estrutura da outra; (ii) alternância entre estruturas das duas línguas envolvidas; e (iii) lexicalização congruente de material de diferentes inventários lexicais em uma estrutura gramatical compartilhada. Segundo o autor, em termos psicolinguísticos, essa distinção pode ser compreendida com base em diferentes graus de ativação de componentes de ambas as línguas, sendo que os fatores psicolinguísticos que determinam a escolha entre esses diferentes processos incluem questões tais como a proficiência bilíngue, o nível de monitoramento nas duas línguas, o desencadeamento de determinado idioma por itens específicos e o grau de separação dos sistemas de armazenamento e acesso.

Nessa mesma linha, Milroy e Muysken (1995) apontam que a habilidade dos bilíngues bimodais em alternar entre as línguas evidencia elevado nível de proficiência nas duas línguas, uma vez que comumente são línguas com estruturas sintáticas diferentes. Dessa forma, a maneira como os bilíngues bimodais produzem natural e espontaneamente alguns fenômenos, como a sobreposição de línguas, indica um tipo de interação entre as línguas, diferentemente do que é visto nos bilíngues unimodais.

Nas últimas duas décadas mais especificamente, o *code-blending* vem sendo um fenômeno discutido por vários autores, e o fato de ele ser exclusivo aos bilíngues bimodais provocou o desenvolvimento de pesquisas que tratam da interação entre línguas de sinais e línguas orais. Refletir sobre esses trabalhos nos dá a oportunidade de conhecer e compreender melhor os possíveis padrões que envolvem a escolha de uma ou de outra língua, ou mesmo de ambas sobrepostas ou alternadas. Conforme os estudos sobre os bilíngues bimodais foram emergindo na literatura, tornou-se necessária a formulação de uma tipologia que categorizasse, então, esses dados, mostrando suas diferentes possibilidades de realização. Na próxima seção, apresentamos algumas dessas tipologias, com destaque para as propostas de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008), adaptada por Lillo-Martin *et al.* (2016) e Donati e Branchini (2013).

2.3 O *CODE-BLENDING* E AS PROPOSTAS DE TIPOLOGIA

Uma das tipologias disponíveis na literatura que investiga o fenômeno do *code-blending* é a proposta desenvolvida em Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008)⁶ e Baker e Van den Bogaerde (2008). Para tanto, as autoras se basearam em um estudo desenvolvido a partir de dados de três Kodas⁷ (filhos crianças ouvintes de pais surdos), com idade entre 1;06-6;00, adquirindo a língua de sinais holandesa NGT (*Nederlandse Gebarentaal*) e o holandês oral. É importante ressaltar que, nessa tipologia, os enunciados são classificados com base no seu conteúdo semântico, independentemente das estruturas sintáticas. Mais especificamente, os dados são divididos em quatro tipos com diferentes padrões de sobreposição entre a língua oralizada e a língua de sinal⁸.

Com base em Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) e Baker e Van den Bogaerde (2008), Lillo-Martin *et al.* (2016) propõem uma nomenclatura adaptada, contemplando exatamente os quatro tipos de padrões originalmente propostos, mas generalizando a tipologia proposta, que pode ser aplicada no *code-blending* envolvendo diferentes línguas, para além

⁶ Ressaltamos que Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) incluem em sua investigação enunciados de *code-blending* em que há a produção de sinais simultâneos a palavras oralizadas, mas que não têm vibração das cordas vocais (voz) ou sussurro. A inclusão ou não de *mouthings* em estudos envolvendo *code-blending* varia entre os autores. Em Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008), por exemplo, tais realizações são consideradas, mas em Emmorey (2008) e no projeto Bibibi não. Nesta pesquisa, como anunciado, tais produções não foram consideradas.

⁷ *Kids Of Deaf Adults*

⁸ Os tipos de *code-blending* propostos são assim nomeados por van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) e Baker e van den Bogaerde (2008): (i) *Code-blended, Dutch Base Language*; (ii) *Code-blended, NGT Base Language*; (iii) *Code-blended, Full* e (iv) *Code-blended, Mixed*.

daquelas originalmente investigadas. Neste trabalho, seguiremos as nomenclaturas propostas por Lillo-Martin *et al.* (2016), descrevendo os seguintes tipos de formações: (i) *code-blending* de base oral; (ii) *code-blending* de base sinalizada; (iii) *code-blending* total; e (iv) *code-blending* misto, tal como apresentamos a seguir.

i) *Code-blending* de base oral

Esse tipo é expresso em enunciados produzidos inteiramente em língua oral nos quais, mesmo com a produção de alguns sinais simultaneamente, não há uma contribuição adicional de significado. Isto é, os sinais realizados são semanticamente congruentes com as palavras orais, como em (8):

(8)	NGT:		VALLEN
	Translation:		fall
	Dutch:	die gaat	vallen
	Translation:	that goes	fall
	Translation of utterance: ‘That (doll) is going to fall’		
	(VAN DEN BOGAERDE; BAKER, 2008, p.7)		

No exemplo (8) anterior, a NGT expressa somente o item lexical VALLEN (‘fall’), enquanto o holandês oral é produzido em todo o enunciado. Nota-se que VALLEN (‘fall’) não acrescenta qualquer informação ou significado e é produzido de forma congruente semanticamente à palavra *vallen* (‘fall’), na língua oral, caracterizando um *code-blending* de base oral.

ii) *Code-blending* de base sinalizada

Esse tipo de *code-blending* é oposto ao anterior, uma vez que o enunciado é expresso inteiramente na língua de sinais, e as palavras pronunciadas oralmente não acrescentam significado adicional, ocorrendo a mesma congruência semântica do tipo i), como visto em (9):

- (9) NGT: INDEX_{hij}⁹ JAS BLAUW
 Translation: he coat blue
 Dutch: blauw
 Translation: blue
 Translation of utterance: ‘He has a blue coat’

(VAN DEN BOGAERDE; BAKER, 2008, p. 8)

A diferença entre o *code-blending* de base oral para o *code-blending* de base sinalizada é a língua que se apresenta de modo completo no enunciado e cuja gramática é seguida. Como pode ser visto em (9), a língua de sinais holandesa é produzida inteiramente no enunciado, enquanto a língua oral se expressa somente com o item lexical *blauw* (‘blue’), sem acrescentar qualquer significado e sendo congruente semanticamente com BLAUW (‘blue’) na língua sinalizada.

iii) *Code-blending* total

Nesse terceiro tipo, enunciados completos são produzidos nas duas línguas, isto é, as duas línguas não coocorrem somente em alguns sinais e palavras, mas sim durante todo o enunciado. Um exemplo dessa ocorrência pode ser visto em (10):

- (10) NGT: ALLEMAAL KAN-NIET
 Translation: all cannot
 Dutch: allemaal kan niet
 Translation: all cannot
 Translation of utterance: ‘None of us can do [that]’

(VAN DEN BOGAERDE; BAKER, 2008, p. 9)

É possível notar que, em (10), a NGT e o holandês estão sendo produzidos ao mesmo tempo de forma completa e congruente: ALLEMAAL (‘all’) e KAN-NIET (‘cannot’) são produzidos nas duas línguas e com o mesmo ordenamento sintático, sendo gramatical nas duas línguas.

⁹ O uso de INDEX_{hij} significa um sinal apontando para *hij* ‘ele’, conforme explicitado em nota de rodapé do trabalho de Lillo-Martin *et al.* (2016).

iv) *Code-blending* misto

Esse quarto tipo de *code-blending* corresponde a uma produção simultânea em que ambas as línguas são necessárias para a construção do significado da sentença de forma completa. Nesse tipo, acontece a produção de sinais e palavras simultâneas, as quais, no entanto, não são totalmente correspondentes entre si. Dessa forma, tais itens simultâneos podem ser da mesma classe de palavras, mas terem semânticas diferentes ou podem até mesmo pertencer a classes de palavras diferentes.

(11)	NGT:	POLITIE	ANDER	MENSEN	SCHIETEN
	Translation:	police	other	people	shoot
	Dutch:	politie	andere	mensen	doodmaken
	Translation:	police	other	people	kill
	Translation of utterance: ‘The police shot the other people’				

(VAN DEN BOGAERDE; BAKER, 2008, p. 8)

Em (11), é possível observar a expressão de enunciados completos nas duas línguas e de forma congruente. Entretanto, alguns sinais e palavras não são exatamente sinônimos, apesar de apresentarem correlação semântica, como em SCHIETEN, da língua de sinal, cuja denotação corresponde ao verbo “atirar”, e *doodmaken*, produzido na língua oral, que corresponde, por sua vez, ao verbo “matar”. Nesse caso, é interessante ressaltar que é possível fazermos até mesmo uma discussão do estatuto categorial desses elementos, uma vez que SCHIETEN na NGT pode ser analisado como “tiro” (ou o verbo “atirar”), enquanto *doodmaken*, por sua vez, corresponde ao verbo “matar”. As duas palavras são do mesmo campo semântico, mas não possuem exatamente o mesmo significado e é a combinação entre ambas durante a produção simultânea que produz uma significação completa.

Para além da proposta de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) e Baker e Van den Bogaerde (2008), adaptada em Lillo-Martin *et al.* (2016), também encontramos na literatura a tipologia de *code-blending* desenvolvida em Donati e Branchini (2013). Na justificativa da relevância desse tipo de pesquisa, as autoras apontam que a investigação acerca da produção de bilíngues bimodais tem o potencial de contribuir para o entendimento do estatuto da ordem das palavras e, conseqüentemente, das questões de linearização das estruturas sintáticas, já que se trata de um único enunciado produzido simultaneamente em duas modalidades diferentes e pelo mesmo sujeito em línguas que podem, no entanto, apresentar diferenças nessa ordenação. As autoras ressaltam ainda que a independência dos sistemas linguísticos envolvidos na

coprodução traz informações cruciais sobre a competência bilíngue e, de modo geral, sobre a arquitetura da gramática. É por esse motivo, então, que, no trabalho das autoras, os Cudas passam a ser sujeitos de investigação, uma vez que estão expostos a uma língua oral e a uma língua de sinais desde a infância.

Em seu estudo, Donati e Branchini (2013) compuseram um *corpus* com produções de bilíngues bimodais de italiano e língua italiana de sinais (LIS) e delinearam três tipos de *blendings*: (i) o *blending* dominante, (ii) o *blending* misturado e (iii) o *blending* independente, tal como apresentamos na sequência. É interessante ressaltar que os dados foram analisados e classificados pelas autoras tendo como foco, mais especificamente, a linearização dos enunciados:

i) *Blending* dominante

Nesse tipo de *blending*, acontece a produção de uma oração completa e dominante apenas em uma modalidade, com poucas palavras ou sinais da outra modalidade, sem nenhuma adição de significado. Dessa forma, conforme observado em (12)¹⁰, somente CL-GIVE é expresso na LIS, enquanto, em (13), somente a sinalização SAY SAY ocorre durante a oralização de outras palavras, inclusive de forma não alinhada. Assim, mesmo tendo uma língua de dominância, nos dois casos o italiano, nem sempre a simultaneidade estará marcada de forma congruente.

(12) It. La strega dà la mela a Biancaneve
 The witch give.3SG the apple to Snow White
 LIS: CL-GIVE
 ‘The witch gives the apple to Snow White’

(13) It. La regina disse
 the queen say.3SG

LIS: SAY SAY

‘The queen says’

(DONATI; BRANCHINI, 2013, p.104)

¹⁰ Donati e Branchini (2013) adotaram uma convenção de registro dos dados em que há representação dos sinais em LIS utilizando palavras em inglês com letras maiúsculas. Os classificadores são representados por CL e IX para a indexação pronominal. Não houve marcação de expressões não manuais e indexação verbal e nominal, sendo uma glosa ligeiramente simplificada, mas que apresenta as informações mais relevantes para a análise dos dados apresentados pelas autoras.

Nota-se em (12) que a língua dominante é o italiano e que a LIS tem a produção de somente um elemento, o GIVE (CL-GIVE). Esse elemento se apresenta sincronizado com o item correspondente na língua oral ('give', em inglês), o que, no entanto, não acontece em (13). Nesse segundo exemplo, além de estar duplicada, a produção do item relevante na LIS não está sincronizada com a língua oral: o verbo SAY em LIS encontra-se alinhado com o determinante *la* ('the') e com o substantivo *regina* ('queen') do italiano, mas não com o verbo *disse* ('say'), que seria o correspondente semântico na língua oral. Dessa forma, segundo Donati e Branchini (2013), esses dados sugerem certa autonomia na ordem de palavras, mesmo com a dominância de uma das línguas.

ii) *Blending* misturado¹¹

Nesse tipo de produção, há um enunciado misturado cujos elementos são distribuídos entre as duas línguas e, conseqüentemente, entre dois canais articulatórios distintos. Crucialmente, o enunciado é completo e significativo apenas se os fragmentos distribuídos nos dois canais forem agrupados em um enunciado único, sendo que os canais podem ainda incluir alguns elementos reduplicados. Em (14), por exemplo, há a produção de um item lexical em italiano e de outro item na LIS; os dois se complementam e apresentam uma enunciação completa.

(14) It. Lo
 I
LIS: WIN
 'I won'

(15) It. Parla con Biancaneve
 talk.PRES.3SG with Snow White
LIS: TALK HUNTER
 'The hunter talks to Snow White'

(DONATI; BRANCHINI, 20103, p. 110)

¹¹ Apontamos ao leitor que, por questões de organização do capítulo, apresentamos os tipos (ii) e (iii) em ordem inversa da apresentação originalmente feita em Donati e Branchini (2013).

Dessa forma, em (14), é possível observar a distribuição dos elementos dos dois canais. Mais especificamente, *lo* ('I') em italiano e WIN em LIS complementam-se, formando um enunciado único e com significado abrangendo a combinação dos dois elementos. Do mesmo modo, em (15), HUNTER, que é o agente da sentença, é produzido somente na sinalização, enquanto o argumento interpretado como tema é realizado somente na língua oral. Assim, os pares de produção precisam ser integrados para que o significado completo seja atingido.

iii) *Blending* independente

Esse tipo de *blending* envolve, segundo as autoras, a produção simultânea de dois enunciados monolíngues independentes e aparentemente autônomos. Além disso, a produção pode ser ligeiramente diferente em ambas as línguas, podendo ser, por exemplo, semanticamente mais rica em uma das línguas do que na outra.

(16) It. Lavora a Rimini
 Work.PRES.3SG in Rimini
 LIS: WORK LOC
 'He Works there, in Rimini'

(17) It. I sete nani sono saliti
 The.PL seven dwarf.PL be.PRES.3PL climb.PTC
 LIS: SEVEN DWARVES CLIMB ON-SHOULDERS
 'The seven dwarves have climbed on the shoulders'

(DONATI; BRANCHINI, 2013, p.105)

Os exemplos em (16) e (17) ilustram como se deu o *code-blending* independente envolvendo a LIS e o italiano. Mais especificamente, em (16), na LIS, a especificação da localização se deu só por meio de uma indexação genérica locativa e, no italiano, por sua vez, houve a produção da cidade Rimini. Já em (17), o verbo usado em italiano é um "subir" genérico, enquanto o verbo em LIS incorpora um classificador locativo no verbo, especificando que a escalada ocorre nos ombros.

Segundo Donati e Branchini (2013), a seleção lexical é restrita por alguma pressão cognitiva, uma vez que estão sendo realizados elementos diferentes ao mesmo tempo, operando de forma autônoma nos dois canais articulatórios. Dessa forma, cognitivamente fica limitada a seleção lexical de duas línguas que operam em canais articulatórios diferentes ao mesmo tempo,

o que parece, na visão das autoras, apontar contra a existência de um Léxico misto entre as duas línguas.

Para além disso, as autoras consideram importante a questão da linearização, uma vez que as duas línguas relevantes prescrevem de forma diferente ordens de palavras não marcadas: o italiano é uma língua núcleo inicial, permitindo sujeito *pro-drop*, inversão de sujeito e uma ordem de palavras relativamente livre. A LIS, por sua vez, é uma língua de ordem SOV (sujeito-objeto-verbo) não marcada. Para lidar com a questão de como a linearização pode ser afetada na produção de dois enunciados autônomos, as autoras propõem três soluções de linearização atestadas no *corpus*.

1) Lexicalização congruente: as duas sequências apresentam a mesma ordem de palavras nas duas línguas, ainda que respeitando as suas gramáticas específicas, de forma que ocorre uma combinação completa e natural entre as palavras e os sinais realizados simultaneamente. Em (18), por exemplo, a ordem de palavras do italiano e da LIS segue a mesma estrutura, gerando uma congruência sintática e semântica, com a correspondência natural e completa entre as línguas.

(18)	It.	Lei	sa	tutto	
		she	know.3SG	everything	
	LIS:	IX	KNOW	ALL	
		‘She knows ererything’			(DONATI; BRANCHINI, 2013, p.107)

Essa correspondência se verifica no exemplo anterior porque os quantificadores universais, como ALL, são uma exceção à ordem OV (objeto-verbo) da LIS, seguindo sistematicamente o verbo. Assim, a ordem das palavras resultante naturalmente se sobrepõe.

2) Calque sintático: os dois enunciados seguem a ordem de palavras prescrita por uma das línguas, ou seja, ambos seguem a ordem da língua de sinais ou da língua oral relevante.

(19)	It.	Una	bambina	va	allo	zoo
		A	girl	go.3SG	to.the	zoo
	LIS:	GIRL		GO		ZOO
		‘The girl to the zoo’				

(20) It. Il Papà la mamma la sorella mangiato finito
 The Father the mother the sister eat.PTCP finish.PTCP
 LIS FATHER MOTHER SISTER EAT DONE

‘The father, the mother and the sister have done eating’

(DONATI e BRANCHINI, 2013, p.108)

Em (19) o locativo segue o verbo em ambos os enunciados. Para as autoras, no entanto, essa é a posição marcada em italiano, mas não em LIS, na qual o locativo deveria preceder o verbo. Em (20), por outro lado, o verbo principal *mangiato* (‘eat’) é seguido tanto em LIS quanto em italiano por um marcador aspectual/auxiliar, denotando completude. Entretanto, a posição desse elemento é pré-verbal no italiano e sua presença é ditada pela gramática da LIS.

3) Duas ordens de palavras: em termos de linearização, esse é um tipo bastante interessante de *blending*, uma vez que cada um dos enunciados segue a ordem de palavras licenciada em sua respectiva língua. Como resultado, os dois enunciados são produzidos simultaneamente, mas com uma ordem de palavras diferente.

(21) It. Ha detto: non sei tu
 Have.3SG say.PTPC NEG be.2SG you.SG
 LIS: SAY YOU NOT

‘(He) said it is not you’

(DONATI; BRANCHINI, 2013, p.109)

O exemplo em (21) envolve negação, que, normalmente, na LIS aparece após o verbo, e em italiano, antes do verbo. Essas restrições das línguas são respeitadas, de modo que os itens ficam desalinhados, gerando uma produção simultânea sem congruência sintática.

Dessa mesma forma, em (22), há também a ocorrência de duas ordens de palavras, dessa vez envolvendo elementos interrogativos.

(22) It. Chi ha chiamato?
 Who have.3SG call-PTPC
 LIS: CALL WHO

‘Who has called?’

(DONATI; BRANCHINI, 2013, p.109)

Em italiano, o elemento interrogativo posiciona-se à esquerda da sentença, enquanto na LIS, tal item é pronunciado no final da sentença. Em (22), as respectivas ordens específicas de cada língua são respeitadas, gerando o desalinhamento da produção simultânea.

No exemplo (23) a seguir, por sua vez, podemos ver uma incongruência da posição de pronomes na LIS e no italiano. Segundo as autoras, neste exemplo, o mesmo pronome é topicalizado à esquerda em italiano, mas à direita na LIS. Na verdade, as duas línguas são flexíveis quanto à posição desse elemento, permitindo o pronome tanto à esquerda quanto à direita na sentença. O exemplo (23) sugere, no entanto, que, mesmo quando há uma opção de linearização congruente, ela não é necessariamente escolhida, ou seja, a congruência não é obrigatória.

(23)	It.	Io	sempre	puntuale
		I	always	on-time
	LIS:	ALWAYS		ON-TIME IX
		‘As for me, I am Always on time’		(DONATI e BRANCHINI, 2013, p.109)

Nota-se que, em (23), mesmo que haja possibilidade de congruência do ponto de vista da linearização, o falante expressou *Io* (‘I’) no italiano à esquerda da sentença, enquanto tal posição é realizada pelo sinal ALWAYS na LIS. Em seguida, no momento em que, na língua oral, há a produção de *sempre*, na língua de sinais ficou uma lacuna, isto é, não houve uma sinalização. Por fim, *puntuale* (‘on-time’) em italiano foi produzido simultaneamente a um apontamento expresso por IX, correspondente ao pronome na LIS.

Colocadas em perspectiva, podemos fazer algumas correlações interessantes entre as duas tipologias apresentadas neste capítulo, tal como sistematizado a seguir, em que a coluna da esquerda traz a tipologia de Donati e Branchini (2013), incluindo as estratégias de linearização, enquanto a coluna da direita traz as possíveis correlações com a tipologia de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008), na nomenclatura adaptada por Lillo-Martin *et al.* (2016):

Figura 4 - Correlações entre as tipologias de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) e Donati e Branchini (2013).



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na tipologia de Donati e Branchini (2013), o *code-blending* dominante apresenta a realização de uma sentença completa e dominante apenas em uma modalidade. Se a modalidade dominante for a língua oral, temos uma correspondência com o *code-blending* de base oral na proposta de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008). Se a modalidade dominante for, por outro lado, a língua de sinais, temos uma correspondência com *code-blending* de base sinalizada na mesma tipologia. Já a caracterização do *code-blending* independente de Donati e Branchini (2013) parece aproximar-se do *blending* misto de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008), uma vez que a produção é semanticamente mais rica em uma das línguas do que na outra de modo que o significado do enunciado pode conter informações fornecidas por somente uma das duas

línguas. Da mesma forma, o *code-blending* do tipo misturado de Donati e Branchini (2013) parece também aproximar-se do *code-blending* misto de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008), visto que a característica central em ambas as tipologias é que o significado completo do enunciado depende das duas línguas envolvidas. No entanto, é importante enfatizar que, na tipologia de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) as incongruências previstas são de dois tipos: o sinal e a palavra podem pertencer à mesma classe de palavras, mas serem semanticamente diferentes ou podem pertencer a diferentes classes de palavras. Nos exemplos fornecidos por Donati e Branchini (2013), por sua vez, não parece haver limites estabelecidos para a sobreposição de elementos incongruentes.

Já em termos de linearização, apesar de a proposta de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008) não abordar esse aspecto em específico, é possível estabelecer algumas correlações interessantes. Mais especificamente, a lexicalização congruente de Donati e Branchini (2013) acaba por aproximar-se do *code-blending* total na proposta de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008), uma vez que enunciados completos são produzidos nas duas línguas em sequências que apresentam a mesma ordem de palavras. Além disso, em relação ao calque sintático, percebemos que a base oral ou sinalizada é o que guia a formação do enunciado. Desse modo, sendo possível identificar se o calque é de base oral ou sinalizada, podemos também prever uma semelhança com o *code-blending* dominante de base oral ou sinalizada na proposta de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008). Apesar disso, é importante ressaltar que não se trata de uma correspondência total em relação ao *code-blending* dominante, uma vez que o calque se dá na esfera sintática, como vimos em (19) e (20) de Donati e Branchini (2013). Por sua vez, a linearização com duas ordens de palavras parece, na nossa perspectiva, não encontrar uma correlação direta com a tipologia de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008).

Finalmente, é importante ter em mente que, embora interessantes, as correlações aqui traçadas não podem ser tomadas como absolutas, uma vez que as distintas tipologias apresentadas são ancoradas em questões de pesquisa igualmente distintas.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Além de apresentar a simultaneidade, de forma geral, como efeito de modalidade, este capítulo a discute nas línguas de sinais, tratando de questões sobre as diferenças de modalidade entre línguas gesto-visuais e orais-auditivas. De forma mais específica, contextualizamos o

code-blending como um fenômeno de simultaneidade licenciado como efeito da própria modalidade, uma vez que não há competição entre os articuladores das línguas de sinais e orais.

A partir dessa contextualização, o *code-blending* foi apresentado e discutido como um recurso linguístico marcado pela coprodução de línguas de modalidades diferentes. Os bilíngues bimodais são os únicos sujeitos capazes de produzir esse tipo de fenômeno, porque os bilíngues de línguas unimodais, por limitações fisiológicas não conseguem produzir duas línguas orais ou duas línguas sinalizadas ao mesmo tempo. Além disso, vale ressaltar que o *code-blending* é um fenômeno altamente produtivo nos discursos dos bilíngues bimodais.

Em seguida, apresentamos as tipologias propostas por Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008), com as respectivas nomenclaturas adaptadas em Lillo-Martin *et al.* (2016), nos seguintes termos: (i) *code-blending* de base oral; (ii) *code-blending* de base sinalizada; (iii) *code-blending* total e (iv) *code-blending* misto. Apresentamos também a tipologia de Donati e Branchini (2013), que propõem as seguintes categorias: (i) *code-blending* dominante, (ii) *code-blending* misturado e (iii) *code-blending* independente, sendo o último com três possíveis estratégias de linearização: a lexicalização congruente, o calque sintático e as duas ordens de palavras.

Finalmente, embora as tipologias tenham em sua base questões de natureza distintas, buscamos explicitar, entre as duas propostas, possíveis correlações, a partir das quais, no capítulo seguinte, com base no nosso *corpus* de pesquisa, vamos trabalhar com os seguintes tipos de *code-blending*:

- (i) *code-blending* dominante de base sinalizada;
- (ii) *code-blending* dominante de base oral;
- (iii) *code-blending* independente;
- (iv) *code-blending* misturado;
- (v) *code-blending* total;
- (v) *code-blending* com calque sintático;

Essa tipologia será adotada para a discussão e classificação dos dados apresentados no capítulo 3 a seguir, em que trazemos nossa contribuição de base empírica.

3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS: ANÁLISES QUANTITATIVA E QUALITATIVA

Neste capítulo, oferecemos um tratamento quantitativo e qualitativo dos dados coletados no âmbito desta pesquisa, buscando explicitar as propriedades empíricas do fenômeno de *code-blending*, envolvendo bilíngues bimodais falantes de libras e português.

Mais especificamente, os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa foram coletados por meio vídeos “caseiros” disponibilizados em redes sociais na internet espontaneamente produzidos por três surdos oralizados e bilíngues bimodais. Em termos quantitativos gerais, destacamos que foi coletado um total 183 enunciados, somados os três colaboradores, sendo que, em 154 deles, foram detectadas realizações de *code-blending*. Esse resultado quantitativo aponta para uma preferência interessante, nos limites dos nossos dados, por enunciados contendo realização simultânea, em vez de enunciados monolíngues. Todas as instâncias de *code-blending* foram, então, classificadas a partir da tipologia definida no capítulo anterior. Em linhas gerais, é interessante apontar que o tipo *code-blending* mais identificado nos nossos dados foi o dominante de base sinalizada, estando presente em 110 enunciados do total de ocorrência. Essa informação parece apontar para uma preferência dos colaboradores bimodais em produzir as duas línguas, mas com a língua de sinais em evidência, sendo, portanto, dominante no enunciado.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 3.1, apresentamos a metodologia do processo de coleta e transcrição dos dados; na seção 3.2, fazemos uma análise quantitativa dos dados que constituem o *corpus* da pesquisa; já na seção 3.3, trazemos uma apresentação qualitativa, buscando explorar os tipos de *blendings* que aparecem nos dados coletados; na seção 3.4, discutimos, outras propriedades empíricas que se destacam na nossa análise; por fim, a seção 3.5 traz as considerações finais do capítulo.

3.1 METODOLOGIA DE COLETA E TRANSCRIÇÃO DE DADOS

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada a partir de vídeos disponibilizados na internet¹² produzidos por surdos oralizados e bilíngues bimodais. Mais especificamente, coletamos e transcrevemos um total de 8 vídeos, totalizando 14 minutos e 23 segundos. Foram

¹² O formato de coleta dos dados da pesquisa se justifica pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19), que surpreendeu todo o mundo com sua chegada e intensidade. Com isso, tornou-se inviável a filmagem presencial dos participantes, conforme planejado inicialmente. Devido a isso, a pesquisa tomou um novo formato, partindo para uma análise de vídeos já disponibilizados na internet.

selecionados vídeos de 3 colaboradores diferentes, surdos oralizados sinalizantes, sendo 2 deles do sexo feminino e 1 do sexo masculino, na faixa etária entre 30 e 50 anos.

As colaboradoras do sexo feminino possuem formação superior ao nível de doutorado, atuam no ambiente acadêmico e científico e são das regiões sul e sudeste; enquanto o colaborador do sexo masculino é da região sudeste e atua na área de artes, intitulado-se como um multiartista. Infelizmente, não foi possível averiguar dados como o grau de proficiência e a idade em que tiveram contato com a libras ou em que houve a aquisição dessa língua, devido ao perfil de coleta adotado. A justificativa, no entanto, para a tomada desses vídeos como um meio para a formação de um *corpus* interessante é que eles são produzidos pelos sinalizantes para divulgação de diversas temáticas para a comunidade Surda, tais como, congresso, Covid, entre outros, e são disponibilizados em canais nos quais é de conhecimento que a comunidade ouvinte também acessa, o que, possivelmente, estimula a oralização simultânea com a sinalização, favorecendo o tipo de dado investigado nesta pesquisa.

Além disso, tais colaboradores foram selecionados tendo em vista sua intensa atuação nas redes sociais e o alto nível de envolvimento com a comunidade Surda. Dessa forma entendemos que a mensagem sinalizada claramente teria um público específico, o que justifica, como veremos a seguir, a dominância da língua de sinais nos dados de *code-blending* produzidos. Além disso, ressaltamos que todos os colaboradores são atuantes na comunidade Surda, de forma tanto acadêmica quanto científica ou artística, sendo que as redes sociais impulsionam o alcance do conteúdo para pessoas surdas e para ouvintes, o que justifica o expressivo número de produções contendo *code-blending*, quando comparados aos dados sem a presença desse fenômeno.

É importante ressaltar que a escolha pela produção desses sujeitos surdos em vídeos tidos como “caseiros” é bastante interessante e adequada para a nossa pesquisa, visto que os participantes estão em um ambiente confortável e, possivelmente, sem a influência de outros falantes naquele momento, o que, provavelmente, faz com que a produção seja mais natural do que seria em um ambiente mais controlado. Entretanto, é notável que os vídeos têm o intuito de produzir mensagens à comunidade Surda e tratam de contextos que expõem opiniões sobre variados temas, passando por diversas esferas da vida social, como a acadêmica, a doméstica e a artística, com potencial de engajamento, tanto da comunidade surda quanto da comunidade ouvinte. Mais especificamente, os temas dos vídeos coletados vão desde a pandemia da Covid-19, passando por convites para evento universitário, para publicação de trabalhos acadêmicos e divulgação de novos projetos acadêmicos, bem como indicações de produtos para limpeza doméstica, além de campanhas para a cultura surda e até mesmo apresentações artísticas em

libras. É interessante ressaltar ainda que os vídeos se encontram em domínio público e podem ser acessados pelas redes sociais do *YouTube* e *Facebook*. Essa disponibilização em redes sociais alcança também um público ouvinte, e isso pode estimular o uso de ambas as línguas, uma vez que os participantes surdos sabem que é possível alcançar as duas comunidades de fala. Considerando que os colaboradores são indivíduos que circulam nas comunidades surda e ouvinte, é possível admitir que eles desfrutam de certo conforto no uso de ambas as línguas, de modo que ter o alcance dos dois públicos, surdo e ouvinte, promove maior visibilidade e engajamento do conteúdo divulgado.

Os vídeos selecionados foram, então, analisados de acordo com a produção nas duas línguas, ou seja, libras e português: na língua de sinais, a análise segmentou sinal por sinal; na língua portuguesa, foram consideradas as palavras inteiramente pronunciadas. Os dados relevantes foram, então, transcritos para constituir o *corpus* de análise. Para organizar a transcrição e a classificação dos dados, os vídeos foram reduzidos para a velocidade 0.25x, de possibilitando visualizar, de modo mais preciso, sinais que são feitos muito rapidamente devido ao perfil de vídeo caseiro, gravado naturalmente, além das oralizações simultaneamente realizadas. As análises foram discutidas em, pelo menos, 11 reuniões de orientações, com duração 2h a 4h cada. Nessas discussões, levantamos pontos de dúvida, de transcrição, de minutagem, além de assistirmos aos vídeos em velocidade reduzida inúmeras vezes para dar conta das glosas nas duas línguas e, posteriormente, em velocidade normal como forma de conferência. Para além disso, finalizadas as transcrições, os dados foram novamente revisados e analisados.

Na transcrição dos dados, paralelamente ao procedimento adotado pela literatura apresentada no capítulo anterior, empregamos glosas em formato de anotação com o intuito específico de coletarmos as ocorrências de simultaneidade e de analisá-las a partir das tipologias discutidas. Mais especificamente, a glosa em libras aparece com letras em caixa alta e nomeada com o LSB (língua de sinais brasileira), enquanto a glosa em língua portuguesa é representada com caixa baixa, nomeada de PO (português oral), sendo as duas glosas ilustradas paralelamente. Logo abaixo delas, trazemos a tradução do enunciado marcada por aspas simples. Para tais anotações, apresentamos o Quadro 1 com os dados convencionados para transcrição e anotação dos dados:

Quadro 1 - Convenção para a transcrição e anotação dos dados.

Anotação	Convenção	Exemplo
Um sinal da libras transcrito por uma palavra do português	Caixa alta	POESIA
Um sinal da libras transcrito por mais de uma palavra do português	Caixa alta e hífen	CASA-ESTUDO
Marcação de gênero	Substituição por @	SURD@
Verbos¹³	Emprego de infinitivo	SINALIZAR
Um mesmo sinal realizado com configurações de mão ligeiramente diferentes (variação fonológica) ou por sinais diferentes da libras (variação lexical)	Numeração como (1), (2), (3), etc.	OLÁ1(1) OLÁ2(2)
Prolongamento do sinal ou palavra	-----	LSB: PORTEIRO ATRÁS VIDRO PO: porteiro----- vidro
Sinal da libras realizado com repetição	Indicação (reduplicação)	INDIVÍDUO(reduplicação)

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como apontado no Quadro 1, considerando que a relação de um-para-um, ou seja, uma palavra para um sinal e vice-versa, nem sempre se mantém, como fica evidente no caso dos compostos, por exemplo, optamos por anotar tais formações da libras com caixa alta e separadas por hífen, como em CASA-ESTUDO, que também aparece no exemplo abaixo, correspondente a “escola” no português. Seguindo os pressupostos de Rodero-Takahira (2015), a opção por caixa alta de ESCOLA nos faria pensar que sua produção em libras seria somente com um sinal, o que não é o caso. Por outro lado, apresentando-se em caixa baixa (casa + estudo), faria referência à tradução em português, o que também não se mostra adequado.

¹³ As quatro primeiras anotações são apontadas já no trabalho de Ferreira-Brito (1995) e empregadas por diversos autores em suas pesquisas, como em Takahira (2015), por exemplo.

No dado em (24), por exemplo, é possível visualizar a simultaneidade entre as línguas explicitada na transcrição a partir da sobreposição entre o sinal CASA-ESTUDO e a palavra “escola” no português. Essa palavra se prolonga (indicado por -----) até a finalização do sinal correspondente.

- (24) LSB: TER DIFÍCIL CASA-ESTUDO PRÓPRI@ SURD@
 PO: tem escola----- próprio surdo
 “É difícil ter uma escola própria para surdos.”

Para fins de segmentação de enunciados, foi necessário analisar a sinalização e determinar em que momento seria o início e o fim de uma sentença. Para tanto, fizemos uma análise minuciosa e detalhada de toda a sinalização, a fim de encontrar pontos que pudessem marcar uma quebra de sentença. A esse respeito, Leite (2008), a partir das reflexões de Schegloff (2000), aponta que os interlocutores tendem a apresentar sinais corporais de que irão iniciar uma frase ou um turno do discurso:

Schegloff cita como pistas dessa etapa “pré-inicial” das sobreposições o que ele chama de “sinais comportamentais do corpo” (i.e. gesticulações manuais, realinhamento postural) e “práticas comuns para iniciar turnos” (i.e. inspiração audível de ar (LEITE, 2008, p. 179).

Nessa perspectiva, buscamos detectar o início e a interrupção dos enunciados, analisando os sinais corporais e até mesmo os sinais em si. Sendo assim, entre as marcas que utilizamos para delimitar sentenças, destacamos: pausas do discurso; movimentos de cabeça indicando um outro assunto; movimentos do corpo e deslocamentos do olhar (quando o olhar se vira para outra direção diferente daquela que já vinha acontecendo durante o discurso, como olhar para cima, para baixo, para os lados). Para além disso, apoiamo-nos em marcadores conversacionais, que, na libras, são realizados de formas diferentes do português oral. Por exemplo, em libras, o início de muitos enunciados é marcado pelo sinal de ENTÃO, que podemos definir como sendo um marcador conversacional de quebra de sentença. É interessante apontar ainda que, na glosa, optamos por colocar parênteses contendo reticências para marcar quando há continuação da fala, já que, em muitos casos, a linha do editor de texto utilizada não comportava o tamanho total da sentença.

Finalmente, é importante ressaltar que, conforme discutido na seção 2.1 deste trabalho, diferenciamos a presença dos *mouthings*, morfema boca, sussurro e de *code-blending*. Essa

diferenciação é relevante para que, na apresentação dos dados, não haja dúvidas do que consideramos, efetivamente, uma instância de *code-blending* no âmbito deste trabalho. Mais especificamente, foram classificadas como *code-blending* as produções simultâneas de língua oral e sinalizada em que as palavras da língua oral são realizadas com som nítido e compreensível.

Com essas considerações metodológicas em mente, passamos, na próxima seção, para uma exposição quantitativa dos dados coletados.

3.2 APRESENTAÇÃO QUANTITATIVA

Nesta seção, exploramos quantitativamente a presença de *code-blending* nos dados dos 3 colaboradores selecionados para esta pesquisa. Para tanto, tomamos como base a proposta de Van den Bogaerde e Baker (2005, 2008), na nomenclatura adaptada por Lillo-Martin *et al.* (2016), bem como a proposta de Donati e Branchini (2013), tal como apresentado no capítulo anterior. Dentro dessa discussão e a partir dos dados encontrados no nosso *corpus*, selecionamos, no âmbito desta pesquisa, as seguintes classificações de tipos de *code-blending*:

- a) *Code-blending* Dominante de Base Sinalizada: em que a libras aparece como língua de dominância em um enunciado completo, com poucas palavras realizadas no português oral;
- b) *Code-blending* Dominante de Base Oral: em que o português aparece como língua de dominância em uma frase completa, com poucas palavras realizadas na libras;
- c) *Code-blending* Independente: em que o enunciado possui palavras de campos semânticos diferentes, trazendo ligeiramente alguma informação a mais;
- d) *Code-Blending* Misturado: em que o enunciado mistura elementos que foram distribuídos entre as duas línguas, de modo que o enunciado só é completo e significativo se esses elementos forem agrupados;
- e) *Code-blending* Total: em que o enunciado aparece completo nas duas línguas e ambas seguem a mesma ordem de palavras;

- f) *Code-blending* com Calque Sintático: em que o português e a libras aparecem cada um com um enunciado completo, seguindo a estrutura sintática de uma das línguas, sendo que a outra apresenta um calque sintático.

Dessa forma, no Quadro 2 a seguir, sistematizamos, por completo, as informações a respeito da classificação do *corpus* a partir dos tipos de *code-blendings* encontrados. Para além disso, trazemos também os casos de enunciado sem *code-blending* para efeito de comparação em termos quantitativos. Nesse quadro, representamos os enunciados indicados de forma alfanumérica, em que a letra indica a sequência dos enunciados (primeiro enunciado = A, segundo enunciado = B, etc.), já o número indica o vídeo (vídeo 1, vídeo 2, vídeo 3, etc.). Na coluna lateral, apresentamos o tipo de *code-blending* identificado naquele enunciado. É possível notar que muitos enunciados seguidos têm a mesma tipologia de *code-blending*, razão pela qual foram mesclados na mesma célula do quadro. Logo em seguida, na terceira coluna, trazemos o *link* com o endereço eletrônico de onde o vídeo foi retirado para coleta de dados; por último, a localização no vídeo indicando o início de fim da minutagem em que o enunciado foi segmentado. Ressaltamos ainda que a anotação completa dos enunciados pode ser consultada no Apêndice A.

Quadro 2 – Enunciados classificados por tipos de *code-blending*.

	Entrada no Apêndice	Tipo de <i>code-blending</i>	<i>Link</i> do vídeo	Localização no vídeo
1	A1	Dado descartado	https://www.facebook.com/michelle.murta1/videos/2833375986681138	00:00 - 00:05
2	B1	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:06 – 00:11
3	C1	Dado descartado		00:11 – 00:15
4	D1			00:15 – 00:20
5	E1	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:21 – 00:27
6	F1			00:28 – 00:31
7	G1	Dado descartado		00:32 – 00:35
8	H1	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:37 – 00:39
9	I1			00:39 – 00:47

10	J1	Dado descartado		00:48 – 00:49	
11	K1			00:51 – 00:55	
12	L1			00:56 – 00:57	
13	M1			00:58 – 00:59	
14	N1	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		01:00 – 01:06	
15	O1			01:06 – 01:08	
16	P1			01:09 – 01:11	
17	Q1			01:12 – 01:20	
18	A2	Dado descartado	https://www.facebook.com/michelle.murta1/videos/3198875500131183	00:00 – 00:06	
19	B2	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:08 – 00:17	
20	C2	Dado descartado		00:18 – 00:23	
21	D2	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:24 – 00:29	
22	E2	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:30 – 00:45	
23	F2	Dado descartado		00:45 – 00:48	
24	G2	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância			00:49 – 00:53
25	H2				00:54 – 01:04
26	I2				01:08 – 01:12
27	J2				01:14 – 01:20
28	K2				01:20 – 01:24
29	L2				01:24 – 01:31
30	M2				01:31 – 01:41
31	N2				01:41 – 01:49
32	O2				01:49 – 01:53
33	P2				01:54 – 01:57
34	Q2		01:59 – 02:15		
35	R2		02:15 – 02:21		
36	S2		02:21 – 02:29		
37	T2		02:30 – 02:35		

38	U2			02:37 – 02:40
39	A3	Dado descartado	https://www.facebook.com/michelle.murta1/videos/3247672411918158	00:00 – 00:06
40	B3	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:07 – 00:12
41	C3	Dado descartado		00:13 – 00:16
42	D3	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:18 – 00:23
43	E3			00:24 – 00:26
44	F3	Dado descartado		00:27 – 00:32
45	G3			00:33 – 00:34
46	H3			00:38 – 00:41
47	I3	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:44 – 00:50
48	J3	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais		00:51 – 00:54
49	K3	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:55 – 01:06
50	L3			01:07 – 01:10
51	M3	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais		01:12 – 01:14
52	A4	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		https://www.youtube.com/watch?v=0wCGODZbNSY
53	B4		00:11 – 00:19	
54	C3		00:20 – 00:27	
55	D4	<i>Code-blending</i> independente	00:27 – 00:30	
56	E4	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância	00:32 – 00:38	
57	F4		00:38 – 00:41	
58	A5	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância	https://www.youtube.com/watch?v=u45rKogTYTc	00:01 – 00:09
59	B5			00:09 – 00:18
60	C5			00:18 – 00:35
61	D5	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais		00:35 – 00:37

62	E5	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:37 – 00:47
63	F5			00:48 – 00:53
64	G5			00:54 – 01:01
65	H5			01:01 – 01:10
66	I5			01:10 – 01:13
67	J5			01:14 – 01:24
68	K5			01:24 – 01:29
69	L5			<i>Code-blending</i> misturado
70	M5	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância	01:37 – 01:45	
71	N5		01:45 – 01:51	
72	O5		01:52 – 01:56	
73	P5	<i>Code-blending</i> independente	01:56 – 02:00	
74	Q5	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância	02:00 – 02:05	
75	R5		02:00 – 02:09	
76	A6	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:00 – 00:02
77	B6			00:02 – 00:05
78	C6			00:05 – 00:10
79	D6			00:11 – 00:15
80	E6	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais	https://www.youtube.com/watch?v=t1NBKUxBJDE&t=95s	00:16 – 00:17
81	F6	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:17 – 00:21
82	G6			00:22 – 00:32
83	H6			00:32 – 00:39
84	I6			00:39 – 00:46
85	J6			00:46 – 00:51
86	K6			00:51 – 00:55
87	L6			00:55 – 00:58
88	M6			00:58 – 01:01
89	N6			01:02 – 01:04

90	O6			01:04 – 01:06
91	P6			01:06 – 01:12
92	Q6			01:12 – 01:19
93	R6			01:19 – 01:22
94	S6			01:22 – 01:24
95	T6			01:24 – 01:27
96	U6			01:28 – 01:35
97	V6			01:36 – 01:38
98	W6			01:40 – 01:47
99	X6	<i>Code-blending</i> com calque sintático		01:47 – 01:49
100	Y6	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		01:49 – 01:53
101	Z6			01:53 – 01:56
102	A(6.1)			01:56 – 01:58
103	B(6.1)			01:59 – 02:03
104	C(6.1)			02:03 – 02:06
105	D(6.1)	<i>Code-blending</i> com calque sintático		02:07 – 02:09
106	E(6.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:10 – 02:19
107	F(6.1)	<i>Code-blending</i> com calque sintático		02:20 – 02:21
108	G(6.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:22 – 02:27
109	H(6.1)	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais		02:27 – 02:28
110	I(6.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como		02:28 – 02:33

11 1	J(6.1)	língua de dominância		02:33 – 02:36
11 2	K(6.1)	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais		02:37 – 02:38
11 3	L(6.1)	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem		02:38 – 02:38
11 4	M(6.1)			02:38 – 02:42
11 5	N(6.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:42 – 02:43
11 6	O(6.1)			02:43 – 02:47
11 7	P(6.1)	<i>Code-blending</i> com calque sintático		02:47 – 02:50
11 8	A7			00:05 – 00:07
11 9	B7	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem		00:07 – 00:09
12 0	C7			00:10 – 00:18
12 1	D7	<i>Code-blending</i> dominante de base oral – português como língua de dominância		00:18 – 00:35
12 2	E7			00:36 – 00:41
12 3	F7			00:41 – 00:42
12 4	G7	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras		00:43 – 00:45
12 5	H7			00:45 – 00:47
12 6	I7			00:47 – 00:51
12 7	J7			00:52 – 00:55
12 8	K7	<i>Code-blending</i> dominante de base oral – português como	https://www.youtube.com/watch?v=Bcq6GPYmfPo	00:55 – 00:57

		língua de dominância	
12 9	L7	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras	00:58 – 01:00
13 0	M7	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais	01:01 – 01:06
13 1	N7	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras	01:08 – 01:10
13 2	O7	<i>Code-blending</i> misturado	01:10 – 01:14
13 3	P7	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância	01:15 – 01:19
13 4	Q7		01:19 – 01:26
13 5	R7	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras	01:26 – 01:28
13 6	S7		01:30 – 01:31
13 7	T7		01:31 – 01:33
13 8	U7	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância	01:33 – 01:38
13 9	V7		01:40 – 01:42
14 0	W7	<i>Code-blending</i> com calque sintático	01:42 – 01:44
14 1	X7	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras	01:47 – 01:52
14 2	Y7		01:53 – 01:57
14 3	Z7		01:57 – 01:59
14 4	A(7.1)	<i>Code-blending</i> com calque sintático	02:00 – 02:04
14 5	B(7.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância	02:04 – 02:09

14 6	C(7.1)	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais		02:09 – 02:12
14 7	D(7.1)	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras		02:13 – 02:15
14 8	E(7.1)			02:15 – 02:16
14 9	F(7.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:16 – 02:21
15 0	G(7.1)			02:22 – 02:24
15 1	H(7.1)			02:24 – 02:26
15 2	I(7.1)			02:26 – 02:26
15 3	J(7.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base oral – português como língua de dominância		02:27 – 02:28
15 4	K(7.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:28 – 02:30
15 5	L(7.1)			02:31 – 02:33
15 6	M(7.1)	<i>Code-blending</i> misturado		02:34 – 02:34
15 7	N(7.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:35 – 02:38
15 8	O(7.1)	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais		02:40 – 02:41
15 9	P(7.1)			02:41 – 02:41
16 0	Q(7.1)	Dado descartado		02:42 – 02:44
16 1	R(7.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:45 – 02:49
16 2	S(7.1)	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras		02:48 – 02:50

16 3	T(7.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:50 – 02:51	
16 4	U(7.1)	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais		02:52 – 02:52	
16 5	V(7.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:53 – 02:54	
16 6	W(7.1)	Ausência é <i>code-blending</i> – produção somente na língua de sinais		02:54 – 02:55	
16 7	X(7.1)	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		02:56 – 02:56	
16 8	Y(7.1)			02:58 – 03:01	
16 9	A8	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras	https://www.youtube.com/watch?v=1q4FPXg6ABk	00:04 – 00:13	
17 0	B8			00:18 – 00:18	
17 1	C8	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância		00:18 – 00:22	
17 2	D8			00:23 – 00:24	
17 3	E8			00:25 – 00:28	
17 4	F8			<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras	00:28 – 00:30
17 5	G8			<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância	00:30 – 00:31
17 6	H8	00:37 – 00:45			
17 7	I8	<i>Code-blending</i> dominante de base oral – português como língua de dominância			00:53 – 01:01
17 8	J8	<i>Code-blending</i> total – duas línguas seguem a mesma ordem de palavras			01:03 – 01:06
17	K8	<i>Code-blending</i> independente			01:07 – 01:10

9			
180	L8	<i>Code-blending</i> dominante de base sinalizada – libras como língua de dominância	01:10 – 01:17
181	M8		01:24 – 01:27
182	N8		01:27 – 01:28
183	O8		01:30 – 01:32

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

É importante destacar que, dos 183 enunciados coletados, 17 foram descartados da análise. Entre os dados descartados estão os casos que geraram dúvidas na transcrição porque os vídeos caseiros apresentaram ruídos que atrapalharam o entendimento da oralização. Além disso, entre os descartes estão as produções de sussurros e *mouthings*, que não consideramos ser uma oralização completa da palavra. Finalmente, nos casos em que somente uma parte da palavra foi oralizada, optamos também por descartar esses dados.

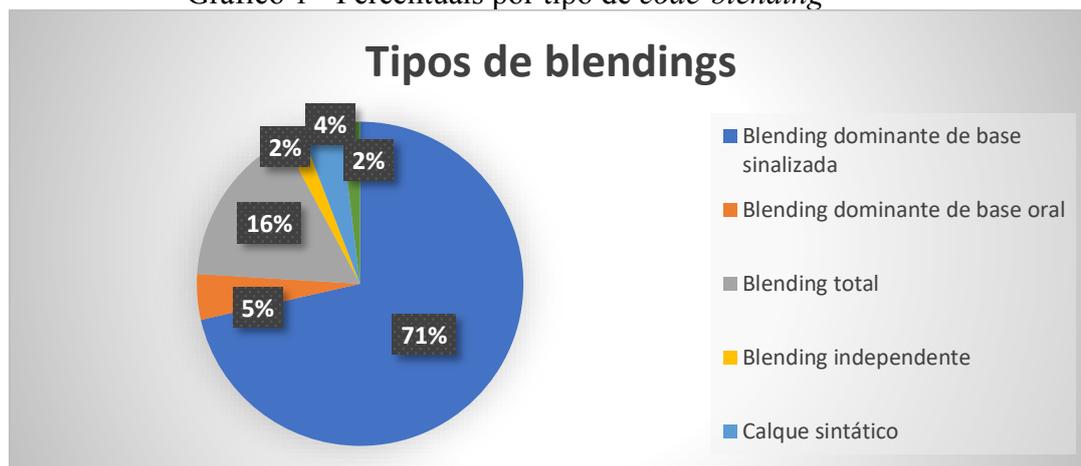
A partir da sistematização trazida no Quadro 2, explicitamos, em seguida, o quantitativo dos tipos de *code-blending* encontrados.

Quadro 3 - Quantitativo de *code-blendings* encontrado no *corpus* por tipo

Quantidade de entradas de <i>blendings</i> no <i>corpus</i>	154
<i>Blending</i> Dominante de Base Sinalizada	110
<i>Blending</i> Dominante de Base Oral	7
<i>Blending</i> Independente	3
<i>Blending</i> Misturado	3
<i>Blending</i> Total	25
<i>Blending</i> com calque sintático	6

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

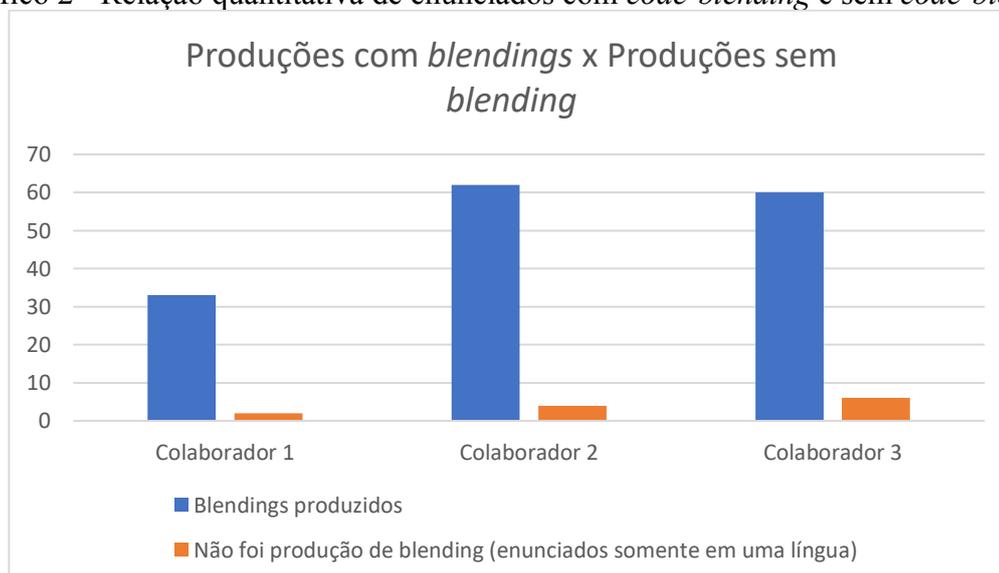
Dessa forma, sistematizamos a seguir, no Gráfico 1, os tipos de *blendings* realizados, comparando-os em termos percentuais:

Gráfico 1 - Percentuais por tipo de *code-blending*

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

É possível notar que, no nosso *corpus*, os dados encontrados são majoritariamente do tipo dominante de base sinalizada (71%), o que pode ser explicado pelo nível de envolvimento dos colaboradores com a comunidade Surda, que é o público específico dos vídeos. Na sequência, destaca-se o *code-blending* total, que corresponde a 16% das produções encontradas. Em uma porcentagem bastante similar entre si estão os seguintes tipos: o *code-blending* dominante de base oral (5%) e o *code-blending* do tipo calque sintático (4%), além do *code-blending* independente e do *code-blending* misturado (com 2% de produção cada).

É importante ressaltar ainda que a quantidade de produções com *code-blending* – representada pelas barras azuis no Gráfico 2 a seguir – é bastante superior à quantidade de produções sem *code-blending* – representada pelas barras laranja.

Gráfico 2 - Relação quantitativa de enunciados com *code-blending* e sem *code-blending*.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em números, temos a produção de 154 enunciados com *code-blending* no total de todos os colaboradores, enquanto 12 enunciados foram produzidos somente em uma língua, em todos os casos, na língua de sinais. É interessante observar que, no recorte desta pesquisa, os dados coletados chamam a atenção para a preferência pela produção de *code-blending* na fala de bilíngues bimodais, principalmente em contexto em que o alvo do discurso são as pessoas surdas, mas por meio de canais, como as redes sociais, às quais a comunidade ouvinte também tem acesso.

Seguindo com a análise quantitativa, no Quadro 4, é possível visualizar a quantidade de enunciados por colaborador, incluindo os tipos de *blendings* produzidos. Optamos por explicar também enunciados que não apresentaram simultaneidade, porque foram realizados somente na língua de sinais para fins de comparação quantitativa por colaborador. Os dados descartados, como sinalizamos anteriormente, também seguem explicitados.

Quadro 4 - Quantificação dos enunciados com *code-blending* por colaborador.

	Total de enunciado	dominante		Total indep.	Calque	misturado	sem <i>code-blending</i>	Descartado	
		base oral	base sinal.						
Colaborador 1	51	0	33	0	0	0	2	16	
Colaborador 2	66	0	54	1	2	4	1	4	
Colaborador 3	66	7	23	24	1	2	2	6	
TOTAL	183	7+110=117		25	3	6	3	12	17

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir da sistematização no Quadro 4, é possível destacar, inicialmente, que todos os colaboradores produziram majoritariamente enunciados contendo *code-blending*, quando comparamos tal produção com a quantidade de enunciado somente em uma língua. Quando enunciados desse tipo foram realizados, todos eles foram produzidos unicamente na língua de sinais. Para além disso, em todos os colaboradores, o tipo *code-blending* mais encontrado foi o dominante de base sinalizada. Notamos ainda que o calque sintático e o *code-blending* misturado ocorreram apenas no colaborador 2 (4 produções/ 1 produção, respectivamente) e no colaborador 3 (2 produções de cada tipo).

Em relação ao colaborador 3, mais especificamente, é preciso ressaltar que ele é o único a produzir o *code-blending* dominante de base oral (todas as 7 produções). Esse colaborador também apresentou um número consideravelmente alto de produções de *code-blending* total (24 das 25 produções desse tipo). Embora, pela limitação do tipo de coleta que fizemos, seja

difícil especular as razões para esse fato, aventamos que, possivelmente, isso se deva à própria natureza dos vídeos, em que o colaborador 3 visava, por exemplo, a transmitir uma mensagem institucional a respeito da comunidade Surda e da cultura Surda. Dessa forma, a utilização da língua oral, como base da dominância em alguns casos (7 produções) e formando enunciados completos em outros, como no *code-blending* total (24 produções), pode, talvez, ser explicada por um desejo de que a mensagem alcance também de modo efetivo a comunidade ouvinte como meio de divulgação da comunidade Surda.

Para além disso, o que pensamos ser um possível diferencial, para resultar em produções de *code-blending* de tipos diferentes entre os colaboradores, seria o público-alvo, uma vez que os colaboradores 1 e 2 buscavam atingir um público surdo e ouvinte mais envolvido com o ambiente acadêmico, sendo este, possivelmente, maioria no público de cada uma de suas redes sociais. Já o colaborador 3 visava também a atingir surdos e ouvintes, mas com uma fala mais aproximada do seu público, principalmente por se tratar de cultura Surda e por querer expor situações pelas quais pessoas surdas passam e que, talvez, muitos ouvintes não compreendam. Daí a necessidade de o discurso também atingir o público ouvinte.

Finalmente, chama a atenção o fato de que 17 dados precisaram ser descartados sendo 16 deles, do colaborador 1. Como apontamos anteriormente, esse foram casos em que os vídeos caseiros apresentaram ruídos que atrapalharam o entendimento da oralização, além de produções de sussurros e *mouthings*, que não consideramos ser uma oralização completa da palavra. Nos casos em que somente uma parte da palavra foi oralizada, optamos também por não considerar os dados, que também foram descartados.

3.3 APRESENTAÇÃO QUALITATIVA

Nas subseções a seguir, fazemos uma apresentação qualitativa dos dados a partir das mesmas classes de *code-blending* discutidas em termos quantitativos. Para tanto, selecionamos alguns exemplos de produções que ilustram cada tipo de *code-blending* detectado nesta pesquisa. Além disso, trazemos para a discussão outras propriedades empíricas relacionadas ao *code-blending* que puderam ser encontradas no curso da própria pesquisa.

Da mesma forma, o exemplo em (26) segue padrão semelhante ao enunciado anterior, em que toda a produção foi realizada com sentido completo na língua de sinais e com palavras simultâneas em português em “então”, “usar” e “casa”. Interessante apontar a oralização de “limpa” mesmo após a finalização do enunciado em libras. Nesse caso, o enunciado permanece na classificação de *blending* dominante de base sinalizada, já que segue a estrutura da libras com apenas alguns elementos do português. Seguindo a característica do *code-blending* de base sinalizada, o enunciado em libras se mostrou completo, explicitando a língua predominante desses falantes.

Nos exemplos a seguir, o colaborador 2 também apresentou produções de *code-blending* de base sinalizada, como em (27) e (28)

(27) LSB: ENTÃO FENEIS ESPERAR VOCÊS TCHAU

PO: Feneis espera você

“Então, a Feneis Libras espera por vocês. Tchau.”

(28) LSB: OLÁ(1) BEM JOIA EU(2) GOSTAR JUNTO SINAL-NELSON

PO: olá bem gosto

“Olá, tudo bem? Eu gosto de trabalhar com o Nelson.”

Em ambos os exemplos, o colaborador 2 seguiu a estrutura da língua de sinais, tornando o enunciado completo nessa língua, enquanto que na língua portuguesa foram produzidas somente algumas palavras sem significado adicional. Em (27), as palavras, “Feneis”, “espera” e “você” foram oralizadas simultaneamente aos sinais correspondentes na libras: FENEIS, ESPERAR, VOCÊS e em (28) as palavras “olá”, “bem” e “gosto” seguiram o mesmo critério e foram realizadas no mesmo momento dos sinais correspondentes na libras. É interessante ressaltar que, apesar da dominância da língua de sinais, há evidência do emprego de recursos gramaticais do português nos elementos oralizados, como a flexão verbal, em “espera” e “gosto”, cuja oralização realiza a concordância entre verbo e sujeito, tal como previsto na gramática do português.

Não diferente dos demais, o colaborador 3 também produziu o tipo de *code-blending* dominante de base sinalizada, mesmo que em quantidade menor:

- (29) LSB: APERTAR-BOTÃO IX COMUNICAR IMPEDIR-COMUNICAR COMO
 PO: _____ como
 “Como que faz para se comunicar com ele?”

De maneira semelhante aos casos anteriores, no exemplo (29) temos uma ilustração do mesmo tipo de *code-blending* com ocorrência de simultaneidade em apenas um ponto do enunciado. Nesse caso, a palavra “como” foi produzida ao mesmo tempo em que o sinal COMO foi realizado em libras. Além disso, é interessante notar que a posição do interrogativo no português segue a ordem realizada em libras, apesar de essa não ser a posição mais natural desse elemento em uma sentença do português, o que mostra a dominância da libras nesse enunciado.

Nos limites dos dados quantitativos desta pesquisa, apontamos que os falantes bilíngues bimodais têm preferência por produções com *code-blending* em comparação com enunciados em uma única língua. Exemplo da preferência por ocorrência com *code-blending* pode ser visto em (30) a seguir, em que é possível notar a presença do sinal PERFEITO em libras, concomitante à oralização da palavra em português. Além disso, o colaborador produziu expressões corporais e faciais para demonstrar que tem braços fortes através de gestos.

- (30) LSB: RESTO CORPO PERFEITO BRAÇO BRAÇO ENM-FORTE
 PO: o resto do meu corpo perfeito oh-----
 “O resto do meu corpo é perfeito. Oh!”

No momento da realização da expressão não manual, a única oralização (“oh”) foi de uma expressão da língua portuguesa para quando estamos mostrando algo, por exemplo. Outro ponto é que, embora o colaborador pudesse ter somente realizado em libras o sinal de VER sendo realizado com direcionalidade para o braço, optou por oralizar concomitantemente a interjeição “oh”. Isso demonstra ser um momento em que a libras seria a língua de base para a construção do enunciado, e a língua oral atuou como um complemento, o que parece apontar para uma preferência desse falante por recursos da língua de sinais – considerando que na língua oral também existem recursos linguísticos para expressar que o indivíduo tem braços fortes.

3.3.2 Code-blending dominante de base oral

No *code-blending* de base oral, diferentemente do *code-blending* de base sinalizada, o falante produz todo o enunciado na língua oral, com alguns sinais da língua sinalizada de forma

simultânea. Entretanto, esses sinais não apresentam contribuições de significado ao enunciado, que já está completo na língua oral. Em relação a esse tipo de produção, foram encontrados 7 enunciados no total, correspondente a 5% das produções, todos eles produzidos pelo colaborador 3, como exemplificado em (31):

- (31) LSB: PORQUE NÃO-VER
 PO: porque não dá pra ver
 “Mas não dá para ver”

Nesse exemplo, o colaborador 3 utilizou o português oral como base, com evidências no meio da sentença, em que ele oraliza “não dá pra ver”, enquanto realiza somente o sinal de NÃO-VER em libras, sendo que haveria possibilidade de coocorrência total uma vez que existem correspondentes na libras para “não dá pra ver”. Entretanto, esse enunciado em libras se tornaria agramatical, não seguiria a estrutura da língua, evidenciando a preferência pela língua portuguesa neste momento.

Outro exemplo de *code-blending* de base oral produzido pelo colaborador 3 pode ser visto a seguir:

- (32) LSB: COMEÇAR ENTRAR POESIA PORQUE ANTES SOFRER
 PO: ela começou a entrar na poesia porque antes ela sofreu
 “Ela começou a entrar na poesia porque antes disso ela sofreu”

Nesse exemplo (32), o colaborador pronuncia oralmente duas vezes a palavra “ela” e não sinaliza nada simultaneamente, mesmo havendo a correspondência desse termo em libras. Esses pontos citados indicam certa evidência de que a língua oral foi a língua base neste enunciado, uma vez que vários elementos característicos e predominantes na língua oral são privilegiados, no sentido de que poderia ser utilizado um termo com correspondente em libras ou sequer haver a oralização do termo, como em alguns momentos de produção oral e nenhum sinal. É interessante ressaltar que, embora seja possível observar a dominância da língua oral, essencialmente porque o enunciado em libras não está completo, quando comparamos as realizações de *code-blending* de base oral, com o de base sinalizada, há, no primeiro caso, muito mais elementos produzidos na língua não dominante do que nos dados do segundo tipo.

Além disso, levantamos a hipótese de que, possivelmente, o colaborador 3 possua mais fluência nas duas línguas, ao ponto de produzir com mais conforto correspondentes semânticos durante a simultaneidade com mais frequência do que os demais colaboradores.

3.3.3 *Code-blending* independente

O *code-blending* independente é caracterizado pelo fato de as duas línguas envolvidas terem palavras e sinais correspondentes, mas de campos semânticos diferentes, podendo ainda acrescentar alguma informação a mais ao enunciado. Esse tipo de realização foi encontrado nas produções dos colaboradores em 3 ocorrências, correspondendo a 2% do total, sendo produzido pelos colaboradores 2 (1 produção) e 3 (2 produções).

No *code-blending* do tipo independente, além de as duas línguas serem necessárias para a construção do significado completo, a realização simultânea pode ser congruente ou não. Dizemos que a incongruência ocorre quando sinal e palavra são simultâneos, mas não são correspondentes lexicais diretos. No exemplo (33) a seguir, é possível notar que há uma incongruência na categoria dos itens que coocorrem:

- (33) LSB: ENTÃO PRAZO ABRIL PARCERIA JUNTO UFMG
 PO: abril parceria junto Minas
 “O prazo é até abril. É uma parceria com a UFMG.”

As duas línguas são realizadas ao mesmo tempo parcialmente, o que significa que os sinais ABRIL PARCERIA JUNTO UFMG são simultâneos a “abril parceria junto Minas”. Um fato interessante nessa produção é a incongruência entre o sinal UFMG e a palavra Minas, em que houve a permanência de um mesmo campo semântico, sendo, por isso, classificado como *blending* independente, embora uma informação seja a mais.

Outro exemplo de *code-blending* independente no nosso *corpus* é o ilustrado em (34).

- (34) LSB: INTERESSAR SLAM CORPO
 PO: ela começou ver slam do corpo
 “Ela começou a ver e se interessar pelo slam do corpo”

Nesse dado, o colaborador realiza oralmente “ela começou ver”, ao mesmo tempo em que realiza o sinal de INTERESSAR, com um prolongamento, inclusive, do sinal para que durasse até o final da oralização. Nesse caso, o falante produziu as duas línguas respeitando as suas estruturas sintáticas, pois, assim como no exemplo anterior, poderia também ocorrer ELA COMEÇAR VER em libras ou ainda a oralização de INTERESSAR. Ao que indica, o

colaborador 3 tem grande fluência nas duas línguas, a ponto de utilizar os recursos lexicais disponíveis por ambas para gerar um enunciado mais completo de significado.

3.3.4 *Code-blending total*

De 154 ocorrências de *code-blending* registradas no nosso *corpus*, o do tipo total apareceu em 25 enunciados, correspondendo a 16% dos dados e pode ser percebido nas produções de dois colaboradores. Nesse tipo de formação, as duas línguas coocorrem totalmente, estando o enunciado completo, tanto na língua oral como na língua de sinais. Nos nossos dados, ocorre ainda uma lexicalização congruente, com o mesmo ordenamento sintático entre as duas línguas, como ilustrado em (35) e (36), produzidos pelos colaboradores 3 e 2, respectivamente.

(35) LSB: EU SOU SURD@

PO: eu sou surdo

“Eu sou surdo.”

(36) LSB: COMEÇAR 8----- MÊS IDADE

PO: desde os oito meses de idade

“Desde os meus 8 meses de idade.”

Nesses exemplos, os enunciados estão completos de significado em libras e no português oral, além de seguirem uma ordenação sintática que atende às duas línguas. Nota-se que, embora, na sinalização, seja também aceitável outro tipo de ordenação sintática caracterizada como tópico, por exemplo “Surdo, eu sou”, os falantes em questão optaram por seguir a ordem que gerasse congruência com o português oral e, conseqüentemente, produziram o *code-blending* total, uma vez que as duas línguas estão completas e sintaticamente adequadas. Considerando que os colaboradores são fluentes nas duas línguas, torna-se confortável produzi-las com a mesma ordenação sintática e com o mesmo significado. O mesmo acontece com o exemplo (37), com toda a estrutura sintática das duas línguas sendo respeitada em todo o enunciado.

3.3.5 *Code-blending* com calque sintático

O *code-blending* com calque sintático foi classificado em 6 enunciados, correspondendo a 4% do total de produções simultâneas. Desses, 4 enunciados foram realizados pelo colaborador 1 e os outros 2 pelo colaborador 3. Nesse tipo de *code-blending*, os dois enunciados seguem a formulação de enunciado prescrita por uma das línguas, sendo que a outra apresenta o calque sintático, como em (37):

(37) LSB: DENTRO SINAL-FLORIANÓPOLIS DIMINUIR(2)

PO: dentro Florianópolis----- menor

“Em Florianópolis (o gasto) vai diminuir.”

O exemplo (37) do colaborador 2 foi classificado como calque sintático, uma vez que exemplifica independência entre as línguas, visto que há sinalização e oralização simultâneas durante todo o discurso, mas a estrutura sintática da libras foi privilegiada, fazendo com que os itens lexicais do português não formassem uma sentença gramatical. O mesmo pode ser observado em (38) e (39):

(38) LSB: MAS(1) INTÉRPRETE PRECISAR FORMAÇÃO ÁREA

PO: mas intérprete precisa formação na área

“Mas o intérprete precisa ter uma formação na área.”

(39) LSB: PRECISAR TER ROSTO PARECER SURD@

PO: precisa ter cara que parece surdo

“Precisa ter cara de surdo?”

Em (38) e (39), o colaborador 3 produz todo o enunciado simultâneo entre as línguas oral e sinalizada. Entretanto, nota-se, no primeiro exemplo, que a libras segue sua estrutura gramatical, evidenciando a preferência por essa língua, enquanto o português, novamente, fica agramatical, uma vez que o enunciado não é gramaticalmente completo sem o verbo leve “ter” ou mesmo sem um elemento preposicionado, como “de”. Tais elementos não são necessários na libras, de forma que não foram realizados no português, gerando um calque sintático pela dominância da língua de sinais. No segundo exemplo acontece o mesmo: a estrutura da libras é respeitada, enquanto no português não, havendo ausência de alguns elementos necessários

para a gramaticalidade da língua. Enunciados como esses poderiam caracterizar-se como *blending* total caso as duas línguas estivessem gramaticais, ou ainda *blending* dominante de base sinalizada se o português não preencher todas as correspondências lexicais, sendo o inverso verdadeiro para o *blending* dominante de base oral. Poderia, ainda, ser um *blending* misturado, mas para isso seria necessário que as línguas se completassem e gerassem significado completo entre elas, o que não ocorre.

3.3.6 *Code-blending* misturado

Esse tipo de *blending* se caracteriza pela mistura dos enunciados distribuídos entre uma língua oral e uma língua de sinais, de modo que o enunciado só tem significado completo se esses elementos forem agrupados. Na nossa coleta, identificamos um total de 3 ocorrências de *blending* misturado, em que somente 1 foi realizado pela colaboradora 2, e os outros 2 pelo colaborador 3. Exemplo desse tipo de formação pode ser visto em (40):

(40)¹⁴ LSB: (...) LEITURA ESCRITA EXPRESSÃO COMUNICAÇÃO
 PO: (...) tendo interesse comunicação
 “[...], tendo interesse na leitura e na escrita como forma de expressão e comunicação”.

Nesse exemplo do colaborador 2, caracterizamos como *blending* misturado por haver um pedaço de informação em cada língua: em libras foi realizado ESCRITA, e em português oralizado “tendo interesse”. Como não são elementos congruentes sintaticamente, tampouco do mesmo campo semântico, estão seguindo a característica principal deste tipo de *code-blending*, em que cada língua traz uma contribuição diferente para o enunciado. Outro exemplo dessa natureza pode ser visto no enunciado do colaborador 3, em (41):

¹⁴ O enunciado em questão apresenta-se de forma recortada para caber na limitação das margens, de forma que somente o trecho que trata do *blending* misturado seja visualizado. O enunciado completo pode ser conferido no Apêndice A, em L5.

- (41)¹⁵ LSB: ACABAR¹⁶ SÓ----- SÓ MINHA ORELHA FUNCIONAR JEITO (...)
 PO: apenas só a minha audição não funciona o jeito (...)
 “Apenas a minha audição que não funciona do jeito que a sociedade quer.”

Em (41), embora o colaborador apresente a negação em português pela oralização de “não”, na libras não visualizamos nenhum elemento que caracterizasse a negação, nem o sinal nem a expressão não manual; sendo assim, são informações em línguas diferentes que se complementam para a construção do significado do enunciado.

3.4. DISCUSSÃO DE OUTRAS PROPRIEDADES EMPÍRICAS

Para além da tipologia de *code-blending*, outro ponto importante que queremos levantar diz respeito à realização de um morfema boca em detrimento da oralização que já vinha sendo feita no enunciado, como buscamos exemplificar no dado a seguir:

- (42) LSB: EU DENTRO TER ORGANIZAR TUDO VÍDEO (...)
 PO: tudo vídeo (...)

LSB: (...)MAIS 11 CAPÍTULO(reduplicação) CADA(reduplicação)
 PO: (...) mais onze capítulo----- cada-----

LSB: (...) ¹⁷TEMA TEMA TEMA TEMA PODER INTERESSAR ASSISTIR
 PO: (...) tema tema tema

“Eu faço parte da organização dos vídeos e de mais 11 capítulos e cada um dos temas pode interessá-los a assistir.”

Embora seja possível perceber que esse colaborador vinha produzindo *code-blending* durante todo o enunciado a partir do item TUDO, há uma interrupção da oralização do

¹⁵ O mesmo apontamento da nota 14 se repete aqui: o enunciado está recortado para caber nas margens do texto. O enunciado completo pode ser visto no Apêndice A, em O7.

¹⁶ Como o trecho do vídeo já se inicia com um sinal cortado, não é possível saber exatamente o sinal, razão pela qual optamos por usar o sinal mais próximo dos parâmetros que puderam ser observados.

¹⁷ Nos casos de reduplicação, em que há a produção oral da palavra, optamos por manter a glosa completa (TEMA TEMA TEMA TEMA), facilitando a visualização da simultaneidade ocorrida; quando não há a oralização, marcamos com a palavra reduplicação entre parênteses.

português à medida que se aproximam os sinais INTERESSAR e ASSISTIR. A nossa hipótese é que tal interrupção ocorre quando há ocorrência de um morfema realizado por um aperto de boca, o que podemos classificar como um morfema boca que traz a noção de “aspecto contínuo”, recurso característico das línguas de sinais, que indica uma continuidade relacionada ao que está sendo sinalizado, e que, nesse caso, foi usado em detrimento da língua oral. Para Bickford e Fraychineaud (2008), os morfemas boca desempenham um estatuto gramatical, ou seja, o morfema boca é quando a boca tem um papel inerente no significado do sinal de forma completa. Nos exemplos de INTERESSAR e ASSISTIR, Bickford (2008) classificaria como morfema-boca *mm*, um morfema realizado com a boca fechada e levemente apertada, indicando uma função aspectual. Outro exemplo pode ser visto em (43):

- (43) LSB: EU APRENDER USAR VERDADE BOM----- O-QUE
 PO: muito bom o que
 “E eu aprendi a usar da forma correta.”

Em (43), o colaborador 1 produz um tipo de *code-blending* dominante de base sinalizada, em que a produção da língua de sinais é completa, enquanto, no português, são produzidas somente algumas palavras. O que chama a atenção nesse caso é a simultaneidade entre os sinais BOM e a oralização “muito bom”, parecendo ser uma incongruência. Entendemos, no entanto, que o sinal de VERDADE na libras, nesse contexto, funciona como intensificador para o que está sendo afirmado no enunciado, inclusive com uma ENM marcando esse intensificador. Da mesma forma, o “muito” também funciona como um intensificador na língua portuguesa. No entanto, não foi possível oralizar o intensificador junto ao sinal de VERDADE porque o articulador da boca está, nesse ponto do enunciado, ocupado com a ENM. Ou seja, há certa sincronização na marcação desses intensificadores nas duas línguas, tanto que há uma extensão do sinal BOM para caber na oralização de “muito bom”. Isso pode evidenciar, mais uma vez, a preferência pela língua de sinais uma vez que seus recursos gramaticais se sobrepuseram à oralização.

Mais um ponto a ser discutido diante da análise dos dados coletados é a ocorrência de itens lexicais com semânticas distintas nas duas línguas, devido a uma provável interferência interlinguística, conforme (44):

- (44) LSB: SABER SOCIEDADE SEMPRE CHAMAR SURD@ MUD@
 PO: sabe a sociedade sempre chama os surdos de mudos
 “A sociedade sempre chama (nomeia) os surdos de mudos.”

Nesse exemplo, do tipo *code-blending* total, o colaborador 3 realizou o sinal de CHAMAR no sentido de convocação, enquanto, em português, realizou a palavra “chamar” com o sentido de nomeação. Podemos dizer que foi um momento claro de influência interlinguística, que é identificada quando há a aprendizagem de uma segunda língua com efeitos de transferência de uma língua para outra (LILLO-MARTIN, QUADROS, CHEN-PICHLER, 2016). Liceras *et al.* (2016) apontam que a interferência interlinguística é fruto da interação entre os sistemas das línguas orais e das línguas de sinais. Esse fenômeno pode evidenciar incongruência semântica, levando-nos a refletir sobre o acesso lexical em bilíngues, sendo foco o processo de compartilhamento de conceitos que envolvem as duas línguas, nesse caso, o conceito de “chamar”.

Emmorey *et al.* (2008) indicam que a maior parte das sobreposições de enunciados são conceitos equivalentes nas duas línguas, chamado de mistura semanticamente congruente¹⁸. Em libras, para as duas situações – no sentido de ‘convocar’ e no sentido de ‘nomear’ –, há sinais diferentes, e, no momento da sobreposição, o falante evidencia a ocorrência de interferência interlinguística ao optar por pronunciar oralmente “chama” com um conceito diferente do CHAMAR, que ele realizou em libras, sendo o sinal utilizado para a ação de chamar alguém, diferentemente do contexto de nomear alguém ou rotular alguém como surdo ou mudo.

No caso do exemplo (45) com CHAMAR, não são conceitos equivalentes e não há uma relação semântica. No português, podemos dizer que é o caso de palavras homônimas, com pronúncias iguais e significados diferentes.

Para Emmorey *et al.* (2008), há, na verdade, mais de uma língua matriz, sendo que, nos casos de bilinguismo, em alguns momentos, a língua matriz será a sinalizada, como a ASL, por exemplo, e em outros, será a língua oral, como o inglês. Quando a língua de sinais é a língua matriz, ela é quem dirige a derivação, fazendo com que a língua oral se acomode à estrutura da língua de sinais, ocasionando que uma língua se apresente com sentido completo e até mesmo com ordenações sintáticas diferentes entre si. Há ainda a possibilidade de não se identificar qual é a língua matriz, já que ambas aparecem gramaticais.

¹⁸ *Semantically congruent mixes*

Na nossa pesquisa, chegamos a conclusões semelhantes de que há momentos em que a língua de sinais parece ser a língua dominante. Já a predominância da língua oral foi apresentada por um único colaborador (colaborador 3) e em 7 ocorrências de um total de 154 *blendings*. Esses momentos podem variar dentro do mesmo discurso ou ainda manter a dominância de uma só língua. Registramos a dominância da língua de sinais por meio da preferência de produção de expressões não-manuais, gestos, morfemas-boca, *mouthings*, movimento de corpo e outros. A partir dessas observações, será interessante discutirmos hipóteses a respeito de como se daria, então, a derivação de duas línguas simultâneas em bilíngues bimodais, uma vez que evidenciamos que as duas línguas estão presentes e ativas na mente desses sujeitos.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Este capítulo apresenta uma discussão empírica dos dados coletados no âmbito da pesquisa, explicitando a metodologia empregada, bem como propondo uma classificação dos dados a partir das propostas de tipologia discutidas no capítulo anterior (VAN DEN BOGAERDE e BAKER, 2005, 2008, adaptada por LILLO-MARTIN *et al.*, 2016; DONATI e BRANCHINI, 2013).

Para tanto, realizamos uma discussão das propriedades dos tipos de *code-blending* encontrados no *corpus*, além de levantarmos outras propriedades empíricas relevantes, como a relevância dos morfemas boca, que são preservados em detrimento do *code-blending*. Em linhas gerais, destaca-se a produção majoritária de enunciados contendo *code-blending* em comparação a enunciados monolíngues. De modo geral, encontramos no nosso *corpus* dados dos seguintes tipos: (i) *code-blending* dominante de base sinalizada; (ii) *code-blending* dominante de base oral; (iii) *code-blending* independente; (iv) *code-blending* misturado; (v) *code-blending* total e (vi) *code-blending* com calque sintático.

É importante ressaltar que a maior parte das produções encontradas são correspondentes ao tipo *code-blending* de base sinalizada, o que parece evidenciar a preferência desses sujeitos com relação à língua de dominância. Os dados do colaborador 3, no entanto, indicam-nos ainda que pode haver uma variação entre a língua dominante no discurso: ora a língua oral se mostra mais presente, ora a língua de sinais. Essa alternância foi notada pela ocorrência de expressões não manuais, como morfemas boca, em detrimento da vocalização, por exemplo. Já a dominância da língua oral pode ser exemplificada quando o falante opta por manter em todo o discurso os itens lexicais do português, com informação incompleta na língua de sinais.

Os casos de incongruência lexical relacionados ao tipo *blending* independente, mesmo não sendo tão recorrente nos nossos dados, também se mostraram interessantes, uma vez que esse tipo de formação pode trazer informações sobre acesso lexical e sobre ativação das gramáticas relevantes, evidenciado pelo processo de interferência interlinguística observado em nossos dados, o que é comum em falantes de mais de uma língua.

Para além disso, encontramos também casos em que há a apenas realização da língua de sinais em toda parte do discurso, gerando enunciados sem *code-blending*. O que notadamente não ocorreu foram momentos de produção somente da língua oral, sendo mais uma evidência para a preferência pela sinalização.

Além disso, os dados coletados parecem demonstrar que não é necessário apresentar sentido completo durante a produção das duas línguas simultaneamente, isto é, somente a sinalização ou a oralização (quando completa) já bastariam para o entendimento da sentença, o que pode ser uma evidência de que as duas línguas estão ativadas nos bilíngues bimodais.

No capítulo a seguir, em que nos debruçamos sobre uma discussão de natureza mais teórica, colocamos em perspectiva três modelos teóricos gerativistas para o tratamento do *code-blending*: o Programa Minimalista, na proposta de MacSwan (2000); a Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993); e o Modelo da Síntese da Linguagem (LILLO-MARTIN *et al.*, 2016). Em seguida, estabelecemos uma relação entre essa discussão teórica e a proposta da análise dos dados, discutindo possíveis implicações desses dados para a arquitetura da gramática.

4 MODELOS TEÓRICOS NO TRATAMENTO DE *CODE-BLENDING*

As questões de natureza teórica vêm ganhando bastante destaque no âmbito das discussões sobre o fenômeno do *code-blending*. Mais especificamente, a literatura relevante tem-se dedicado a discutir qual seria o *design* mais apropriado da arquitetura da gramática para dar conta dessas produções simultâneas. Nesse panorama, alguns trabalhos dentro do programa teórico gerativista vêm sendo construídos no intuito de explicar a derivação sintática de proposições simultâneas de línguas de modalidades diferentes. Dessa forma, neste capítulo, apresentamos propostas desenvolvidas em modelos que consideramos interessantes na busca por uma arquitetura de gramática que seja capaz de explicar e prever as produções dos bilíngues bimodais: o Programa Minimalista (doravante PM), a Morfologia Distribuída (doravante MD) e o Modelo da Síntese da Linguagem (doravante MSL), sendo que este último perpassa pelas bases das demais teorias para a sua formulação. O escopo gerativista tem-se mostrado relevante para essas discussões por diversos motivos, um dos quais é sua organização modular, que possibilita investigações sobre a existência de uma ou duas derivações sintáticas distintas para a produção simultânea. Outro ponto é que, ao separar a computação sintática propriamente dita dos processos de realização fonológica, os panoramas gerativistas, de maneira geral, abrem perspectivas para discussão dos processos de linearização envolvidas nessas produções. Ainda assim, é preciso reconhecer as limitações que modelos de competência, como os discutidos neste capítulo, apresentam para questões que, essencialmente, envolvem fatores ligados à performance, como o fenômeno do *code-blending*. Isso porque a própria escolha ora por uma ou outra língua, ora pela simultaneidade delas perpassa por questões de performance, como o contexto linguístico, o público-alvo, entre diversos outros fatores que extrapolam questões estritamente de competência. Por isso, uma perspectiva mais completa do fenômeno necessitaria, essencialmente, aliar questões da teoria da gramática, com modelos de performance de base psicolinguística. No entanto, dada a amplitude da questão, ela extrapola os limites deste trabalho, que se debruça, por força do seu recorte, nas questões de base teórica.

Para amparar, então, as discussões de natureza teórica, este capítulo se divide da seguinte forma: em 4.1 há uma apresentação geral do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1993, 1995), destacando suas principais propriedades para a discussão do *code-blending*; em 4.2, apresentamos a visão de MacSwan (2000), que traz uma proposta para a produção de bilíngues unimodais desenvolvida especificamente dentro do quadro minimalista; em 4.3, delineamos as bases teóricas do modelo da MD (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), bem como suas contribuições para a explicação da possibilidade de simultaneidade nas

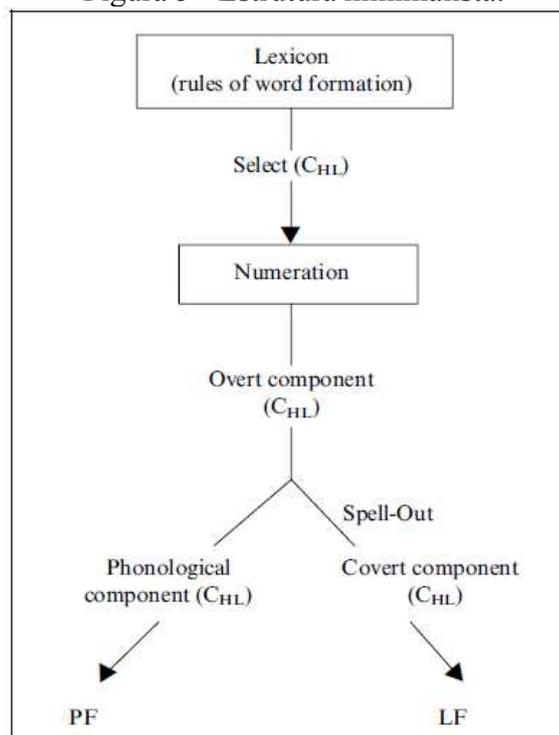
produções de bimodais; na seção 4.4, por sua vez, apresentamos o MSL, com um detalhamento do modelo de acordo com a proposta de Quadros, Chen-Pichler e Lillo-Martin (2016).

4.1 O PROGRAMA MINIMALISTA: UMA APRESENTAÇÃO GERAL

O PM (CHOMSKY, 1993; 1995 e muitos trabalhos subsequentes) é um dos desenvolvimentos atuais da Teoria Gerativa, tendo por base a busca por um aparato metodológico que seja o mais reduzido possível em relação às versões anteriores do panorama gerativista, como o Modelo de Regência e Ligação, por exemplo, desenvolvido a partir dos anos 1980. Dessa forma, no PM, há uma tentativa de se eliminar tudo que parece desnecessário para o funcionamento do sistema, no propósito de se manter um aparato técnico minimizado, a fim de produzir uma teoria o mais simples possível, justificando, assim, o termo “minimalista”.

Em linhas gerais, o PM se desenvolve dentro do escopo da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981) e assume o tradicional modelo em Y-invertido, tal como se pode ver na representação abaixo:

Figura 5 - Estrutura minimalista.



Fonte: Macswan (2000, p.44).

No PM, o ponto de partida para a derivação de uma expressão linguística é o Léxico, que contém os itens lexicais compreendidos como um conjunto de traços de naturezas distintas:

fonológicos, semânticos e morfossintáticos, esses últimos relevantes para guiar as operações do componente sintático. Além disso, o PM, sendo uma teoria lexicalista, também assume alguma capacidade gerativa no componente lexical, que é capaz de formar palavras complexas. A respeito da relevância dos traços morfossintáticos na arquitetura minimalista, Adger e Svenonius (2011, p. 2), afirmam que:

[...] traços são propriedades de átomos sintáticos e, portanto, são objetos diretos da teoria: um traço [plural], por exemplo, é usado de forma análoga ao uso químico de H para a coisa do mundo real hidrogênio. A partir desta perspectiva, é crucial dizer quais são as possíveis estruturas de traços tais que as propriedades dos traços permitem que eles se relacionem com outros traços, de forma análoga a dizer quais são as propriedades dos átomos de modo que eles possam se relacionar com outros átomos¹⁹.

Como um critério para comparação a respeito de qual será a derivação mais econômica e, portanto, aquela que converge na língua, o PM entende que o acesso ao léxico se dá uma única vez pela operação Selecionar, com a montagem da Numeração (ou Lista Numerada), que se configura exatamente como o conjunto selecionado do léxico para a produção de uma expressão linguística. A Numeração é assim nomeada porque prevê a quantidade de vezes que um mesmo elemento pode ser empregado na derivação sintática por um índice numérico que o acompanha:

A lista numerada é um apanhado de itens lexicais, que engloba também categorias funcionais como Flexão e Determinante. Cada item na lista tem um índice que indica quantas vezes aquele elemento pode ser acessado pelo sistema computacional. Toda derivação começa pela montagem dessa lista numerada e só termina quando o índice de todos os elementos dela for zerado (MODESTO, 2012, p. 230) (tradução nossa).

No componente aberto, a sintaxe propriamente dita, o PM assume a operação de *Merge*, que, recursivamente, cria objetos sintáticos complexos a partir da concatenação de dois elementos. A operação de *Merge* pode selecionar um elemento da Numeração e inseri-lo na estrutura sintática (*Merge* Externo) ou reconcatenar um elemento que já estava na estrutura sintática em uma nova posição na hierarquia (*Merge* Interno). Em uma visão de que a derivação sintática é cíclica e formada por fases (CHOMSKY, 2001), um domínio impenetrável para a

¹⁹ [...] features are properties of syntactic atoms and hence are directly objects of the theory: a feature [plural] for example is used analogously to chemists' use of H for the real world thing hydrogen. From this perspective it is crucial to say what the possible feature structures are such that the properties of the features allow them to enter into relationships with other features, analogously to saying what the properties of atoms are such that they can enter into relationships with other atoms.

computação sintática, a geração de uma sentença passa a ter múltiplas instâncias de *Spell-Out*, momento de envio do material sintático relevante para as interfaces. Nessa perspectiva, CP e vP podem ser distinguidos de outras categorias por serem núcleos de fase, que enviam, portanto, seus complementos para *Spell-Out* e disponibilizam apenas seus respectivos especificadores (a “borda”) para as próximas operações acontecerem na derivação sintática.

Na bifurcação para a Forma Fonética (PF, no inglês *Phonetic Form*), há a computação dos traços fonológicos dos itens lexicais, que deverão ser linearizados para posterior acesso da interface Sensorio-Motora. Na Forma Lógica (LF, no inglês *Logical Form*), por sua vez, há a computação das relações lógico-semânticas composicionalmente derivadas da estrutura sintática para posterior acesso da interface Conceitual-Intencional.

No caminho para LF, depois do *Spell-Out*, o PM assume ainda a possibilidade de serem desencadeadas operações computacionais. Essas operações, no entanto, apesar de não alterarem a realização fonológica – daí o nome Componente Coberto –, são necessárias para a convergência da derivação e envolvem, por exemplo, operações de *Merge* Interno que pós-sintaticamente eliminam traços não interpretáveis que sobreviveram à computação sintática até aquele ponto, gerando, então, uma estrutura legível na interface de LF.

Mais especificamente no que diz respeito à produção de bilíngues bimodais, a discussão do funcionamento do PM se mostra relevante na medida em que levanta questões desde a formação da Numeração – seriam duas Numerações distintas ou uma única Numeração? – até a própria derivação sintática – haveria uma única derivação sintática para cada língua paralelamente e/ou simultaneamente? Com essas questões em mente, na seção a seguir, apresentamos a proposta de MacSwan (2000), que, apesar de tratar mais especificamente do fenômeno do *code-switching* em bilíngues unimodais, abre perspectivas interessantes para trabalhos que o sucedem a respeito das produções de bilíngues bimodais.

4.2 MACSWAN (2000): UMA PROPOSTA MINIMALISTA PARA O *CODE-SWITCHING*

MacSwan (2000, p. 45) investiga a questão teórica de como a mente representa duas línguas no bilinguismo, tomando como domínio empírico dados de *code-switching*. Mais especificamente, o autor sugere que os bilíngues têm Léxicos distintos, um para cada língua, com seus próprios princípios internos de formação de palavras, sob a argumentação de que a variação sintática, ou mais especificamente a variação paramétrica, está restrita a propriedades dos itens lexicais: “Se toda variação sintática está associada ao léxico, como no Programa

Minimalista, então o *code-switching* pode ser visto como a simples consequência de se misturar dois léxicos no curso de uma derivação”²⁰.

Nesse sistema, os itens podem ser retirados dos léxicos de qualquer uma das línguas para a formação da Numeração, trazendo, no entanto, por sua própria constituição de traços, requerimentos que devem ser satisfeitos na sintaxe. O sistema computacional, por sua vez, é entendido como invariante em termos do funcionamento das operações sintáticas, o que, segundo o autor, permite uma grande simplificação do conceito de bilinguismo. Dessa forma, no sistema do autor, não há a necessidade de restrições que sejam específicas para lidar com o fenômeno de *code-switching*, sendo que os mesmos recursos computacionais devem gerar derivações sintáticas monolíngues e bilíngues.

A respeito do funcionamento dos traços no sistema computacional, o autor assume que não pode haver um *mismatch* entre os sistemas linguísticos envolvidos para que o *code-switching* seja licenciado, de modo que um desencontro nos valores de traços, como gênero, pessoa e número, por exemplo, impediria a derivação de convergir. Essa questão é discutida pelo autor, por exemplo, a partir de dados de um falante trilingue que envolve a mistura entre espanhol, catalão e grego: as duas primeiras línguas com sistema binário de gênero (masculino-feminino); e a última apresentando também um terceiro valor, o neutro. A generalização relevante é que os dados de *code-switching*, especificamente entre pronomes e verbos, envolvendo o espanhol e o catalão, são bem formados, enquanto as misturas com o grego são bastante degradadas:

(45) a. Yo vull mengar el dinar (espanhol-catalão)

I want eat/inf the dinner

‘I want to eat dinner’

b. *Ego quiero comer la cena (grego-espanhol)

I want eat/inf the dinner

‘I want to eat dinner’

(MACSWAN, 2000, p.50) (tradução nossa)

O componente fonológico, por outro lado, teria um funcionamento bastante distinto da sintaxe, de modo que os bilíngues teriam sistemas fonológicos separados para cada língua.

²⁰ [...] if all syntactic variation is associated with the lexicon, as in the Minimalist Program, then code-switching may be seen as the simple consequence of mixing two lexicons in the course of a derivation.

Considerando que a interface fonológica apresenta regras de construção que se referem especificamente a material morfológico com seu conteúdo fonético, o *code-switching*, na verdade, não é permitido abaixo do nível X^0 , no sentido da projeção mínima:

Como os sistemas fonológicos não podem ser misturados, a troca de código em PF gera elementos ‘impronunciáveis’ que violam FI [Interpretação Plena]. Observe que esse sistema prevê que a troca de código abaixo de X^0 não é permitida, uma vez que X^0 s são entradas para PF (MACSWAN, 2000, p. 45)²¹ (tradução nossa).

Essa restrição daria conta, por exemplo, de explicar a impossibilidade de realização dos dados a seguir, já notados em Poplack (1980, 1981):

(46) *told le, le told

told to-him, to-him-I-told

‘(I) told him’

(POPLACK, 1981:176, apud MACSWAN, 2000, p. 45)

(47) *estoy eat-iendo

I-am eat-ing

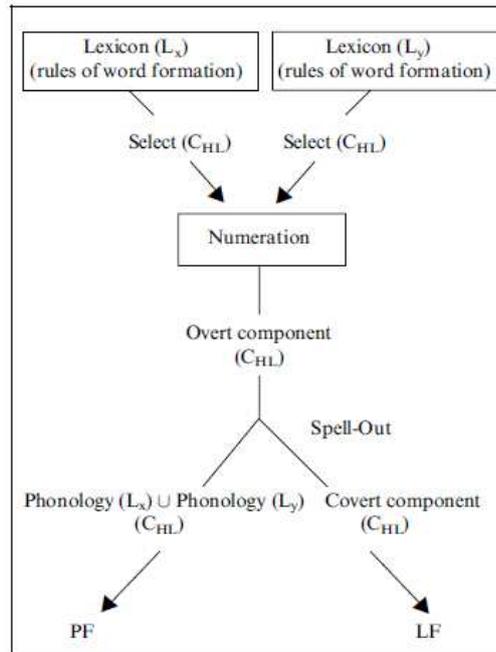
(POPLACK, 1980:586, apud MACSWAN, 2000, p. 45)

No exemplo (46), a restrição é explicada a partir da ideia de que o clítico é uma projeção mínima que se adjunge ao verbo, justificando a impossibilidade de realização do *code-switching*. Em (47), por sua vez, a generalização diz respeito ao fato de que o *code-switching* não seria licenciado na fronteira de um morfema preso.

A partir desse raciocínio, MacSwan (2000) apresenta o seguinte modelo para a arquitetura da gramática em bilíngues:

²¹ Since phonological systems cannot be mixed, code-switching at PF generates “unpronounceable” elements which violate FI [Full Interpretation]. Notice that this system predicts that code-switching below X^0 is not permitted, since X^0 s are inputs to PF.

Figura 6 - Visão minimalista da faculdade da linguagem em bilíngues bimodais.



Fonte: Macswan (2000, p. 52).

Mais especificamente, com base no PM, MacSwan (2000) apresenta os seguintes componentes para a arquitetura da faculdade da linguagem em bilíngues:

(48) *Componentes da faculdade da linguagem de bilíngues*

Léxico (L_x) (com regras internas de formação de palavras)

Léxico (L_y) (com regras internas de formação de palavras)

Sistema Computacional da Linguagem Humana (C_{HL})

Selecionar

Componente aberto

Componente coberto

Componente fonológico (L_x)

Componente fonológico (L_y)²² (MACSWAN, 2000, p. 52) (tradução nossa)

²² *Components of the bilingual language faculty*

Lexicon (with internal rules of word formation)

Computational System for Human Language (CHL)

Select

Overt component

Covert component

Phonological component

Ressaltamos, dessa forma, que o modelo de MacSwan (2000) acrescenta mais um Léxico na arquitetura da mente bilíngue, cada um com as regras de formação de palavras da língua relevante. A Numeração, no entanto, pode selecionar itens de qualquer uma das línguas, os quais, com sua constituição de traços, desencadearão operações em um componente sintático único. No ramo de PF, por sua vez, há uma duplicação dos sistemas fonológicos, que apresentam funcionamento próprio e diferente do sistema computacional.

No entanto, é importante notar que, no modelo de MacSwan (2000), não é possível licenciar, em princípio, a pronúncia do mesmo item lexical nas línguas ao mesmo tempo, ou mesmo inserir dois itens correspondentes um do outro na mesma sentença, uma vez que o autor trata de falantes bilíngues da modalidade oral-auditiva.

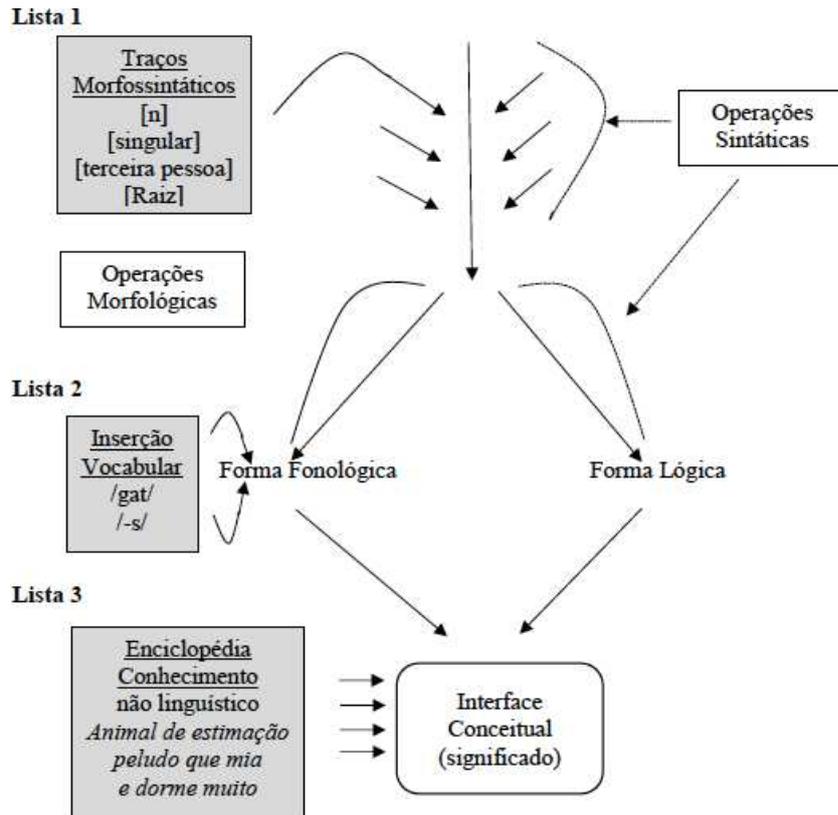
Na subseção a seguir, tratamos do modelo da MD, uma proposta não lexicalista desenvolvida no âmbito da Teoria Gerativa. Dessa forma, apresentamos o modelo de arquitetura da gramática da MD para discutirmos, em seguida, implicações a respeito da ocorrência do *code-blending* a partir dessa visão teórica.

4.2 UMA ALTERNATIVA NÃO LEXICALISTA: O MODELO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

O modelo da MD (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997 e trabalhos subsequentes) também é considerado um dos desenvolvimentos recentes da Teoria Gerativa, delineado a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros, mas que contrasta com o PM por ser uma proposta não lexicalista. Mais especificamente, no modelo da MD, há um esvaziamento das propriedades lexicais, de modo que algumas das informações que, em abordagens lexicalistas, estão abrigadas justamente no Léxico passam, na MD, a ser distribuídas ao longo da arquitetura da gramática. Nesse sentido, o Léxico deixa de ser um componente capaz de gerar estruturas complexas de qualquer tipo, de forma que a formação de palavras, sintagmas e sentenças se dá no mesmo componente – a sintaxe – e pelos mesmos mecanismos.

Essa mudança de concepção em relação ao papel do Léxico propriamente dito tem como consequência a necessidade de reformulação da arquitetura da gramática e dos seus primitivos teóricos. A representação do modelo de gramática assumido pela MD pode ser visto a seguir:

Figura 7 - A estrutura da gramática na Morfologia Distribuída.



Fonte: Armelin (2015, p. 25 - adaptada de Siddiqi, 2009, p. 14).

Nesse modelo, a Lista 1 é um repositório que contém os primitivos assumidos no modelo, raízes e traços morfossintáticos. Os traços – como singular, plural, masculino, feminino, neutro, 1ª pessoa, 2ª pessoa, entre outros – são abstratos, ou seja, destituídos de conteúdo fonológico. As raízes, por sua vez, estão sujeitas a um importante debate dentro do modelo em relação ao seu conteúdo fonológico e semântico. Quanto ao conteúdo fonológico, há contraposição na literatura entre propostas que assumem a Inserção Tardia (MARANTZ, 1996, 1997; HARLEY, 2014; HAUGEN e SIDDIQI, 2013) e aquelas que assumem a Inserção Precoce de fonologia da raiz (EMBICK, 2000, 2015; EMBICK e HALLE, 2005). Dessa mesma forma, em relação ao conteúdo semântico da raiz, há propostas na literatura que assumem a presença de um conteúdo conceitual mínimo para os morfemas raiz já na Lista 1 (ARAD, 2003; MINUSSI e BASSANI, 2017), enquanto outros autores, por sua vez, assumem que as estruturas sintáticas recebem informação conceitual somente no momento de consulta enciclopédica, sendo que as raízes entram na derivação sintática sem nenhum tipo de informação conceitual (HARLEY e NOYER, 2000; ACQUAVIVA, 2009, 2014; HARLEY, 2014).

Ainda a respeito das raízes, há um consenso, no entanto, de que tais elementos são acategoriais, sendo categorizados pela concatenação via *merge* com núcleos funcionais

atribuidores de categoria. A acategorialidade das raízes tem sustentação empírica no fato de que não é difícil encontrar dados nas línguas em que uma mesma raiz pode participar da formação de diferentes categorias, com a raiz \sqrt{CAS} , a qual, quando concatenada ao categorizador v , pode formar um verbo como *CASAR*, mas, quando concatenada a um categorizador do tipo n , gera uma formação com a categoria de nome, como em *CASAMENTO*. Dessa forma, o modelo propõe que raízes não podem aparecer sem serem categorizadas, de modo que toda formação de palavras passa a ser complexa a partir da concatenação entre raízes e categorizadores. Essa Hipótese de categorização é definida em Embick e Marantz (2008, p. 6) nos seguintes termos:

Assunção de categorização

As raízes não podem aparecer (não podem ser pronunciadas ou interpretadas) sem serem categorizadas; eles são categorizados mesclando sintaticamente com núcleos funcionais que definem a categoria. Se todas as *heads* definidoras de categoria são *heads* de fase no sentido de Chomsky (2001) – isto é, se são *heads* que iniciam a soletração – a suposição de categorização seguiria a arquitetura geral da gramática²³(tradução nossa).

Na citação, Embick e Marantz (2008) afirmam que as raízes não podem ser realizadas sem categoria, reforçando a ideia de que, sem o *merge* com os núcleos funcionais que definem a categoria, a raiz não pode ser interpretada ou mesmo pronunciada.

Já a lista 2, também chamada de Vocabulário, é responsável pelo armazenando dos Itens de Vocabulário (IVs), que são associações entre traços morfossintáticos e respectivos conteúdos fonológicos. A lista 2 é acessada pós-sintaticamente, e a inserção de Ivs nos nós terminais gerados pela sintaxe é regulada pelo Princípio do Subconjunto, tal como delineado a seguir:

(49) Princípio do Subconjunto

O expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido em um morfema na sequência terminal se o item corresponder a todos ou a um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema terminal. A inserção não ocorre se o item de vocabulário contiver recursos não presentes no morfema. Quando vários itens de vocabulário atendem às condições para inserção, deve-se escolher o item que corresponda ao maior número de traços especificados no morfema terminal (HALLE, 1997, p. 429)²⁴ (tradução nossa).

²³ *Categorization assumption*

Roots cannot appear (cannot be pronounced or interpreted) without being categorized; they are categorized by merging syntactically with category-defining functional heads. If all category-defining heads are phase heads in Chomsky's (2001) sense – that is, if they are heads that initiate spell-out – the categorization assumption would follow from the general architecture of the grammar.

²⁴ *The phonological exponent of a Vocabulary item is inserted into a morpheme in the terminal string if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme.*

O Princípio do Subconjunto prevê que serão inseridos itens mais especificados em termos de compatibilidade de traços com a estrutura sintática. Por outro lado, os IVs podem conter menos especificações do que as trazidas pelos nós terminais. O que não pode acontecer, no entanto, é o IV ter traços morfossintáticos incompatíveis com o nó sintático ou ainda apresentar mais especificações do que ele.

Finalmente, a Lista 3, ou Enciclopédia, abriga no modelo da MD o conhecimento extralinguístico do falante, com informações que dizem respeito ao conhecimento de mundo. É esse componente que lida, então, com aspectos relacionados à interpretação idiossincrática, ou seja, que não pode ser derivada a partir da estrutura sintática propriamente dita. Por meio das instruções contidas na Lista 3, os significados relevantes serão atribuídos às raízes a partir do ambiente sintático em que elas estão inseridas.

Além disso, é interessante ressaltar que a MD se diferencia dos modelos anteriores a partir de três propriedades centrais: a Inserção Tardia, a Subespecificação dos Itens de Vocabulário e a Estrutura sintática em toda a derivação, tal como elencamos a seguir:

- Inserção Tardia: refere-se à inserção de material fonológico somente após a sintaxe, mais especificamente, no ramo de PF, de forma que a sintaxe não manipula palavras prontas, mas traços formais abstratos para gerar estruturas sintáticas, até então sem material fonológico, sendo que uma argumentação empírica que aponta para a relevância dessa propriedade são as alomorfas, em que diferentes realizações fonológicas correspondem ao mesmo conjunto de traços;
- Subespecificação: é a hipótese de que os IVs não precisam conter todos os traços para serem inseridos nos nós terminais sintáticos, de forma que o IV pode carregar menos especificação que o nó sintático relevante, sendo que um argumento empírico que demonstra a relevância dessa propriedade o sincretismo, em que peças com fonologias idênticas acabam por corresponderem a diferentes conjuntos de traços;
- Estrutura sintática em toda a derivação: trata da hipótese de que a sintaxe é responsável pela formação de estrutura complexa em qualquer nível, de modo que tanto palavras quando sentenças são sintaticamente formadas.

Insertion does not take place if the Vocabulary item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen.

Apresentado o modelo da MD, trazemos, na próxima seção, o MSL, proposto por Lillo-Martin, Quadros de Muller e Chen Pichler, em 2016. O objetivo das autoras é trazer uma nova proposta para a derivação sintática, por meio de um modelo de computação sintática em que seja considerado o máximo de possibilidades de produção, incluindo os bilíngues bimodais.

4.3 MODELO DA SÍNTESE DA LINGUAGEM: BILINGUISMO BIMODAL EM UMA VERTENTE NÃO LEXICALISTA

O MSL, proposto por Lillo-Martin, Quadros e Chen Pichler (2016) e trabalhos subsequentes discutem o design da arquitetura da gramática tomando como escopo empírico o fenômeno do bilinguismo de modo de geral e, de maneira mais específica, considerando aspectos do bilinguismo bimodal. Dessa forma, o modelo aponta que o *code-blending* e outros fenômenos semelhantes podem ser igualmente derivados. Para tanto, o ponto de partida das autoras é a ideia de que tais fenômenos podem ser acomodados a partir de algumas adições às concepções de gramática e de computação linguística mental que já foram propostas com base nos falantes monolíngues.

Em termos empíricos, é relevante destacar que as autoras se referem a dados coletados no âmbito do projeto Binacional Bimodal Bilíngue (bibibi) de Desenvolvimento Linguístico, que estuda o desenvolvimento de crianças bilíngues incluindo crianças bimodais de inglês e ASL e de português brasileiro e Libras. Esse projeto desencadeou pesquisas a respeito do MSL (LILLO-MARTIN, QUADROS, KOULIDOBROVA e CHEN-PICHLER, 2010), que investigou crianças do Brasil e Estados Unidos, discutindo sobre influência linguística cruzada entre a língua de sinais e a língua oral, em bilíngues bimodais de 2 e 3 anos de idade.

Mais especificamente, a proposta considera, inicialmente, crianças com audição típica que crescem em famílias com pais surdos sinalizantes. Elas utilizam a língua de sinais em seus lares e, quando expostas a outras realidades, desenvolvem fluência em outro idioma de base oral, dada a predominância das línguas orais na comunidade geral. As autoras assumem o termo Coda para adultos (considerando que já foram crianças, os filhos dos surdos) e Koda para os que ainda são crianças.

A coleta de dados com os Kodas começa a partir de 10 meses, com diferentes faixas etárias. As crianças são filmadas a partir de uma interação com um bilíngue, em um ambiente natural e espontâneo, de modo que a produção bilíngue pode acontecer em muitos momentos. Essa filmagem permite a investigação da escolha da língua, do desenvolvimento de habilidades gramaticais, além da ocorrência de fenômenos linguísticos empíricos, como o bilinguismo

bimodal. Após a coleta de dados, os vídeos são transcritos usando o ELAN, programa multimídia que permite anotações sincronizadas ao tempo de vídeo e descrição das sinalizações em trilhas determinadas pelos próprios pesquisadores.

Lillo-Martin, Quadros e Chen Pichler (2016) apresentam o Modelo de Síntese da Linguagem, desenvolvido também em trabalhos subsequentes, como Quadros *et al.* (2016), tendo como base teórica o PM e a MD, e como base empírica as discussões sobre *code-blending*, tema de interesse desta pesquisa. Esse modelo busca dar conta de vários fenômenos de produção monolíngue, bilíngue e bilíngue bimodal da mesma forma em relação à derivação, eliminando a necessidade de diferentes mecanismos. Mais especificamente no caso dos bilíngues bimodais, a arquitetura do MSL busca dar conta da produção simultânea das duas línguas.

A partir dessas observações, será importante discutirmos hipóteses de como se daria a derivação de duas línguas simultâneas em bilíngues bimodais, já que ambas estão presentes e ativas na mente desses sujeitos. Indo ao encontro disso, Lillo-Martin *et al.* (2016, p. 741) consideram três possibilidades sobre a ocorrência de duas línguas simultaneamente e de como isso seria apresentado na derivação de uma sentença, conforme em (50):

- (50) a. Possibilidade 1: O *code-blending* ilustra o potencial de duas derivações completamente separadas, mas que expressam duas proposições diferentes.
 b. Possibilidade 2: O *code-blending* depende de duas derivações separadas, mas expressa uma única proposição.
 c. Possibilidade 3: O *code-blending* usa uma derivação para expressar uma única proposição (LILLO-MARTIN *et al.*, 2016, p. 741)²⁵ (tradução nossa).

A primeira possibilidade é descartada pelas autoras, uma vez que, de modo geral, a literatura aponta para uma relação conceitual bastante próxima entre o que está sendo sinalizado e oralizado. É interessante ressaltar que os dados reportados na nossa pesquisa também vão nessa mesma direção. Dessa forma, mesmo quando não são itens lexicais equivalentes de tradução, não significa inexistência de relação entre os conceitos produzidos nas duas línguas. Já a segunda e a terceira hipóteses são possíveis, uma vez que consideram como resultado somente uma proposição e, com elas, levanta-se uma importante questão teórica a respeito da existência de uma única derivação sintática ou de duas derivações distintas.

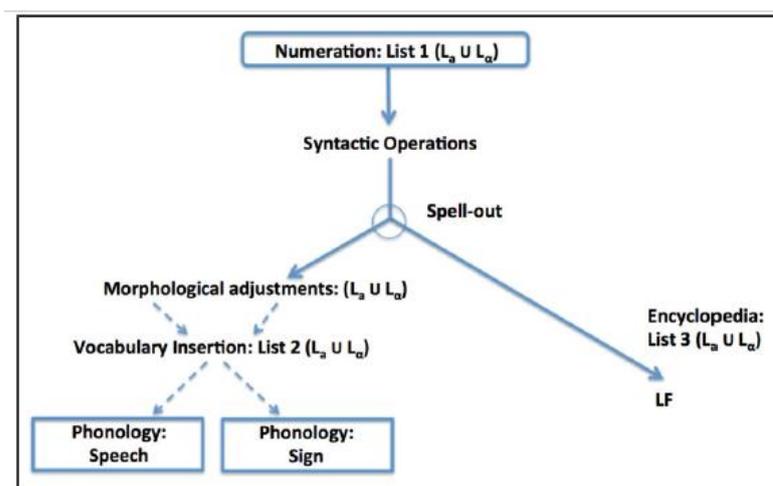
²⁵ a. Possibility 1: Code-blending illustrates the potential for two completely separate derivations expressing two different proposition.

b. Possibility 2: Code-blending relies on two separate derivations, but expresses a single proposition.

c. Possibility 3: Code-blending uses one derivation to express a single proposition.

Nesse cenário de discussão, assumindo a perspectiva de que o *code-blending* usa uma derivação para expressar uma única proposição, o MSL traz uma possível resposta sobre como pode haver a produção de duas línguas simultaneamente a partir de uma única derivação para expressar sempre uma única proposição, podendo inserir, no entanto, elementos de múltiplas línguas. A proposta, então, é de um modelo de competência linguística envolvendo um conjunto de procedimentos para geração de representação abstrata da sentença, independentemente do número de línguas que serão realizadas na produção. Em linhas gerais, o modelo se organiza da seguinte forma:

Figura 8 - Modelo da Síntese da Linguagem.



Fonte: Lillo-Martin *et al.* (2016, p.730).

A partir dessa representação, podemos dizer que a diferença percebida, até então, a partir da literatura já publicada do MSL em relação à arquitetura de gramática da MD, é a presença de elementos pertencentes a diferentes línguas e a possibilidade de dois níveis fonológicos: um para a língua falada e outro para a língua de sinais.

Os elementos abstratos selecionados para comporem a Numeração podem, então, ter como fonte línguas distintas. As operações sintáticas se aplicam exatamente a partir desse conjunto de elementos, que é o conjunto formado pela seleção dos traços das duas línguas. O componente sintático, que não faz menção às diferentes línguas envolvidas, funciona de maneira unificada sem necessidade de regras ou restrições específicas para o fenômeno.

Após o *Spell-Out*, aplicam-se as operações do ramo de PF, incluindo os ajustes morfológicos e a linearização. Na Inserção de Vocabulário, é possível que alguns elementos pertencentes a línguas de modalidades distintas sejam inseridos em ambos os discursos, oral e sinalizado, propondo duas listas 2: uma para cada língua, cada uma com seus itens. Cada uma

faria uma competição diferente, o que explicaria a possibilidade de itens diferentes entrarem na mesma proposição. Situações como essas representam as possibilidades de produção de um sujeito bilíngue bimodal: em alguns momentos da sentença há produção de apenas uma das línguas e por isso, somente o conjunto de traços dessa língua será considerado para inserção; em outros momentos, no entanto, há a produção das duas línguas simultaneamente e, por isso, a necessidade dos dois conjuntos de traços, para que haja inserção do IV correspondente a cada uma das línguas.

A partir de uma reflexão, podemos apontar que essa coinserção, no entanto, pode ser um problema para o Princípio do Subconjunto, que prevê a inserção de somente um conjunto de traços ao nó terminal. Se considerarmos que, nesse único conjunto, haverá traços das duas línguas, é necessário discutir como se dará a Inserção de Vocabulário em cada língua, uma vez que temos evidências de produções simultâneas. Considerando que há a inserção de dois elementos para um mesmo nó terminal sintático, é preciso assumir que os IVs de línguas distintas não competem entre si para inserção, possibilitando, conseqüentemente, a produção simultânea. Resultará desse tipo de derivação o que é chamado pelas autoras de *coinsertion*, ou seja, a inserção simultânea de um elemento sinalizado e de um elemento oralizado correspondente a um conjunto particular de traços morfossintáticos

Dessa forma, a ideia é haver uma única derivação para expressar uma única proposição, mesmo que simultânea. No momento de Inserção de Vocabulário, os dois itens venceriam suas respectivas competições para aquele nó sintático. Muitas produções simultâneas são congruentes sintaticamente, o que facilitaria a produção, já que o que está sendo oralizado, também está sendo sinalizado, como uma única proposição, mas em modalidades diferentes. Já as produções incongruentes apresentam um desafio para o modelo, uma vez que são produções distintas e simultâneas. Dessa forma, é necessário considerar que as duas línguas desse falante estão ativas durante todo o processamento, indicando a possibilidade de ambas as línguas serem produzidas de acordo com sua estrutura sintática, o que pode levar tanto a congruências quanto a incongruências.

Na nossa visão, como apresentamos no capítulo 5, uma possibilidade para essa ocorrência, sem infringir os princípios propostos no modelo, seria uma bifurcação da derivação no ramo de PF, de modo que os traços morfossintáticos possam ser acessados por cada uma das listas 2 para que haja a inserção, evitando, portanto, competição entre IVs de línguas distintas para o mesmo nó.

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

A discussão em torno dos bilíngues bimodais vem ganhando espaço dentro das propostas gerativistas, de forma que vêm sendo apresentadas reflexões sobre a arquitetura da gramática com a intenção de abarcar as produções desses sujeitos. Nessa perspectiva, o PM e a MD foram apresentados neste capítulo com a intenção de explorar algumas alternativas propostas nesses panoramas, como MacSwan (2000) e o MSL, respectivamente, em relação à produção bilíngue, em especial a bimodal.

Sendo uma versão lexicalista da Teoria Gerativa, o PM acaba por tomar como ponto de partida itens lexicais bastante carregados de informação pré-sintática. Dentro desse modelo, MacSwan (2000) apresenta uma proposta para o bilinguismo simultâneo a partir do fenômeno do *code-switching*. No modelo do autor, a partir de Léxicos separados para cada língua, há a formação de uma única Numeração, da qual procede a derivação sintática. Os sistemas fonológicos, por sua vez, também são necessariamente específicos para cada língua. A novidade do trabalho do autor é a simplicidade de um modelo que não precisa de restrições específicas para lidar o com bilinguismo.

Nessa perspectiva, alternativas vêm sendo desenvolvidas em um modelo não lexicalista, como a MD, que, a partir de duas características centrais, a formação sintática de palavras e a inserção tardia de fonologia, parece acomodar melhor os fenômenos da produção bilíngue. A partir desse panorama, o Modelo da Síntese da Linguagem surge como alternativa com o propósito de dar conta tanto de produções monolíngues, bilíngues e bilíngues bimodais quanto de um único modelo, sem necessidade de mecanismos adicionais.

5 REFLEXÕES TEÓRICAS A PARTIR DOS DADOS ENCONTRADOS

Conforme observado na discussão dos dados coletados no âmbito desta pesquisa, os surdos bilíngues bimodais sinalizantes da libras e falantes do português brasileiro parecem apresentar, a partir dos vídeos analisados, preferência por enunciados realizados simultaneamente nas duas línguas, uma vez que a ocorrência de enunciados somente em uma língua (12 de 183 enunciados) foi bem menor que a ocorrência de enunciados com *code-blendings* (154 de 183 enunciados). Além disso, apesar de encontrarmos algumas ocorrências de formações de base oral no discurso do colaborador 3, de modo geral, podemos observar que a língua de dominância desses colaboradores é a libras, uma vez que os *code-blendings* registrados são majoritariamente de base sinalizada – 110 *code-blendings* de base sinalizada x 7 *code-blendings* de base oral. Nessas formações de base sinalizada, a estrutura segue a gramática da língua de sinais, ao passo que a estrutura gramatical do português oral não é totalmente respeitada quando há diferenças estruturais em relação à libras, embora alguns itens lexicais oralizados sejam produzidos durante várias partes do discurso sinalizado.

A partir dos pontos empíricos levantados no capítulo 3 e tomando como base as discussões teóricas do capítulo 4, serão desenvolvidas neste capítulo algumas reflexões iniciais que emergem da produção bilíngue bimodal. Mais especificamente, buscamos discutir pontos relevantes para a arquitetura da gramática a partir das seguintes relações desenvolvidas em subseções a seguir: em 5.1, contextualizamos o fenômeno do *code-blending* a partir do debate Léxico x Sintaxe na teoria de gramática de perspectiva gerativista; em 5.2 discutimos as implicações que emergem do *code-blending* e a noção de Subespecificação dos IVs assumida da MD; em 5.3 correlacionamos o *code-blending* e a visão separacionista de Inserção Tardia de Vocabulário também assumida no âmbito da MD; finalmente, em 5.4 delineamos uma visão geral da derivação dos diferentes tipos de *blendings* encontrados no nosso *corpus*, com discussões sobre cada tipo de *blending* e com base nas assunções teóricas das seções anteriores.

5.1 CODE-BLENDING E O DEBATE LÉXICO X SINTAXE

No âmbito das propostas de natureza gerativista, o papel do Léxico e da Sintaxe, especialmente em relação à formação de palavras, tem sido alvo de debate nas discussões a respeito da organização da arquitetura de gramática. Em linhas gerais, esse debate se divide entre as vertentes de base lexicalista e a visão chamada construcionista. A primeira delas propõe uma divisão mais nítida entre palavras e sentenças, sendo o Léxico um componente capaz de

gerar estruturas complexas do nível da palavra. A perspectiva construcionista, por sua vez, tipicamente representada por modelos como a MD, aponta para uma interface mais direta entre a formação de palavras e sentenças, ambas colocadas a cargo do componente sintático.

A produção simultânea de bilíngues bimodais, como nos casos de *code-blending*, tem sido apontada na literatura como um lugar privilegiado para esse debate. Donati e Branchini (2013), por exemplo, desenvolvem essa discussão especialmente a partir de dois tipos de *code-blendings* destacados pelas autoras:

- Tipo 1: em que há apenas uma ordem de palavras, aquela prescrita pela língua de sinais ou pela língua oral, imposta a ambos enunciados;
- Tipo 2: em que há duas ordens de palavras diferentes, as prescritas pelas duas línguas aparecem em seus respectivos enunciados.

Para os casos do Tipo 1, podemos compreender os enunciados classificados nesta pesquisa como *code-blending* dominante de base oral ou sinalizada ou mesmo o *code-blending* independente com calque sintático. Em todos esses casos, o enunciado segue ordem de palavras de uma língua ou outra, mesmo em situações de pouca simultaneidade ou de completude entre as duas línguas. O fato é que nesses tipos de *code-blending*, as duas línguas compõem um único enunciado em uma ordenação similar dos itens concomitantes, conforme a seguir:

(51) LSB: AGORA TER SÓ 4-0 VAGAS SÓ
 PO: tem só quarenta só
 “Agora só restam 40 vagas.”

(52) LSB: EU(3) ESCUTAR NADA
 PO: eu não escuto nada
 “Eu não escuto nada.”

(53) LSB: PORQUE COMUNICAR
 PO: porque comunicação
 “Por causa da comunicação”

Nos exemplos (51), (52) e (53) temos, respectivamente, as classificações de *code-blending* dominante de base sinalizada, *code-blending* dominante de base oral e *code-blending*

independente com calque sintático. Em (51), o colaborador 1 produz o enunciado da língua de sinais com significado completo, enquanto os termos da língua oral não são suficientes para gerar significado ou para complementar o enunciado sinalizado. Em (52), o colaborador 3 produz todo o enunciado nas duas línguas, porém faz uma marcação de negação na língua portuguesa que não apareceu na libras, nem com sinais manuais nem com sinais não-manuais. Por fim, em (53), classificamos como *blending* independente com calque sintático porque há uma simultaneidade completa entre as línguas, mas o português fica sintaticamente prejudicado com a realização “porque comunicação”. Diante disso, nota-se que o Tipo 1 proposto por Donati e Branchini (2013) é o tipo mais comum nas produções de bilíngues bimodais, até porque ele agrupa diversas possibilidades de *code-blending*.

Já o Tipo 2, embora não tenha sido identificado no limite do nosso *corpus*, é apresentado pelas autoras a partir de exemplos como o seguinte, já discutido em (21) e retomado novamente em (54):

(54)	It.	<i>Há</i>	<i>detto:</i>	<i>non</i>	<i>sei</i>	<i>tu</i>	
		Have.3SG	say.PTCP	NEG	be.2SG	you.SG	
	LIS:		SAY	YOU		NOT	
		<i>‘(He) said it is not you’</i>					(DONATI e BRANCHINI, 2013, p. 109)

Dessa forma, o Tipo 2 é caracterizado por um *code-blending* independente com linearização de duas diferentes ordens de palavras. Mais especificamente no exemplo das autoras, a negação se apresenta em posições diferentes em italiano e na língua de sinais italiana, causando uma incongruência na linearização durante a simultaneidade, porém respeitando a ordem sintática das duas línguas.

Em termos teóricos, o ponto interessante a ser ressaltado é que, em Donati e Branchini (2013), as autoras argumentam que a existência desses dois tipos de enunciados em bilíngues bimodais pode ser tomado como forte evidência em favor de uma abordagem construcionista combinada com a suposição de que a ordem das palavras é, na verdade, um fenômeno tardio, ou seja, essencialmente pós-sintático, nos moldes propostos pela MD e em linha com o MSL. Dessa forma, em ambos os tipos, o que é derivado, segundo as autoras, é uma representação mista, composta por traços retirados dos dois sistemas linguísticos. Essa possibilidade está prontamente disponível em um modelo construcionista, em que os traços são livremente articulados apenas pelo componente Sintaxe. Em ambos os tipos, o *Spell-Out* ocorre duas vezes devido à disponibilidade de dois canais articulatórios independentes.

Em relação ao modelo de base lexicalista proposto por MacSwan (2000), tal como delineado no capítulo anterior, é interessante destacar que vários autores já apontaram para a necessidade de ajustes na proposta, incluindo uma alteração de base teórica, que indica a pertinência de um modelo não lexicalista como a MD (LICERAS, FUERTES e LA FUENTE, 2011; PIERANTOZZI, 2012) para análise de fenômenos de bilinguismo, o que toca essencialmente no debate entre o papel do Léxico e da Sintaxe.

Nesse debate, das diferenças entre uma abordagem não lexicalista e a proposta lexicalista de MacSwan (2000), destacamos o seguinte fato: enquanto, no modelo de MacSwan (2000), a entrada para a derivação sintática inclui itens lexicais totalmente especificados, na abordagem construcionista, por sua vez, o ponto de partida da derivação são raízes e morfemas abstratos. Alguns fenômenos do bilinguismo, como a concordância entre determinantes e nomes pertencentes a línguas com sistemas de gênero distintos, no entanto, parecem indicar a necessidade de que a derivação sintática seja feita a partir de traços abstratos, com realizações fonológicas podendo pertencer a uma ou outra língua:

- (55) a. Veo las_[F.PL] houses_[PL] (espanhol-inglês)
 ‘I see the houses.’ (MUYSKEN, 2000, p. 23)

Essa realização discutida em Pierantozzi (2012) inclui a concordância com um item do espanhol que não está efetivamente realizado (*casas*). Tal elemento apresenta traços de feminino e parece estar disparando a concordância com o determinante, embora a realização efetiva seja do item do inglês (*houses*), que, no entanto, não apresenta traços de gênero.

Todavia, o fato de os itens lexicais partirem prontos do Léxico em uma vertente lexicalista e a consequente especificação desse componente não licenciariam, como acontece em MacSwan (2000), interações entre as línguas relevantes no nível da palavra, nem acomodariam bem fenômenos que apontam para a presença de traços na derivação sintática, sem a efetiva realização fonológica do item correspondente. Tais questões parecem apontar para a vantagem de um modelo construcionista, por oposição a um modelo lexicalista.

5.2 CODE-BLENDING E SUBESPECIFICAÇÃO

Dentro da abordagem da MD, e também em desenvolvidos semelhantes, como o MSL, a subespecificação desempenha importante papel, uma vez que os traços sintático-semânticos

que aparecem nos nós terminais da sintaxe são sempre totalmente especificados, entretanto, os IVs que se aplicam a esses nós não precisam ser totalmente especificados. Dessa forma, um mesmo IV pode ser inserido em mais de uma posição sintática. Para tanto, como vimos no capítulo anterior, a inserção de vocabulário é regulada pelo Princípio do Subconjunto (HALLE, 1997), segundo o qual um expoente fonológico só é inserido se todos ou um subconjunto dos traços especificados nessa posição corresponderem aos traços do expoente, desde que não existam traços conflitantes.

Em uma reflexão a respeito da arquitetura de gramática especificamente a partir da propriedade de subespecificação dos IVs, Londhal (2016) aponta que, para compreendermos a habilidade humana para a linguagem, não podemos focar somente em falantes monolíngues, destacando, então, a necessidade de ampliarmos os estudos, inclusive a partir de falantes bilíngues bimodais. Nesse aspecto, o autor reconhece a relevância das investigações de Lillo-Martin, Quadros e Chen-Pichler (2016), que acomodam, a partir de uma extensão da MD, ou mais especificamente, a partir do desenvolvimento do MSL, uma grande quantidade de dados do bilinguismo bimodal. Para Londhal (2016), esse modelo fornece ainda mais suporte para o conceito de subespecificação na linguagem e para a hipótese separacionista (BEARD 1966, 1995) ao acrescentar um mapeamento para as línguas de sinais que dá conta de um fenômeno como o *code-blending*, em que duas línguas de modalidades diferentes são produzidas simultaneamente.

Como vários exemplos de *code-blending* envolvem estruturas de uma língua e itens de vocabulário de outra, segundo Londhal (2016), em um modelo lexicalista, que não assume a subespecificação de traços, seria necessário especificar um conjunto duplo de entradas lexicais com itens lexicais especificados para as propriedades da língua de sinais e outros itens lexicais especificados para as propriedades da língua oral. Segundo o autor (LONDHAL, 2016, p. 4):

Imagine um indivíduo com línguas 1 e 2, e itens lexicais LI_1 e LI_2 . Todos os itens lexicais são especificados para traços das propriedades gramaticais de cada língua. Se esse indivíduo usa as propriedades estruturais de 1 e os itens lexicais de 2, isso implicaria, em uma análise lexicalista, que, além de um determinado item lexical especificado como γ_1 , eles também precisariam de itens lexicais de aparência idêntica especificados para γ_2 ²⁶ (tradução nossa).

²⁶*Imagine an individual with languages 1 and 2, and lexical items LI_1 and LI_2 . All lexical items are specified for features for the grammatical properties of each language. If this individual uses the structural properties of 1 and the lexical items from 2, that would, on a lexicalist analysis, entail that, in addition to a given lexical item specified as γ_1 , they would also need identical-looking lexical items specified for γ_2 .*

Assim, de acordo com o autor, a ausência de subespecificação geraria uma análise antieconômica e até mesmo pouco motivada, uma vez que não é clara por que uma língua precisaria conter itens especificados para as propriedades da outra língua; tampouco se isso seria possível. Essa propriedade, por sua vez, está na base de um modelo construcionista, como a MD e o MSL.

5.3 CODE-BLENDING E O PRINCÍPIO DO SUBCONJUNTO

Nesta subseção, levantamos alguns questionamentos a respeito da atuação do Princípio do Subconjunto na derivação de dados de *code-blending*. Mais especificamente, apontamos que, quando a Lista 2 acessa o conjunto de traços morfossintáticos relevantes organizados pela sintaxe, haveria, no *code-blending*, a inserção de dois itens de vocabulário no mesmo nó sintático, um de cada língua, o que potencialmente fere o Princípio do Subconjunto, uma vez que ele prevê a inserção de um único IV para cada nó sintático.

Sendo assim, uma reflexão importante para essa questão é que, quando o conjunto de traços morfossintáticos sofre *Spell-Out* e acontece a bifurcação da derivação sintática para os ramos de PF e LF, no ramo de PF especificamente, pode-se imaginar que o mesmo conjunto de traços morfossintáticos ficaria disponível para a Lista 2 das línguas das duas modalidades, evitando que os itens de línguas de modalidades distintas entrem em competição entre si para a inserção. Como mecanismo formal, seria possível imaginar que, havendo uma única derivação sintática, acontece também uma bifurcação dessa estrutura no próprio ramo de PF, cada uma para o seu respectivo canal, o que aponta para a necessidade de listas separadas de IVs:

(56) Bifurcação da derivação em PF nos bilíngues bimodais:

Na derivação de bilíngues bimodais, há também acesso a duas Listas 2. Nesses casos, a derivação sintática sofre bifurcação no próprio ramo de PF, sendo que os traços morfossintáticos podem ser acessados pelas duas Listas 2 disponíveis. Dessa forma, os IVs pertencentes a línguas de diferentes modalidades não competem entre si para fins de Inserção de Vocabulário.

Se esse raciocínio estiver no caminho correto, há a necessidade de se imaginar que, na arquitetura da gramática dos bilíngues bimodais, o conjunto de traços morfossintáticos sobre os quais a Sintaxe operou, ao chegar no ramo de PF, seria bifurcado em duas derivações paralelas, sendo acessado pela Lista 2 de cada língua. Então, para cada lista de itens de vocabulário

poderia haver, em cada uma das línguas, o preenchimento do conjunto de traços morfossintáticos apresentado.

Essa proposta parece ser plausível diante da evidência de que elementos inseridos por operações morfológicas, tradicionalmente assumidas no ramo de PF no âmbito da MD, ocorrem de forma independente em uma e outra língua. Mais especificamente, a MD assume que é possível haver falta de isomorfismo entre a estrutura gerada pela sintaxe e a estrutura propriamente morfológica. Uma dessas possibilidades é ilustrada, por exemplo, pela adição, no ramo de PF, de morfemas que não apresentam relevância sintática e que não são computados no ramo de LF, como nós morfológicos, por exemplo, que abrigam morfemas de concordância (EMBICK; NOYER, 2007) ou morfemas de vogal temática (OLTRA-MASSUET, 1999). Como vimos no nosso *corpus*, a concordância sujeito-verbo, por hipótese adicionada no ramo de PF no português, mas não na libras, pode aparecer na gramática da língua oral, mesmo em formações nas quais a língua de sinais é dominante. O mesmo raciocínio é válido para a vogal temática, presente na morfologia do português, mas não na libras. Se há uma bifurcação da derivação em PF, as operações morfológicas de uma e outra língua podem ser consideradas independentes, com a adição de nós à estrutura do português, mas não da libras, justamente por imposição de requerimentos de boa-formação no ramo de PF, que são, naturalmente, distintos nas duas línguas.

A problemática que se levanta a partir dessa perspectiva é que, se os traços forem copiados, no ramo de PF, para duas derivações paralelas, quando houver a inserção em um nó terminal sintático de uma só língua, haverá, conseqüentemente, morfemas que ficarão sem IVs correspondentes na derivação bifurcada para a outra língua, como no exemplo (58):

- (57) LSB: SÓ 1 AQUI BRASIL TAMBÉM apontamento²⁷ PAÍS(reduplicação)
 PO: só país país país país
 “Aqui no Brasil só temos uma e tem em outros países também.”

Nesse exemplo, observamos que todos os IVs correspondentes à libras estão preenchidos, momento em que ela funciona como língua de dominância, ao passo que nem todos os IVs estão preenchidos no mesmo enunciado simultâneo correspondente ao português. Se, por um lado, afirmamos a necessidade de os traços morfossintáticos serem copiados para

²⁷ Optou-se por utilizar APONTAMENTO para indicar que o colaborador apontou para vários lugares, criando um referencial no espaço, diferenciando das ocorrências de IX.

acesso de Listas 2 distintas para cada língua, evitando que haja inserção dupla em um mesmo nó terminal, por outro, precisamos explicar o porquê de alguns desses traços copiados não serem efetivamente preenchidos, como ocorre em (57). Nesse momento, a nossa proposta é a de que exista uma regra relativa a uma extensão do Princípio do Subconjunto, podendo ser denominada como Princípio do Subconjunto Estendido, com a adição relevante destacada em itálico.

(58) Princípio do Subconjunto Estendido:

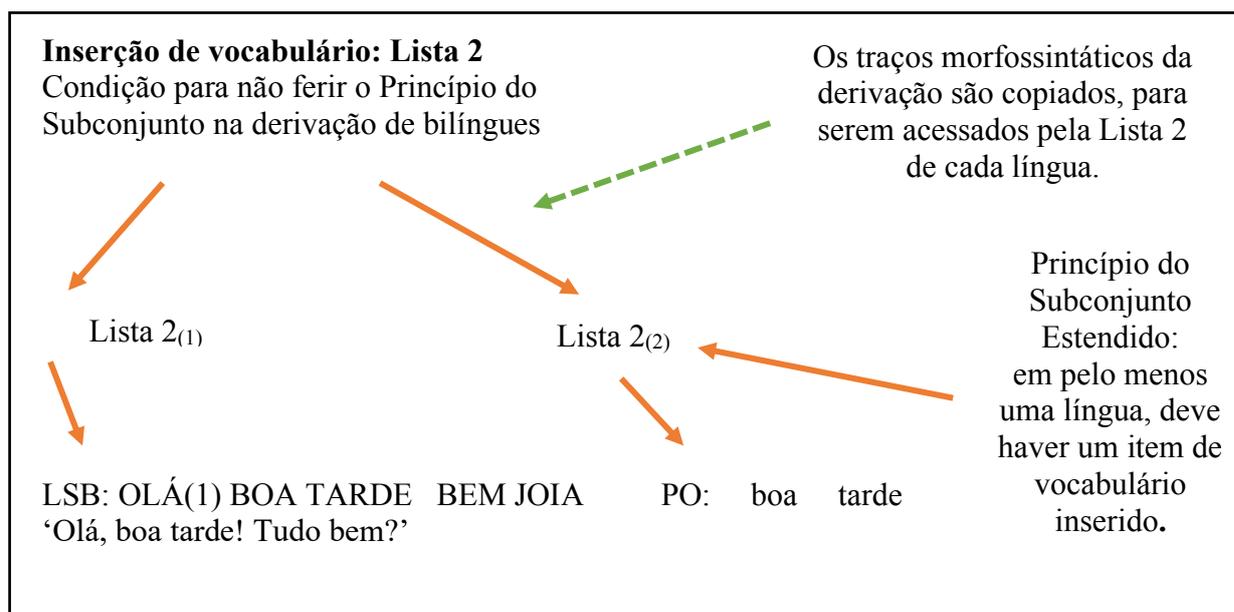
O expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido em nó terminal, se o item corresponder a todos ou a um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema terminal. A inserção não ocorre se o item de vocabulário contiver traços não presentes no morfema. Quando vários itens de vocabulário atendem às condições para inserção, deve-se escolher o item que corresponda ao maior número de traços especificados no morfema terminal. Em múltiplas línguas de modalidades distintas disponíveis, a competição deve ocorrer na Lista 2 de cada língua e, em pelo menos uma língua, deve haver um item de vocabulário que ganhe a competição e seja inserido.

Dessa forma, na derivação de bilíngues bimodais, em que há duas Listas 2 disponíveis e bifurcação dos traços morfossintáticos no ramo de PF para acesso das respectivas Listas 2, é necessário que, pelo menos, um IV correspondente ao conjunto de traços morfossintáticos de um dado nó terminal seja inserido em uma das Listas 2. A ideia é que uma das cópias deve ser preenchida obrigatoriamente, enquanto, na outra língua, não há obrigatoriedade da inserção. Isso permite que bilíngues bimodais produzam as duas línguas ao mesmo tempo, como nos casos de *code-blending* total, por exemplo. Esse mecanismo permite também a realização de casos nos quais não há, eventualmente, o preenchimento de todos os IVs de uma das línguas, como no *code-blending* dominante, seja ele base oral, seja ele de base sinalizada.

A bifurcação no ramo de PF, no entanto, não precisa ocorrer no caso dos bilíngues unimodais, uma vez que, necessariamente, há um IV inserido em apenas uma das Listas 2 por vez, dada a produção obrigatoriamente sequencial quando se trata de uma única modalidade.

Em linhas gerais, o modelo que delineamos poderia ser ilustrada como a seguir:

Figura 9 - Bifurcação em PF: Bilíngues Bimodais.



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Como observamos em nossos dados de *code-blending*, o preenchimento do IV não é, necessariamente, obrigatório nas duas línguas ao mesmo tempo quando tratamos de bilíngues bimodais. Dessa forma, entendemos que a inserção seja obrigatória em, pelo menos, uma das línguas, enquanto na outra seria opcional. Inclusive, nos casos de *code blending*, essa seria uma forma de identificar qual língua assume a dominância no discurso e em que momentos.

A questão que naturalmente se levanta diante disso é a respeito das motivações para a inserção de um elemento de uma ou outra língua: por que nem sempre há o preenchimento nas duas línguas? Acreditamos, no entanto, que a resposta para esse questionamento ultrapasse necessariamente um modelo de competência. É possível, por exemplo, ser necessário considerar o nível de conhecimento linguístico desse sujeito surdo. Ele pode ter menos conhecimento das palavras do português oral, fazendo, logo, menos uso delas. Outros fatores relevantes também podem estar em atuação, como o público alvo a que esse sujeito irá se dirigir. Essas suposições, no entanto, precisariam de mais investigação, considerando que não temos acesso ao nível linguístico dos colaboradores bem como à idade de aquisição das línguas.

De qualquer forma, os traços morfossintáticos precisam ser preenchidos obrigatoriamente em pelo menos uma das línguas, ou seja, todo nó terminal é preenchido pelo menos uma vez. Uma evidência nesse sentido pode ser apontada nos exemplos de *code-blending* misturado de Donati e Branchini (2013), como em (59):

- (59) It. lo
I
LIS: WIN
'I won' (DONATI e BRANCHINI, 2013, p. 110)

Assim como, nesse exemplo, o fato de um elemento ser produzido na língua oral e outro elemento na língua de sinais mostra que há complementariedade entre os dois sistemas, de modo que há evidência para o não preenchimento nas duas línguas em dados de *code-blending*, o que, ainda assim, gera uma produção possível de ser concretizada.

5.4 DERIVANDO OS TIPOS DE *CODE-BLENDINGS*

Nesta subseção, procuramos associar as reflexões teóricas delineadas até aqui aos tipos de *code-blendings* que encontramos no nosso *corpus* de análise.

O *code-blending* que apresenta uma língua dominante, seja ela de base oral – em que o falante produz o enunciado todo na língua oral e utiliza alguns sinais da língua sinalizada de forma simultânea à oral – ou de base sinalizada – quando o enunciado é expresso inteiramente na língua de sinais, com algumas palavras da língua oral – sugerimos que é mais interessante pensar em uma derivação sintática única, que, após o *Spell-Out*, fica sujeita, à inserção de IVs apenas na língua de dominância, com produções esporádicas na outra língua.

Para além disso, os dados sugerem que, na ocorrência de *code-blending* dominante, a coinserção de elementos se dá entre itens lexicais correspondentes e congruentes nas duas línguas, como em (60):

- (60) LSB: RÁPIDO INSCRIÇÃO VIR
PO: inscrição
“Façam as suas inscrições rapidamente, vem!”

Nesse exemplo, o falante produziu um *code-blending* de base sinalizada, realizando todo o enunciado na língua de sinais e com uma palavra da língua oral acontecendo simultaneamente, em “inscrição”. Assim, pode-se pressupor que o conjunto de traços morfossintáticos selecionados da Lista 1 foi organizado na sintaxe e, após *Spell-Out*, a estrutura gerada foi bifurcada em duas derivações paralelas acessadas cada uma por uma Lista 2 correspondente disponível para o falante em questão.

A ideia de uma bifurcação da derivação em PF nos bilíngues bimodais que propusemos em (56) parece dar conta dessa dupla inserção de IVs em (60). O fato de não haver o preenchimento dos outros elementos nas duas línguas é satisfeito pelo Princípio do Subconjunto Estendido, que propusemos em (58), de modo que o preenchimento de, ao menos, um IV em uma das Listas 2 é suficiente.

No caso dos *code-blendings* do tipo total, temos a realização completa dos enunciados nas duas línguas, como em (61) e (62):

(61) LSB: 1-0 MIL VIDA

PO: dez mil vidas

“São 10 mil vidas”

(62) LSB: DEPENDE S-I-T-U-A-Ç-Ã-O

PO: depende situação-----

“Mas depende da situação.”

Esse tipo de formação apresenta toda a produção idêntica nas duas línguas e ainda com as duas línguas em suas estruturas gramaticais esperadas, havendo, nos casos que encontramos desse tipo, congruência entre a sintaxe da libras e do português. Sugerimos para o *code-blending* do tipo total encontrado nossos dados que haja uma derivação sintática única que, após o *Spell-Out*, fica sujeita à inserção de vocabulário de todos os nós sintáticos nas duas línguas. Além disso, no *code-blending* total, capturamos dados que apresentam evidência da atuação das gramáticas das duas línguas, como em (63):

(63) LSB: QUERER EU GRITAR SEU--- OUVIDO

PO: quer----- eu grito no seu ouvido

“Quer que eu grite no seu ouvido?”

No exemplo (63), nota-se a produção em libras do sinal SEU, enquanto em português o colaborador 3 oralizou “no seu”, isto é, houve o acréscimo de “no” da língua portuguesa (preposição “em” + artigo “o”), que não se apresenta no discurso em libras, respeitando a gramática do português na oralização. Essa mesma riqueza gramatical pode ser observada na oralização do conectivo bem como na flexão verbal.

- (67) LSB: ENTÃO PRAZO ABRIL PARCERIA JUNTO UFMG
 PO: abril parceria junto Minas
 “O prazo é até abril. É uma parceria com a UFMG.”

No exemplo (67), o sujeito sinaliza UFMG, sigla referente à Universidade Federal de Minas Gerais, enquanto oraliza Minas. Nessa situação, pode-se evidenciar que há a possibilidade em produzir as duas línguas ao mesmo tempo. Na realização simultânea do sinal UFMG e da palavra “Minas”, o falante optou por produzir somente uma palavra da sigla, remetendo ao estado de Minas Gerais, sendo que havia a opção de não oralizar ou de oralizar a sigla em si, UFMG. Notamos que, nesses casos, ocorre uma espécie de incongruências entre raízes que parecem ser diferentes entre si. O mesmo se observa em (69):

- (69) LSB: EU TORCER VOCES GOSTAR LEITURA DISPONIBILIZAR
 PO: espero leitura
 “Eu torço para que vocês gostem dessa leitura que será disponibilizada.”

No exemplo (69), o colaborador 2 produz a sentença em libras de forma completa e com o sinal TORCER, com as duas mãos em configuração de mãos na letra R e leve movimento de ida e volta. Ao mesmo tempo, a palavra “espero” estava sendo oralizada, marcando uma incongruência, uma vez que poderia ter sido utilizada a palavra “espero” ou o sinal em libras para TORCER²⁸.

5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo delineamos algumas reflexões teóricas a partir, mais especificamente, dos modelos gerativistas apresentados no capítulo anterior. Argumentamos neste capítulo em favor de um modelo de gramática que contemple as seguintes propriedades:

²⁸ Vale ressaltar que a sensação de incongruência também pode ser dada pela escolha tradutória para as glosas, uma vez que a glosa se utiliza da língua portuguesa para descrever a língua de sinais. Dito isso, entendemos que TORCER e “espero” são correspondentes semânticos, com proximidade de significado, mas, como havia a possibilidade de oralizar a mesma palavra do sinal e vice-versa, visualizamos como incongruência de itens lexicais.

- Construcionista, em que os traços formais são livremente articulados apenas pelo componente da Sintaxe;
- Com subespecificação dos IVs, evitando que seja necessário especificar um conjunto duplo de entradas lexicais com itens lexicais especificados para as propriedades da língua de sinais e outros itens lexicais especificados para as propriedades da língua oral;
- Uma bifurcação da estrutura sintática que chega em PF para canais distintos em línguas de modalidades distintas, evitando que haja competição entre os elementos dessas duas línguas.

Propomos ainda que, em termos de inserção de vocabulário, tal processo deva ocorrer para todos os nós gerados pela Sintaxe em, pelo menos, uma língua, sem necessidade, no entanto, de haver obrigatoriamente preenchimento nas duas modalidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção dos bilíngues bimodais ainda precisa ser explorada diante da riqueza linguística que tem a oferecer. Os estudos na área ainda estão começando e já nos mostram que há muitas questões envolvidas na computação e no processamento linguístico de línguas de diferentes modalidades.

O presente trabalho investigou a produção de bilíngues bimodais do par linguístico libras-português, ou seja, pessoas com conhecimento tanto na língua de sinais quanto na língua oral. Este estudo buscou analisar esse grupo uma vez que os trabalhos disponíveis na literatura sobre o bilinguismo bimodal olharam para crianças ouvintes filhos de pais surdos (Kodas) em aquisição de língua, ou para os adultos Codas, como em *Petito et al.* (2001), *Emmorey et al.* (2005; 2008), *van den Bogaerde e Baker* (2009) e outros.

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada a partir de vídeos disponibilizados na internet. Mais especificamente, coletamos e transcrevemos um total de 8 vídeos, totalizando 14 minutos e 23 segundos. Foram selecionados vídeos de 3 colaboradores diferentes, surdos oralizados sinalizantes, sendo 2 deles do sexo feminino e 1 do sexo masculino, na faixa etária entre 30 e 50 anos. Para acomodar os dados, buscamos apoiar em tipologias já propostas por outros autores (*VAN DEN BOGAERDE, BAKER, 2005, 2008; LILLO-MARTIN et al., 2016; DONATI E BRANCHINI, 2013*). A partir daí, buscamos correlações possíveis entre essas tipologias, adaptando-as de acordo com a necessidade da pesquisa e tipos de dados encontrados. Seguimos com a classificação, a partir dos dados encontrados com a seguinte tipologia: *code-blending* dominante de base sinalizada, *code-blending* dominante de base oral, *code-blending* independente, *code-blending* misturado, *code-blending* total e *code-blending* com calque sintático. Toda a transcrição com o detalhamento dos dados se encontra no Apêndice A; a classificação por tipo de *blending* e a localização do enunciado no vídeo se encontram organizados no capítulo 3. Destacamos que coletamos um total de 183 enunciados, sendo 154 realização de *code-blendings*. Além disso, o tipo dominante de base sinalizada representou o maior número de ocorrências, com 110 realizações, ou seja 71% dos *code-blendings* coletados; o tipo dominante de base oral foi encontrado em 7 enunciados, correspondendo a 5%; o tipo *blending* independente foi visualizado em 3 situações, sendo 2%, o mesmo que o tipo *blending* misturado; já o tipo *blending* independente com calque sintático se mostrou em 6 produções, com 4% do total de *blendings*. Além disso, descartamos 17 enunciados incompreensíveis por conta de ruídos externos ou pelo fato de o colaborador produzir sussurros ou *mouthings*, sendo

que que somente as oralizações completas e com nitidez foram transcritas. Pelo mesmo motivo, não anotamos palavras oralizadas, porém, incompletas.

As questões de natureza teórica, por sua vez, são focalizadas a partir do capítulo 4, responsável por apresentar uma discussão teórica a respeito da abordagem Minimalista em torno do trabalho de MacSwan (2000) e da proposta da MD (HALLE e MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), em torno do MSL (LILLO-MARTIN *et al.*, 2016). A partir desses trabalhos, buscamos propor uma explicação teórica em busca de um modelo de competência linguística que abarque as produções de bilíngues bimodais.

Especificamente, em relação aos pressupostos do MSL, notamos que o processo de derivação proposto pode apresentar uma questão importante, segundo o Princípio do Subconjunto (HALLE, 1997), que prevê a inserção de somente um IV correspondente a um conjunto de traços no nó terminal e não de dois IVs distintos, como ocorre no *code-blending*. Além disso, produções incongruentes também foram encontradas na literatura e, embora as autoras entendam que são raros os casos desse tipo, elas se mostram como um desafio para o modelo. Para essa questão, seria necessário considerar que as duas línguas estão ativadas durante todo o processamento, justificando que os traços morfossintáticos de ambas as línguas estariam sempre disponíveis e, com isso, cada língua poderia ser produzida de acordo com a sua estrutura sintática e linearização necessárias, gerando congruências ou incongruências.

Na nossa proposta, assim como em Emmorey *et al.* (2008); Lillo-Martin *et al.* (2016), consideramos que as duas línguas estão ativas durante o processamento. Isso é, de fato, necessário para considerarmos a simultaneidade entre línguas de modalidades diferentes, ora congruente, ora incongruente, ora completamente preenchido em ambas as línguas, ora com lacunas. Entretanto, visamos uma possibilidade de ocorrência sem infringir os princípios propostos no modelo inicial da MD; mais especificamente, propomos uma bifurcação da derivação em PF nos bilíngues bimodais. Prevê-se, dessa forma, uma cópia dos traços morfossintáticos para ser acessada por cada uma das listas 2, havendo, com isso, a inserção de dois itens de línguas diferentes, que não competem entre si.

Nesse contexto, uma discussão interessante se faz necessária nos momentos em que as duas línguas não estão igualmente preenchidas, como nos tipos de *code-blending* dominante, tanto de base oral, quanto de base sinalizada, por exemplo. Para essa problemática, buscamos uma solução a partir de uma proposta que nomeamos como Princípio do Subconjunto Estendido. Mais especificamente, propomos que, para explicar as produções dos bilíngues bimodais em, pelo menos, uma das línguas, é obrigatória a inserção do expoente fonológico,

gerando a possibilidade de lacunas e permitindo, inclusive, a identificação da língua de dominância, nos casos em que ocorre.

Outro aspecto que nos chamou atenção em nosso *corpus* foi a produção de morfemas boca. Em muitos casos, notamos a ausência de uma oralização da língua portuguesa em detrimento da produção deste morfema, fenômeno exclusivo das línguas de sinais e que parecem indicar a preferência do colaborador em seguir a língua de sinais.

Tomados de modo geral, nossos dados evidenciam uma preferência de bilíngues bimodais surdos fluentes em libras e em português, pela sinalização do tipo de *blending* dominantes de base sinalizada. Essa preferência não exclui a possibilidade de ocorrência de incongruências nas produções desse grupo. Acreditamos que, na observação de um *corpus* maior e de surdos com bom domínio das duas línguas, é possível que ocorram eventualmente *code-blendings* com incongruência sintática e semântica. Levantamos também a hipótese de que a fluência em uma língua ou na outra pode influenciar nas produções de *code-blending* e na definição língua de dominância. Essa informação não teve como ser especificada nesta pesquisa, uma vez que, por conta das restrições da pandemia de COVID, assumimos um caráter de coleta de dados a partir de vídeos públicos, disponibilizados em redes sociais e não por filmagens ou entrevistas. Isso poderia dar-nos informações relevantes sobre o contato dos colaboradores com a comunidade Surda, com a língua portuguesa, sobre aspectos da aquisição de língua, como o período de aquisição, entre outros pontos que poderiam auxiliar-nos a verificar essa hipótese. Dessa forma, é interessante reconhecer as limitações que modelos de competência, como os discutidos nesta dissertação, apresentam para questões de *code-blending*, os quais, essencialmente, envolvem fatores ligados à performance. Isso porque a própria escolha, ora por uma ou outra língua, ora pela simultaneidade delas, perpassa questões de performance, como o contexto linguístico, o público-alvo, entre diversos outros fatores que extrapolam questões estritamente de competência.

Diante dos dados coletados para esta pesquisa, foi possível notar que, em termos empíricos, é possível dizer que há naturalidade na produção das duas línguas de forma simultânea. Com isso, importantes questões ocorrem no funcionamento da derivação sintática diante dessas duas línguas de modalidades diferentes simultaneamente produzidas. Para discutir tais questões, levantamos algumas hipóteses no capítulo 5, buscando um caminho de análise para essas possibilidades diante dos dados apontados. Dessa forma, em termos teóricos, propomos que um modelo construcionista, como a MD e o MSL. Apontamos também para a relevância da propriedade de Subespecificação dos IVs.

Dada a amplitude do fenômeno, é necessário reconhecer que tanto os aspectos empíricos quanto os teóricos da realização simultânea precisam ser melhor aprofundados, com uma coleta de dados mais robusta e melhor controlada, além de mais trabalhos a respeito de aspectos teóricos. Além disso, como ponto a ser considerado para pesquisas futuras, ressaltamos a necessidade de trazer um detalhamento das anotações dos dados, de cada vídeo completo, realizadas no ELAN para melhor visualização e organização dos mesmos, incluindo detalhada anotação das ENMs.

Esta investigação suscita novas pesquisas, visto que é uma área ainda pouco explorada com aspectos que têm o potencial de contribuir para compreendermos de modo mais amplo a habilidade humana para a linguagem, o que inclui, como apontado por Londhal (2016), a necessidade de se ampliarem os estudos a partir de falantes bilíngues bimodais.

REFERÊNCIAS

- ADGER, D., & SVENONIUS, P. (2011) **Features in minimalist syntax**. In C. Boeckx (Ed), *The handbook of linguistic minimalism* (pp. 27–51). Oxford: Blackwell.
- ARAD, M. **Locality constraints on the interpretation of roots**: the case of he brew denominal verbs. *Natural language & linguistic theory* 21, p. 737-738, 2003
- ARMELIN, P. R. G. 2015. **A relação entre gênero e morfologia avaliativa nos nominais do português brasileiro**: uma abordagem sintática da formação de palavras. 247f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo.
- BICKFORD, J. A.; FRAYCHINEAUD, K. **Mouth morphemes in ASL**: A closer look. In: QUADROS, R. M. de. (Ed.). *Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future*. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference. Florianópolis, Brasil, Dezembro, 2006. Editora Arara Azul. Petrópolis/RJ. Brazil, 2008, p. 32-47.
- BAKER, A. BOGAERDE, Van Den. Codemixing in signs and words in input to and output from children. In PUST, Carolina Plaza. LOPEZ, Esperanza Morales.(eds.). **Sign bilingualism**: language development, interaction and maintenance in language contact situations, Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 1–27.
- BEARD, R. (1966). **The Affixation of Adjectives in Contemporary Literary Serbo-Croatian**. Doctoral dissertation, University of Michigan.
- BEARD, R. (1995). **Lexeme-morpheme Based Morphology**: A General Theory of Inflection and Word Formation. Albany: State University of New York Press.
- CHOMSKY, Noam. 1981. **Lectures and government and binding**: the Pisa lectures, Dordrecht, Foris.
- CHOMSKY, N. (1993). **A minimalist program for linguistic theory**. In *The view from building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*, ed. Kenneth. Hale & Samuel Keyser, 1-52. MIT Press, Cambridge, Mass.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. MIT Press, 1995
- CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, Michael J. Ken Hale: **a life in language**. Cambridge: MIT Press, 2001, p. 1-52
- DONATI, C., & BRANCHNI, C. Challenging linearization: Simultaneous mixing in the production of bimodal bilinguals. In T. Biberauer and I. Roberts (Eds.). **Challenges to Linearization**. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2013. 93-128.
- EMMOREY, K., BORINSTEIN, H. B., & THOMPSON, R. (2005). **Bimodal bilingualism**: *Code-blending* between spoken English and American Sign Language. In J. Cohen, K. T. McAlister, K. Rolstad, and J. MacSwan (Eds.), *ISB4: Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism*, Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005. p. 663-673.

EMMOREY, K.; BORINSTEIN, H.B.; THOMPSON, R. & GOLLAN, T.H. **Bimodal bilingualism**. *Bilingualism: Language and Cognition* 11(1), 2008. p. 43-61.

EMMOREY, K.; LUK, G.; PYERS, J.E. & BIALYSTOK, E. **The source of enhanced cognitive control in bilinguals: Evidence from bimodal bilinguals**. *Psychological Science* 19 (12), 2008. p. 1201-1206.

EMBICK, D.; HALLE, M. **On the status of stems in morphological theory**. AMSTERDAM STUDIES IN THE THEORY AND HISTORY OF LINGUISTIC SCIENCE SERIES 4, v. 270, p. 37, 2005.

EMBICK, D., NOYER, R. **Distributed Morphology and the syntax-morphology interface**. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles (ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 289-324.

EMBICK, D.; ALEC, M.. 2008. **Architecture and blocking**. *Linguistic Inquiry* 75: 1–53

EMBICK, D. (2015). **The morpheme: A theoretical introduction**. Berlin: Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9781501502569>.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

HALLE, M. & A. MARANTZ. **Distributed morphology and the pieces of inflection**. *The View from Building 20*, edited by K. Hale & S.J. Keyser, 111–176. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993.

HALLE, M. **Distributed Morphology: Impoverishment and Fission**. In BRUENING, B.; KANG, Y.; MCGINNIS, Martha (eds.). *MIT Working Papers in Linguistics 30: Papers at the Interface*, Cambridge, MA, MIT Press, 1997, p. 425-449.

HARLEY, Heidi. **On the identity of roots**. *Theoretical linguistics*, v. 40, n. 3-4, p. 225-276, 2014.

HAUGEN, J. D.; SIDDIQI, D. 2013. **Roots and the derivation**. *Linguistic Inquiry* 44 (3): 493–517.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LICERAS, J. M., FUERTES, F. R., & LA FUENTE, A. (2011). **Overt subjects and copula omission in the Spanish and the English grammar of English-Spanish bilinguals: On the locus and directionality of interlinguistic influence**. *First Language*, 32, 88–105.

LILLO-MARTIN, D. QUADROS R. M. KOULIDOBROVA H. CHEN PICHLER, D. (2010). **Bimodal bilingual cross-language influence in unexpected domains**. In Costa J. Castro A. Lobo M. Pratas F. (Eds.), *Language Acquisition and Development: Proceedings of GALA 2009 (264–275)*. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Press.

LILLO-MARTIN, D., *et al.* Bimodal bilingual cross-language influence in unexpected domains. In: COSTA, J. CASTRO, A. Lobo, M., Pratas, F., editors. **Language Acquisition and Development: Proceedings of GALA, 2009.** Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Press; 2010. p. 264-275.

LILLO-MARTIN, D., MULLER, R., CHEN PICHLER, D. (2016). **The development of bimodal bilingualism:** Implications for linguistic theory. *Linguistic Approaches to Bilingualism*: 2016. p. 719–755.

Lohndal, T. (2017). The role of underspecification in grammar. **Linguistic Approaches to Bilingualism**. 6(6), 782-785.

MACSWAN, J. **The architecture of the bilingual language faculty:** Evidence from intrasentential *code-switching*. *Bilingualism: Language and Cognition*, 2000. p. 37–54.

MARANTZ, A. **‘Cat’ as a phrasal idiom:** consequences of late insertion in Distributed Morphology. Cambridge: MIT Press, 1996. Manuscrito. p. 1-24

MARANTZ, A. **No escape from syntax:** Don’t try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In *Proceedings of the 27th Annual Penn Linguistics Colloquium*. UPenn Working Papers in Linguistics 4:2, Article 14. Philadelphia, PA, UPenn, 1997.

MCBURNEY, S. L. **Pronominal reference in signed and spoken language:** are grammatical categories modality-dependent? Eds. Meier, R. P., Cormier, K., Quinto-Pozos, D. *Modality and structure in signed and spoken languages* Cambridge: Cambridge University Press. (2004): 329-369.

MEIER, R. P. **Why different, why the same?** Explaining effects and non-effects of modality upon linguistics structure in sign and speech. In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MILROY L, M. P. **One speaker, two languages:** Cross-disciplinary perspectives on *code-switching*. New York: Cambridge University Press, 1995.

MINUSSI, R.; BASSANI, I. **Em favor do conteúdo semântico das raízes.** *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, n. 96, pp.152-173, 2017.

MUYSKEN P. **Bilingual Speech:** a typology of code-mixing. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

NESPOR e SANDLER, (1999, p. 27); NESPOR, M.; SANDLER, W. (1999). **Prosody in Israeli Sign Language.** *Language and Speech*. v. 42, n. 2-3, p. 143-176.

OLTRA-MASSUET, I. **On the notion of theme vowel:** a new approach to Catalan verbal Morphology. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 1999.

PÊGO, C.F. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais.** Um estudo do morfema-boca. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Orientadora: Enilde Faulstich.

PETITTO, L.A.; KATERELOS, M.; LEVI, B.; GAUNA, K.; TETRAULT, K. & FERRARO, V. **Bilingual signed and spoken language acquisition from birth:** Implications for the mechanisms underlying early bilingual language acquisition. *Journal of Child Language* 28(2), 2001. p. 453-496.

PETROJ, V., GUERRERA, K., & D., K. (2014). **ASL dominant code-blending in the whispering of bimodal bilingual children.** In Orman, W. & Valteau, M. J. (eds.), *Proceedings of the 38th Annual Boston University Conference on Language Development*, pp. 319–330. Somerville, MA: Cascadilla Press. [Google Scholar](#)

PIERANTOZZI, C. **Agreement within early mixed DP.** In: BRAUNMÜLLER, K., Gabriel, C., editors. *Multilingual Individuals and Multilingual Societies*. John Benjamins: 2012. p. 137-152.

POPLACK, S. **Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL:** toward a typology of *code-switching*. *Linguistics*, 1980. p. 581-618.

QUADROS, R, M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais II.** Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2008.

QUADROS, R.M.; LILLO-MARTIN, D.; PICHLER, D. C. **O que bilíngues bimodais têm a nos dizer sobre desenvolvimento bilíngue?** *Letras de Hoje*, v. 48, n. 3, 2013.p. 380-388.

QUADROS, R.M. LILLO-MARTIN, D. PICHLER, D.C. **The Development of Bimodal Bilingualism:** Implications for Linguistic Theory. *Linguist Approaches Biling.* 2016; 6(6): 719–755.

QUADROS, R.M. **Fundamentos do bilinguismo bimodal.** *Interface linguagem e cognição: contribuições da Psicolinguística*, 2019. p. 219-241.

RODERO-TAKAHIRA, A.G. **Compostos na língua de sinais brasileira.** 161 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V. “O uso de *mouthings* na interpretação simultânea para a Língua Brasileira de Sinais”. In: **V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2016/3604.pdf>>. Acesso em: 18 de fev. de 2023.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. In: **Revista da Anpoll.** Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 111-129, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i44.1146>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SIDDIQI, D. **Syntax within the word**: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

VAN DEN BOGAERDE, B. BAKER, A.E. **Code-mixing in mother-child interaction in deaf families**. *Sign Language & Linguistics*, 2005; 8(1/2). p.151–174.

VAN DEN BOGAERDE, B., BAKER, A.E. Bimodal language acquisition in kudas. *In*: BISHOP, M., HICKS, SL., editors. **Hearing, mother father deaf**: Hearing people in Deaf families. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2008. p. 99-131.

VAN DEN BOGAERDE, B., BAKER, A.E. Bimodal language acquisition in Kudas (kids of deaf adults). *In* BISHOP, M.,HICKS, SL. **Hearing, Mother-Father Deaf: Hearing People in Deaf Families**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2009. p.99-131.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Anotação completa do vídeo 1

(1) Anotação completa do vídeo 1

(A1²⁹) LSB: OLÁ(1) BOA TARDE BEM JOIA

PO: Olá boa tarde tudo bem³⁰

“Olá, boa tarde! Tudo bem?”

(B1) LSB: EU GOSTAR AVISAR O-QUE JÁ PERTO QUASE O-QUE

PO: eu já quase

“Sabe o que eu gostaria de avisar a vocês que já está se aproximando?”

(C1) LSB: PRIMEIRO ENCONTRO LIBRAS POESIA-MÃO

PO: encontro poesia

“O primeiro Encontro “Mãos Literárias”.

(D1) LSB: VOCÊS DÚVIDA OU INCOMODADO PENSAR

PO: vocês ou

“Vocês estão em dúvida ou ainda pensando”

²⁹ De modo que fosse possível enumerar os enunciados apresentados, optamos por utilizar letras do alfabeto em caixa alta, juntamente com a numeração referente ao vídeo, logo A1, B1, C1 e assim por diante.

³⁰ As oralizações desta colaboradora, neste vídeo, são cochichadas, o que dificulta bastante a percepção dos *blends*, visto que por vezes observa-se pouquíssimo som da LO, restando praticamente apenas um *mouthing*. Desse modo, nos casos de dúvidas do que havia sido realmente produzido oralmente, descartamos alguns dados.

- (E1) LSB: RESOLVER VIR INSCRIÇÃO RÁPIDO PORQUE JÁ FALTAR POUCA VAGAS
 PO: resolve inscrição pouco vaga
 “Resolva e venha fazer sua inscrição rapidamente porque faltam poucas vagas.”
- (F1) LSB: AUDITÓRIO CAPACIDADE LIMITE 1-5-0 PESSOAS
 PO: auditório cento cinquenta pessoas
 “O auditório tem capacidade para 150 pessoas.”
- (G1) LSB: AGORA TER SÓ 4-0 VAGAS SÓ
 PO: Agora tem só quarenta só
 “Agora só restam 40 vagas.”
- (H1) LSB: RÁPIDO INSCRIÇÃO VIR
 PO: inscrição
 “Façam as suas inscrições rapidamente, vem!”
- (I1) LSB: VOCÊ ENCONTRAR FAMÍLIA 4 F É SINAL-FIORELLA SINAL-FRAN SINAL-FABIANO TAMBÉM BEBÊ
 PO: encontrar também bebê
 “Você vai encontrar com a família 4-F: Fiorella, Francielli, Fabiano e o bebê.”
- (J1) LSB: BOIA-4-APONTAR O-QUE SURDOS
 PO: surdos
 “Os 4 são surdos.”

- (K1) LSB: TAMBÉM O-QUE É SINAL-CATHERINE C-A-T-H-E-R-I-N-E
 PO:
 “Terá também a Catherine.”
- (L1) LSB: EL@ SINAL-CATHERINE MORA SÃO PAULO
 PO:
 “Ela mora em São Paulo.”
- (M1) LSB: EL@ ATRIZ POETA
 PO:
 “Ela é atriz, poeta.”
- (N1) LSB: V-A-I MOSTRAR SLAM PIADA POESIA COISA CORPO VÁRIAS
 PO: vai mostrar slam corpo
 “Ela vai apresentar slam, piadas, poesia e expressões corporais”
- (O1) LSB: VIR APRENDER VIR
 PO: vamos
 “Vem aprender, vem!”
- (P1) LSB: ESPERAR VOCÊS OK BEIJOS TCHAU-TCHAU
 PO: vocês
 “Espero vocês, ok?! Beijos, tchau!”

- (Q1) LSB: APROVEITAR ENTRAR SITE LIBRAS POESIA-MÃO MAIS INFORMAÇÃO JOIA OK TCHAU BEIJOS TCHAU-TCHAU
PO: site mais informações
“Aproveitem e entrem no site “Mãos Literárias” para ver mais informações. Ok? Beijinhos, tchau!”

Anotação completa do vídeo 2

(2) Anotação completa do vídeo 2

(A2) LSB: OLÁ(1) BEM JOIA MEU MEU-NOME M-I-C-H-E-L-L-E MEU-SINAL SINAL-MICHELLE
 PO: Michelle-----³¹

“Olá! Tudo bem? Meu nome é Michelle e esse é meu sinal.”

(B2) LSB: ENTÃO EU HOJE EU VIR PORQUE IGUAL(1) QUERER AJUDAR TENTAR AJUDAR(reduplicação) (...)
 PO: então hoje ajudar----- (...)

LSB: (...) TAMBÉM PORQUE SURD@ ME-AJUDAR ME-DAR-DICA D-I-C-A
 PO: (...) surdo ajudar----- dica

“Hoje eu estou aqui porque eu quero tentar ajudar vocês e também porque alguns surdos me deram essa dica.”

(C2) LSB: EU APRENDER USAR VERDADE-ENMintensidade³² BOM O-QUE
 PO:

“E eu aprendi a usar da forma correta.”

(D2) LSB: VOCÊS SABER AGORA COVID PERIGOSO PRECISAR CUIDADO COISAS
 PO: agora cuidado

“Como vocês sabem, agora temos a covid e é um momento perigoso e precisamos tomar cuidado com algumas coisas.”

³¹ Modo de representação escolhido para indicar prolongamento, isto é, quando o colaborador fez o sinal para MICHELE, a oralidade em português de Michelle ocorreu até o final da sinalização.

³² Optamos por não anotar as expressões não-manuais (ENMs), no entanto, em casos como este no qual a ENM colabora com o significado de alguma palavra que é oralizada simultaneamente, optamos pela anotação para que não haja incoerência na classificação do *code blending*.

(E2) LSB: MAS(1) ÀS-VEZES DIFÍCIL EXEMPLO (...) ³³

PO: Mas difícil exemplo (...)

LSB: (...) CASA TER CORTINA BOIA-2 CADEIRA-ESTOFADA BOIA-3 CAMA BOIA-4 TRAVESSEIRO (...)

PO: (...) casa tem cortina sofá----- cama travesseiro (...)

LSB: (...) COISAS MESA MUITAS COISAS

PO: (...) mesa

“Mas á vezes é difícil, por exemplo, em casa temos cortina, sofá, cama, travesseiro, mesa e muitas outras coisas”.

(F2) LSB: IGUAL(1) TENTAR LIMPAR(reduplicação) DIFÍCIL VERDADE

PO:

“Manter essas coisas limpas é complicado.”

(G2) LSB: COMO LIMPAR(reduplicação) CORTINA SEMPRE COMO

PO: como cortina sempre como

“Como manter uma cortina sempre limpa? Como?”

³³ Optamos por utilizar as reticências nos casos em que o espaço do editor de texto não comporta toda a sentença produzida. Com isso, a glosa de LSB e PO segue para a linha de baixo até que seja possível identificar a finalização da sentença.

(H2) LSB: ENTÃO O-QUE SURD@ VOCÊS ME-CONTAR (gesto/ENM-entendimento)³⁴ (...)

PO: surdo eu (...)

LSB: (...) TENTAR COMPRAR-2 BOIA-2-APONTAR-1 BOIA-2-APONTAR-2 BOIA-2-APONTAR-1 BOIA-2-APONTAR-2 TIPO TER

PO: (...) comprar tipo tem

“Então o que os surdos me contaram e eu “pensei”: ‘vou tentar comprar dos dois tipos que tem’.”

(I2) LSB: ESS@³⁵ ESS@ AZUL TER OUTRO ESS@ VERMELHO

PO: azul tem outro vermelho

“Tem esse azul e um outro vermelho.”

(J2) LSB: MAS(1) VERMELHO CHEIRO(1) CHEIRO(2) FORTE(1) FORTE(2) NÃO-PODER CASA DIFÍCIL TONTURA

PO: mas vermelho cheiro----- forte----- não-dá----- casa

“O vermelho tem um cheio mais forte e não pode usar em casa porque dá até tontura.”

(K2) LSB: CHEIRO(2) A-M-O-N-I-A CHEIRO(2) FORTE(1)

PO: cheiro amônia----- cheiro forte

“É um cheiro que lembra amônia, um cheiro forte.”

³⁴ A colaboradora usa a boca para oralizar “eu” e para fazer a ENM, a que chamamos de “entendimento”. Logo, a simultaneidade aqui é impossível. A tradução seria algo como “Eu entendi e pensei” porque tem a ENM boca de surpresa/entendimento e uma leve inclinação de cabeça para trás (volta para frente no sinal seguinte), indicando uma afirmativa do entendimento. Por se tratar de algo mais gestual (para além da libras), entendemos que não se trata de uma ocorrência de *blending*.

³⁵ Nessas três ocorrências notadas como “ESS@”, a colaboradora pega um produto na mão e aponta diretamente para ele. Mantivemos o IX para os apontamentos de referenciais não presentes no momento da sinalização.

- (L2) LSB: IX AZUL CHEIRO(1) NÃO-SABER GOSTOSO S-U-A-V-E NÉ
 PO: azul suave-----
 “Já esse azul tem um cheio mais gostoso, suave.”
- (M2) LSB: ENTÃO O-QUE IX MEDIDA-DA-TAMPA CL DOIS MEDIDA-DA-TAMPA CL-DESPEJAR-DUAS-VEZES (...)
 PO: dose----- (...)
- LSB: (...) DOIS LITRO ÁGUA DESPEJAR-DUAS-VEZES MAIS SPRAY SPRAY³⁶(reduplicação) CADEIRA-ESTOFADA TUDO
 PO: (...) dois litro mais sofá----- tudo
 “Então, despeje duas doses em dois litros de água e use um recipiente para spray para borrifar no sofá, em tudo.”
- (N2) LSB: IX NÃO-TER IGUAL(1) ÁGUA S-A-N-I-T-A-R-I-A FAZER BRANCO ESTRAGAR NADA
 PO: não-tem igual água sanitária----- faz branco estraga
 “Não funciona igual a água sanitária, que embranquece, não estraga nada.”
- (O2) LSB: SPRAY(reduplicação) IX DESINFETAR
 PO: ele
 “Borrifa e ele desinfeta.”
- (P2) LSB: TAMBÉM PODER MÁQUINA-DE-LAVAR CL ROUPA MÁQUINA-DE-LAVAR CL LAVAR
 PO: também pode lavar
 “Também pode ser usado na máquina de lavar roupas.”

³⁶ Nessa situação, o colaborador sinalizou SPRAY e, logo em seguida, sinalizou SPRAY com movimentos repetitivos. Com isso, diferenciamos o primeiro sinal estático do segundo sinal que é reduplicado.

(Q2) LSB: LÁ MESM@ LUGAR DESPEJAR CHEIRO3 1 MEDIDA-PEQUENACL-DESPEJAR (...)
 PO: mesmo onde cheiro um (...)

LSB: (...) ACABAR LIMPAR DESINFETAR QUALQUER TIPO F-U-N-G-O-S BOIA-1-2-APONTAR-2 B-A-C-T-E-R-I-A VÁRIOS
 PO: (...) tipo fungos----- bactéria-----
 “É só colocar no mesmo lugar do amaciante e pronto estará limpo, desinfetado. Funciona para qualquer tipo de sujeira, como fungos, bactérias e outros.”

(R2) LSB: ENTÃO APROVEITAR VOCÊ USAR CASA LIMPAR
 PO: então usar casa limpa
 “Então vocês podem aproveitar e usar na casa de vocês para ajudar na limpeza.”

(S2) LSB: EVITAR COVID ESPALHAR EVITAR TAMBÉM APROVEITAR CASA LIMPAR CHEIRO(3) BOM
 PO: evitar evitar também casa cheiro bom
 “Com isso, evitamos também a disseminação da covid E ainda aproveitamos a casa limpa e com cheiro bom.”

(T2) LSB: VOCÊ LEMBRA SEMPRE O-QUE TAMPAR-ROSQUEARCL VERMELHO CHEIRO(2) FORTE(2) MELHOR AZUL
 PO: lembra sempre o-que vermelho forte melhor azul
 “Se lembrem de que o produto vermelho tem um cheiro mais forte e o azul tem um cheiro melhor.”

(U2) LSB: JOIA TCHAU BEIJO TCHAU-TCHAU
 PO: tchau
 “Tchau tchau!”

Anotação completa do vídeo 3

- (3) Anotação completa do vídeo 3
- (A3) LSB: OLÁ(2) HOJE DIA O-QUE SÁBADO
PO:
“Olá! Hoje é sábado.”
- (B3) LSB: AMANHÃ DIA ESPECIAL O-QUE DIA MÃE
PO: dia dia
“Amanhã será um dia especial: o dia das mães!”
- (C3) LSB: MOMENTO PERÍODO BRASIL BOM NÃO
PO:
“Mas não estamos em um bom período no Brasil.”
- (D3) LSB: MOMENTO PERÍODO O-QUE 1 QUASE 1-0 MIL VIDAS
PO: vidas
“No momento já perdemos quase 10 mil vidas.
- (E3) LSB: QUANT@ MÃE
PO: mães
“Quantas mães?”

- (F3) LSB: QUANT@ FILH@ CHORAR MORTE MÃE
 PO:
 “Quantos filhos estão chorando a perda de suas mães.”
- (G3) LSB: QUANT@
 PO:
 “Quantas!”
- (H3) LSB: EMPATIA FALTAR
 PO:
 “Falta empatia!”
- (I3) LSB: APOIAR GOVERNO IGNORAR-3pl ³⁷1-0 MIL VIDAS
 PO: mil vidas
 “Não dá para apoiar um governo que ignora a morte de quase 10 mil pessoas.”
- (J3) LSB: NÃO-É NÚMERO INSIGNIFICANTE NÃO
 PO:
 “Não é um número baixo, não.”
- (K3) LSB: É VIDA É FAMÍLIA É MÃE É TI@ É FILH@ É IRM@ VÁRI@S
 PO: vida família tio filho irmão
 “São vidas, são famílias: várias mães, tios, filhos, irmãos.”

³⁷ Indicação de terceira pessoa do plural para diferenciar da reduplicação, na qual o sinal é repetido por completo; nesse caso, o sinal IGNORAR foi realizado indicando direcionalidade.

(L3) LSB: 1-0 MIL VIDA
PO: vidas
“São 10 mil vidas.”

(M3) LSB: PENSAR REFLETIR
PO:
“Pensem, reflitam.”

Anotação completa do vídeo 4

(4) Anotação completa do vídeo 4

(A4) LSB: OLÁ(1) PESSOA(reduplicação) SURD@ OU(1) OUVINTE TRABALHAR FOCO ÁREA PROFISSIONAL (...)
 PO: trabalha----- área profissional (...)

LSB: (...) ENSINO BILÍNGUE LINGUÍSTICA INTERPRETAÇÃO TRADUÇÃO

PO: (...) educação linguística

“Olá pessoas surdas ou ouvintes que são profissionais nas áreas de ensino bilíngue, linguística, interpretação e tradução.”

(B4) LSB: ENTÃO FENEIS CONVIDAR VOCÊS ENVIAR(1)(reduplicação) TRABALHO APRESENTAR ATÉ 3-1 JANEIRO
 PO: então a Feneis convida trabalho até trinta um de janeiro

“Então, a Feneis convida vocês a enviar trabalhos para apresentação até 31 de janeiro.”

(C4) LSB: ENTÃO ORGANIZAR ESCOLHER TRABALHO APRESENTAR SEMINÁRIO FENEIS MINAS
 PO: organiza trabalho apresenta seminário Feneis Minas

“Então, organizem e escolham o trabalho para apresentar no seminário da Feneis Minas.”

(D4) LSB: ENTÃO PRAZO ABRIL PARCERIA JUNTO UFMG
 PO: abril parceria junto Minas

“O prazo é até abril. É uma parceria com a UFMG.”

(E4) LSB: ENTÃO ESS@ MOMENTO IMPORTANTE (...)
PO: esse momento (...)

LSB:(...)COMPARTILHAR CADA TRABALHO APRESENTAR ACADÊMICO PARCERIA INDIVÍDUO(reduplicação) SURD@
PO: (...) troca cada trabalho acadêmico

“Então, esse é um momento muito importante para compartilhar apresentações de cada trabalho acadêmico apresentado em parcerias com pessoas surdas.

(F4) LSB: ENTÃO FENEIS ESPERAR VOCÊS TCHAU
PO: Feneis espera você
“Então, a Feneis Libras espera por vocês. Tchau.”

Anotação completa do vídeo 5

(5) Anotação completa do vídeo 5

(A5) LSB: AQUISIÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS NOVO V-O-O-K MOSTRAR-2p1³⁸ TUDO LÍNGUA-DE-SINAIS (...)
 PO: aquisição libras novo V-Book tudo Língua de sinais (...)

LSB: (...) TER LEGENDA PORTUGUÊS

PO: (...) tem linha português

“O novo V-book sobre aquisição de línguas de sinais mostra para vocês tudo em línguas de sinais e tem legendas em português”.

(B5) LSB: EU DENTRO TER ORGANIZAR TUDO VÍDEO (...)
 PO: tudo vídeo (...)

LSB: (...)MAIS 11 CAPÍTULO(reduplicação) CADA(reduplicação) ³⁹TEMA TEMA TEMA TEMA PODER INTERESSAR ASSISTIR

PO: (...) mais onze capítulo----- cada----- tema tema tema

“Eu faço parte da organização dos vídeos e de mais 11 capítulos e cada um dos temas pode interessá-los a assistir.”

³⁸ Indicação de segunda pessoa do plural para diferenciar da reduplicação, na qual o sinal é repetido por completo; nesse caso, o sinal MOSTRAR foi realizado indicando direcionalidade.

³⁹ Nos casos de reduplicação em que há a produção oral da palavra, optamos por manter a glosa completa (TEMA TEMA TEMA TEMA), de modo a facilitar a visualização da simultaneidade ocorrida; quando não há a oralização, marcamos com a palavra reduplicação entre parênteses.

(C5) LSB: COMO TEMA EXPRESSAR MOSTRAR PESQUISA DIVERS@ (...)
 PO: como mostra pesquisa (...)

LSB: (...) FOCO COMO DESENVOLVER(1) AQUISIÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS (...)
 PO: (...) foco como desenvolver aquisição Língua de Sinais (...)

LSB: (...) CRIANÇA(1)(reduplicação) SURD@ CRIANÇA(1)(reduplicação) OUVINTE FAMÍLIA(2) SURD@ (...)
 PO: (...) criança----- surda criança----- ouvinte família (...)

LSB: (...) PAI OUVINTE-SURD@ (...)
 PO: (...) (...)

LSB: (...) COMO IX CRIANÇA(1) OUVINTE DESENVOLVER L2
 PO: (...) como criança ouvinte L2

“Os temas mostram diversas pesquisas com foco no desenvolvimento da aquisição da língua de sinais das crianças surdas e ouvintes de família surda, pai surdo como essa criança ouvinte desenvolve a L2.”

(D5) LSB: COMPARAR DESENVOLVER(2)
 PO:
 “Dá para comparar o desenvolvimento”.

(E5) LSB: IX ÁREA PESQUISAR PEGAR(reduplicação) MOSTRAR-2pl COMO LÍNGUA LÍNGUA-DE-SINAIS (...)
 PO: área mostra língua de sinais (...)

LSB: (...) TAMBÉM LÍNGUA ORAL
 PO: (...) oral

LSB: (...) DESENVOLVER(2) IGUAL(2) OU(1) DIFERENTE
 PO: (...) desenvolve igual ou diferente

“São pesquisas que mostram se as línguas de sinais e as línguas orais se desenvolvem de forma igual ou diferente”

- (F5) LSB: MOSTRAR-2pl DELE PRÓPRI@ CARACTERÍSTICA PRÓPRI@ DELE (...)
 PO: mostra característica (...)
- LSB: (...) TAMBÉM CARACTERÍSTICA PRÓPRI@ LÍNGUA-DE-SINAIS VER COMPARAR
 PO: (...)
 “Mostram características que são das línguas orais, também características das línguas de sinais, observa e compara”
- (G5) LSB: DENTRO AQUI VOOK DENTRO TER 9 HORAS DURAÇÃO PODER PARAR VER DE NOVO DURAÇÃO
 PO: dentro v-book nove horas pode parar ver de novo
 “O V-book tem 9 horas de duração, você pode parar e assistir novamente quando quiser.”
- (H5) LSB: TER CAPÍTULO(reduplicação) 11 DIVERSOS TAMBÉM DENTRO2 GLOSSÁRIO PRÓPRIO FOCO TERMINOLOGIA (...)
 PO: capítulo----- onze também glossário (...)
- LSB: (...) ÁREA AQUISIÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS
 PO: (...) área aquisição Língua de Sinais
 “São 11 capítulos diversos e há também um glossário com foco nas terminologias da área de aquisição de língua de sinais.”
- (I5) LSB: IX VOOK AJUDAR DISTRIBUIR REFERÊNCIA O-QUE
 PO: v-book referência
 “Esse V-book vai ser distribuído para ajudar no que?”
- (J5) LSB: PRINCIPAL PESSOA(reduplicação) PROFESSOR PROFISSIONAL PSICÓLOG@ (...)
 PO: professor profissional psicólogo (...)
- LSB: (...) COMBINAR ÁREA CONHECER COMO CRIANÇA(1)(reduplicação) SURD@ DESENVOLVER (...)
 PO: (...) área como criança----- surda desenvolve (...)

LSB: (...) AQUISIÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS

PO: (...) aquisição

“Principalmente, profissionais de referência: professores, psicólogos, profissionais da área que conhecem como se dá a aquisição linguística de uma criança surda.”

(K5) LSB: TAMBÉM AJUDAR FAMÍLIA(2) CRIANÇA(1)(reduplicação) NÃO-SABER(reduplicação) (...)

PO: também família (...)

LSB: (...) COMO TRATAR COMO COMUNICAR

PO: (...) tratar como comunicar

“Também vai ajudar as famílias que não sabem como tratar e se comunicar.”

(L5) LSB: SABER COMO RESULTAR(reduplicação) CRIANÇA(2)⁴⁰ CRESCER MAIS(2) (...)

PO: como resultar----- criança mais (...)

LSB: (...) LEITURA ESCRITA EXPRESSÃO COMUNICAÇÃO

PO: (...) tendo interesse comunicação

“Elas vão saber que resulta na criança desenvolvendo mais, tendo interesse na leitura e na escrita como forma de expressão e comunicação”.

(M5) LSB: TAMBÉM DISTRIBUIR AJUDAR CASA-ESTUDO(apontamento)⁴¹ MÉDICO ÁREA PODER APRENDER (...)

PO: também escola----- clínica área pode (...)

LSB: (...) VER COMO NOVO(reduplicação)

PO: (...) como atual-----

“A escola e a clínica também podem contribuir.”

⁴⁰ A mão sai do campo de visualização do vídeo, de modo que não é possível saber se há reduplicação como nas outras ocorrências neste mesmo vídeo.

⁴¹ Optou-se por utilizar APONTAMENTO para indicar que o colaborador apontou para vários lugares, criando um referencial no espaço, diferenciando das ocorrências de IX.

- (N5) LSB: AGORA VIDA ÁREA PESQUISAR AQUISIÇÃO LÍNGUA-DE-SINAIS (...)
 PO: área pesquisa aquisição (...)
- LSB: (...) CRIANÇA(1)(reduplicação) SURD@ CRIANÇA(1)(reduplicação) OUVINTE
 PO: (...) criança----- surda criança----- ouvinte
 “Agora estamos fazendo essa pesquisa na área clínica de aquisição de língua de sinais por crianças surdas e crianças ouvintes.”
- (O5) LSB: ENTÃO EU TORCER VOCÊS PODER VER VOOK SINALIZAR TUDO
 PO: pode v-book
 “Então, eu torço que vocês possam assistir a todo o V-book.”
- (P5) LSB: PARECER EU LIVRE EU-MESMA FAZER EU ASSISTIR VER DENOVO(reduplicação)
 PO: eu independência----- de novo-----
 “Eu tenho liberdade para assistir de novo”
- (Q5) LSB:TAMBÉM DENTRO GLOSSÁRIO AJUDAR NOVO(reduplicação) PALAVRA(reduplicação) COMBINAR ÁREA
 PO: glossário novo----- área
 “Além disso, o glossário também vai contribuir com as novas palavras da área.”
- (R5) LSB: EU TORCER VOCES GOSTAR LEITURA DISPONIBILIZAR
 PO: espero leitura
 “Eu torço para que vocês gostem dessa leitura que será disponibilizada.”

Anotação completa do vídeo 6

(6) Anotação completa do vídeo 6

(A6) LSB: OLÁ(1) BEM JOIA EU(2) GOSTAR JUNTO SINAL-NELSON

PO: olá bem

“Olá, tudo bem? Eu gosto de trabalhar com o Nelson.”

(B6) LSB: EU DOIS-SENTAR-DE-FRENTE SINAL-NELSON ME-AJUDAR FILMAR EU QUER ELE SINAL-NELSON

PO: ajuda quer ele

“Ele senta de frente e me ajuda na filmagem.”

(C6) LSB: V-A-I DENTRO DIVULGAR F-A-C-E-B-O-O-K EU PRIMEIRO EU PARABENIZAR EVENTO (...)

PO: vai facebook----- primeiro (...)

LSB: (...) CADA(reduplicação) ESTADO(reduplicação)

PO: (...) cada-----

“Nós vamos fazer uma divulgação no Facebook, mas primeiro eu quero parabenizar cada estado pelo evento realizado.”

(D6) LSB: SURD@ TRABALHAR EU ORGULHO TAMBÉM EU ORGULHO GRUPO PROFESSOR SINAL-PATRICIA

PO: surdo orgulho professora Patrícia-----

“Eu tenho muito orgulho dos surdos e me orgulho muito do grupo da professora Patrícia.”

(E6) LSB: TAMBÉM GRUPO ESS@ DIRETORIA FENEIS

PO:

“E também do grupo da diretoria da Feneis.”

- (F6) LSB: EU ORGULHO TRABALHAR PARABÉNS MOTIVAÇÃO IMPORTANTE
 PO: importante
 “Eu tenho orgulho desse trabalho, parabéns pela importante motivação de vocês.”
- (G6) LSB: EU VER F-B----- FACEBOOK ABRIR ABRIR DISCUSSÃO IMPORTANTE (...)
 PO: ver facebook importante (...)
- LSB: (...) EU TORCER 1-9----- 2-0 MOVIMENTO V-A-I MOVIMENTO CERTO EU PENSAR TORCER
 PO: (...) torço dezenove vinte vai certo
 “Eu vi no Facebook que foi aberta uma discussão muito importante e eu torço para esse movimento de 19, 20 dar certo. Eu torço.”
- (H6) LSB: ENTÃO ÀS-VEZES EU IR EU DIFÍCIL TEMPO AGORA (...)
 PO: vai (...)
- LSB: (...) PORQUE EU TRABALHAR FOCO GRUPO LETRAS-LIBRAS 2-0-0-6 FIM
 PO: (...) porque grupo libras dois mil e seis fim
 “Às vezes eu fico um pouco sem tempo porque eu trabalho concentrada no grupo de 2006 do Letras-Libras que finalizará.”
- (I6) LSB: FECHAR TRABALHAR RELATÓRIO PAPEL PESSOA FIM FIM POLO POLO ORGANIZAR MATERIAL
 PO: fecha relatório papel fim fim polo polo organiza
 “É preciso trabalhar no fechamento de relatório, pois é muito papel para as pessoas finalizarem e os polos precisam organizar o material.”
- (J6) LSB: COMPUTADOR LEVAR COMO EU PESQUISAR FIM FECHAR EU ENTREGAR M-E-C EU RESPONSÁVEL COMBINAR
 PO: computador como MEC
 “Eu levo o computador para eu pesquisar, eu faço o fechamento e entrego para o responsável do MEC”

- (Q6) LSB: EXEMPLO 1 SURDO NORMAL ME-PERGUNTAR PORQUE DAR GASTAR COMO
 PO: dá gasta como
 “Por exemplo, quando um surdo vem me perguntar por que dá...como se investe (na comunidade surda)”
- (R6) LSB: EXEMPLO IMAGINAR LUGAR EU MOSTRAR EXEMPLO AQUI(2)
 PO: exemplo exemplo aqui
 “Eu dou um exemplo sobre o lugar que eu estou.”
- (S6) LSB: LUGAR CAPITAL SINAL-FLORIANÓPOLIS AQUI
 PO: capital Florianópolis-----
 “Aqui é a capital Florianópolis.”
- (T6) LSB: TER POUC@(reduplicação) SURD@ POUC@(reduplicação)
 PO: tem pouco
 “Aqui tem poucos surdos.”
- (U6) LSB: SE CASA-ESTUDO FECHAR COLOCAR(reduplicação) ALUN@ SURD@ (...)
 PO: se escola----- fecha aluno surdo (...)
 LSB: (...) INCLUSÃO(reduplicação) INTÉRPRETE COLOCAR(reduplicação)
 PO: (...) intérprete
 “Se as escolas fecharem, realocamos os alunos surdos em salas inclusivas e colocamos intérpretes.”
- (V6) LSB: DINHEIRO GASTAR NÃO PORQUE NÚMERO DIMINUIR(1) SURD@
 PO: gastar número menor
 “Não será gasto tanto dinheiro, uma vez que vai diminuir a quantidade de surdos.”

- (W6) LSB: EXEMPLO 5º-ANO TER 1-5 ALUN@ SURD@ CASA-ESTUDO 1-5 INTÉRPRETE COLOCAR(reduplicação)
 PO: quinta tem quinze aluno surdo escola----- quinze interprete
 “Por exemplo, se no 5º ano tiver 15 alunos surdos, vamos colocar 15 intérpretes.”
- (X6) LSB: DENTRO SINAL-FLORIANÓPOLIS DIMINUIR(2)
 PO: dentro Florianópolis----- menor
 “Em Florianópolis (o gasto) vai diminuir.”
- (Y6) LSB: EXEMPLO SE 1 MILHÃO 2 MILHÃO SURD@ OUVINTE MILHÃO IGUAL(reduplicação)
 PO: se um milhão dois surdo milhão igual
 “Por exemplo, se tiver 1 ou 2 milhões de surdos e 1 ou 2 milhões ouvintes, teremos uma quantidade igual”
- (Z6) LSB: MAIS DIFÍCIL INTÉRPRETE COLOCAR(reduplicação) CAR@
 PO: mais difícil intérprete caro
 “Ficaria mais difícil de alocar intérprete e ficaria caro”.
- (A6.1) LSB: SURD@ DIMINUIR COLOCAR(reduplicação) DÁ
 PO: pouco dá
 “Se tem pouco surdo, dá (para colocar intérprete).”
- (B6.1) LSB: GOVERNO MAIS BARAT@ CASA-ESTUDO ESPECIAL PRÓPRI@ SURD@ MAIS CAR@
 PO: governo mais barato---- escola----- próprio mais cara
 “O governo quer o mais barato e a escola especial para surdos é mais cara.”

(C6.1) LSB: SÓ 1 AQUI BRASIL TAMBÉM apontamento⁴² PAÍS(reduplicação)

PO: só país país país país

“Aqui no Brasil só temos uma e tem em outros países também.”

(D6.1) LSB: TER DIFÍCIL CASA-ESTUDO PRÓPRI@ SURD@

PO: tem difícil escola----- próprio surdo

“É difícil ter uma escola própria para surdos.”

(E6.1) LSB: ÀS-VEZES CRIANÇA(2) CRIANÇA(1) BEBÊ ANO-ESCOLAR DIMINUIR(1) 4 CRIANÇA(1) PROFESSOR@ 1 (...)

PO: às vezes criança----- bebê quatro professor um (...)

LSB: (...) TROCAR 4 4-4-JUNTAR OUVINTE INCLUSÃO INTÉRPRETE COLOCAR DIMINUIR(2)

PO: (...) troca quatro ouvinte intérprete

“Às vezes a criança ou o bebê já em ano escolar são poucos, 4 crianças para um professor. Pode ser feita uma troca, colocar as 4 crianças (surdas) em salas inclusivas com outros 4 ouvintes e só colocaria um intérprete. Isso diminuiria a quantidade (de gastos).”

(F6.1) LSB: DEPENDE S-I-T-Ã

PO: depende situação-----

“Mas depende da situação.”

(G6.1) LSB: TAMBÉM PAÍS OUTR@ CULTURA COSTUME GOSTAR NÃO FAMÍLIA SEPARAR QUERER JUNTO

PO: cultura não gosta separar quer junto

“Em outros países acontece, por uma questão cultura, da família não gostar de separar os alunos, querem que fiquem juntos.”

⁴² Optou-se por utilizar APONTAMENTO para indicar que o colaborador apontou para vários lugares, criando um referencial no espaço, diferenciando das ocorrências de IX.

(H6.1) LSB: VÁRIOS

PO:

“São várias as situações.”

(I6.1) LSB: EU PRECISAR IR DISCUTIR MOSTRAR ESFORÇO LÍNGUA-DE-SINAIS ESFORÇO CASA-ESTUDO SURD@

PO: mostrar libras----- escola----- surdo

“Eu preciso começar uma discussão para mostrar o esforço da Libras e o esforço para a escola de surdos.”

(J6.1) LSB: TAMBÉM EU VER PERCEBER ALGUNS CASA-ESTUDO SURD@ FRAC@

PO: também alguns ----- é fraca

“Eu também percebo que, em alguns casos, a escola para surdos é fraca.”

(K6.1) LSB: TIRAR(reduplicação)-ENMdesleixo

PO:

“Tira de qualquer jeito”

(L6.1) LSB: NÃO-ENMnegativa

PO: não

“Não pode ser assim”.

(M6.1) LSB: IMPOR SUPERIOR SINALIZAR-FLUENTE PROFESSOR@ COLOCAR(reduplicação) PERFEIT@ QUALIDADE BOM

PO: professor

“Precisa impor uma qualidade superior, com sinalização fluente, colocando professores de qualidade”.

(N6.1) LSB: AVALIAÇÃO POSITIV@

PO: avaliar

“A avaliação será positiva.”

(O6.1) LSB: VOCÊS É OBJETIVO LUTAR CASA-ESTUDO SURD@ MELHORAR

PO: vocês é luta escola----- surdo melhorar

“Vocês precisam continuar nessa luta em prol das melhorias para a escola de surdo.

(P6.1) LSB: BOA SORTE TOD@S ABRAÇO TOD@S

PO: boa sorte tudo abraço tudo

“Boa sorte a todos, um abraço!”

Anotação completa do vídeo 7

(7) Anotação completa do vídeo 7

(A7) LSB: EU INDIVÍDUO SURD@

PO: eu sou surdo

“Eu sou surdo.”

(B7) LSB: COMEÇAR 8----- MÊS IDADE

PO: desde os oito meses de idade

“Desde os meus 8 meses de idade.”

(C7) LSB: INDIVÍDUO ENSINAR MUSEU POETA TAMBÉM PROFISSIONAL FESTA ÁREA GRUPO----- SURD@

PO: sou educador de museu poeta também produtor de festa voltadas a comunidade surda

“Sou educador de museus, poeta e também produtor de festas voltadas à comunidade surda.”

(D7) LSB: COMUNICAR SURD@----- MAS(1) NORMAL VISUAL CORPORAL (...)

PO: a comunicação entre os surdos geralmente é visual (...)

LSB: (...) EXPRESSÃO-FACIAL ROSTO ENM-FACIAL CORPO MÃO SINALIZAR MÃO (...)

PO: (...) expressão facial no corpo as mãos----- (...)

LSB: (...) TAMBÉM LEITURA-LABIAL PORQUE NÓS TER LIMITE PERCEPÇÃO-AUDITIVA

PO: (...) também leitura labial porque nós temos limites de audição

“A comunicação entre os surdos geralmente é visual com expressões faciais e corporais e também com leitura labial devido aos limites de audição.”

- (E7) LSB: SABER SOCIEDADE SEMPRE CHAMAR(1) SURD@ MUD@
 PO: sabe a sociedade sempre chama os surdos de mudos
 “A sociedade sempre chama os surdos de mudos.”
- (F7) LSB: POR QUÊ
 PO: por quê
 “Por quê?”
- (G7) LSB: SURD@ TER VOZ ENM-VOZ(indicação-garganta)
 PO: surdo tem voz ah
 “Os surdos têm voz!”
- (H7) LSB: QUERER EU GRITAR SEU OUVIDO
 PO: quer que eu grito no seu ouvido
 “Quer que eu grite no seu ouvido?”
- (I7) LSB: VIR AQUI GRITAR VIR(reduplicação) ENM-GRITAR
 PO: vem aqui eu vou gritar vem vem vem vem aaaaaaaaaaaaaah
 “Vem aqui que eu vou gritar! [grito]”
- (J7) LSB: ENMpena DÓ-----
 PO: ah é uma pena
 “Ah, é uma pena!”

- (K7) LSB: VOCÊ(2) LINDO----
PO: que você é tão lindo
“Você é tão lindo.”
- (L7) LSB: SE(2)⁴³ VOCÊ ESCUTAR TUDO PRONTO IX(indicação-indivíduo)⁴⁴
PO: se você escutasse tudo estaria completo
“Se você escutasse tudo, estaria completo.”
- (M7) LSB: BRAÇO BRAÇO CORPO CABELO
PO:
“(Gesto mostrando braços, corpo e cabelos)”
- (N7) LSB: ENM-dúvida PRONTO EU NÃO
PO: completo não
“Completo? Não?”
- (O7) LSB: ACABAR⁴⁵ SÓ----- SÓ MINHA ORELHA FUNCIONAR JEITO SOCIEDADE QUERER
PO: apenas só a minha audição não funciona o jeito a sociedade quer
“Apenas a minha audição que não funciona do jeito que a sociedade quer.”
- (P7) LSB: RESTO CORPO PERFEITO BRAÇO BRAÇO ENM-FORTE
PO: o resto do meu corpo perfeito oh-----
“O resto do meu corpo é perfeito. Oh!”

⁴³ Esse sinal está cortado apresentando apenas a primeira CM que originalmente o compõe a CM em “S”; devido a isso, optamos por SE (2).

⁴⁴ Indicação de um referente no espaço ausente, mas referente à um indivíduo e não um objeto.

⁴⁵ O trecho do vídeo já inicia com um sinal cortado, de modo que não é possível saber exatamente o sinal. Optamos por colocar o sinal mais próximo dos parâmetros que puderam ser observados.

- (Q7) LSB: JÁ FAZER AULA DANÇAR BALLET SAPATEADO HIP-HOP JAZZ
 PO: já fiz aula de dança balé sapateado hip hop jazz
 “Eu já fiz aula de dança, de balé, de sapateado, de hip hop, de jazz.”
- (R7) LSB: JÁ FAZER CURSO DJ
 PO: já fiz o curso de DJ
 “Eu já fiz curso de DJ.”
- (S7) LSB: CURSO DJ---
 PO: curso de dj
 “Curso de DJ? “
- (T7) LSB: EU JÁ FAZER
 PO: já fiz
 “Já fiz!”
- (U7) LSB: POR-CAUSA IX FALTAR CONHECER PESSOA GERAL FALAR EU---- NÃO PARECER SURD@
 PO: por causa falta de conhecimento muita gente----- fala que eu não parece surdo
 “Devido a falta de conhecimento muitas pessoas falam que eu não pareço surdo”
- (V7) LSB: SURD@ EU ENMnegação-PARECER⁴⁶ ROSTO
 PO: surdo não parece-----
 “Eu não pareço surdo?”

⁴⁶ Em alguns casos, nota-se que o colaborador oralizou a palavra NÃO, mas na libras não houve ocorrência de sinal correspondente, isto é, a negação foi expressa pelas expressões não manuais, como movimento de cabeça. Para fins de anotação, optou-se por não trazer todos os dados de ENM, uma vez que não é o foco da pesquisa, e serão anotadas quando apresentarem contribuição na simultaneidade entre as línguas.

- (W7) LSB: PRECISAR TER ROSTO PARECER SURD@
 PO: precisa ter cara que parece surdo
 “Precisa ter cara de surdo?”
- (X7) LSB: HOJE AUMENTAR ACESSIBILIDADE ÁREA SURD@
 PO: hoje tá aumentando acessibilidade para surdos
 “Atualmente, a acessibilidade para surdos tem aumentado.”
- (Y7) LSB: MUIT@ LUGAR ALGUM LUGAR(reduplicação) COMEÇAR----- TER INTERPRETAR LIBRAS ÓTIMO(1)
 PO: muito alguns lugares----- estão começando a ter intérprete de libras ok
 “Alguns lugares estão começando a ter intérpretes de libras, ok.”
- (Z7) LSB: TER LEGENDA ALÍVIO(1) ALÍVIO(2) ÓTIMO(2)
 PO: tem legenda ufa ótimo
 “A colocar legenda, isso é ótimo.”
- (A7.1) LSB: MAS(1) INTÉRPRETE PRECISAR FORMAÇÃO ÁREA
 PO: mas intérprete precisa formação na área
 “Mas o intérprete precisa ter uma formação na área.”
- (B7.1) LSB: IMAGINAR INTERPRETAR DIREITO(1) DIREITO(2) IX INTERPRETAR LÁ MÚSICA
 PO: imagina o intérprete direito----- vai interpretar musical
 “Imaginem um intérprete da área de direito interpretando uma música!”

(C7.1) LSB: SINALIZAR-INEXPRESSIVAMENTE

PO:

“(Demonstra uma interpretação pouco expressiva para a área)”

(D7.1) LSB: PRECISAR ENTRAR CASA AMIG@ MEU

PO: eu preciso ir----- na casa de uma amiga minha

“Eu preciso ir na casa de uma amiga minha”

(E7.1) LSB: MORAR PRÉDIO

PO: mora em prédio

“Ela mora em um prédio.”

(F7.1) LSB: COMO EU INTERFONE INTERFONE-TELEFONE INTERFONE INTERFONE-APERTAR-BOTÃO (...)

PO: como interfone (...)

LSB: (...)APERTAR-BOTÃO-FALAR APERTAR-BOTÃO-AUTO-FALANTE APERTAR-BOTÃO-FALAR (...)

PO: (...)

LSB: (...) APERTAR-BOTÃO-AUTO-FALANTE APERTAR-BOTÃO-FALAR

PO: (...)

“Como eu vou me comunicar pelo interfone? Eu aperto o botão, mas não ouço quando alguém responde.”

(G7.1) LSB: APERTAR-BOTÃO-EU APERTAR-BOTÃO-CHAMAR(2) APERTAR-BOTÃO-EU APERTAR-BOTÃO-SURD@

PO:

sou surdo

“Eu continuo apertando o botão e tentando explicar que sou surdo.”

(H7.1) LSB: APERTAR-BOTÃO-SURD@ APERTAR-BOTÃO-EU APERTAR-BOTÃO-SURD@ APERTAR-BOTÃO-SURD@

PO: surdo surdo

“E continuo dizendo ‘sou surdo, eu sou surdo!’”

(I7.1) LSB: APERTAR-BOTÃO-EU APERTAR-BOTÃO-SURD@ APERTAR-BOTÃO-SURD@

PO: eu sou surdo surdo

“Eu sou surdo!”

(J7.1) LSB: PORQUE NÃO-VER

PO: porque não dá pra ver

“Mas não dá para ver”

(K7.1) LSB: PORTEIRO ATRÁS BARREIRA VIDRO NÃO-VER

PO: porteiro----- vidro

“O porteiro está atrás do vidro e não consegue ver.”

(L7.1) LSB: APERTAR-BOTÃO IX COMUNICAR IMPEDIR-COMUNICAR COMO

PO: como

“Como que faz para se comunicar com ele?”

(M7.1) LSB: IDEIA

PO: Ah

“E então eu tive uma ideia.”

(N7.1) LSB: EU APERTAR-BOTÃO(reduplicação) PESSOACL-VIR-ATÉ-MIM PESSOACL-1CONTAR3 EU SURD@
 PO: ai aparece----- eu falo----- sou surdo
 “Fiquei apertando até que o porteiro saiu, veio até mim e eu falei que sou surdo.”

(O7.1) LSB: ENM-pasmo
 PO:
 “(Expressão de pasmo)”

(P7.1) LSB: ENM-indignado ENM-negação(cabeça balançando)
 PO:
 “(Expressão de indignação)”

(Q7.1) LSB: gesto-manual1 POR FAVOR----- gesto-manual2 gesto-manual3
 PO: Pelo amor de Deus
 “Pelo amor de Deus!”

(R7.1) LSB: NÃO 2-ENVIAR-1(reduplicação) BARULHO CELULAR(1) CELULAR(1)-NA-MÃO (...)
 PO: não manda----- áudio celular (...)

LSB: (...) CELULARCL(2)-IX AUTO-FALANTE(2)-NOTIFICAR(reduplicação)
 PO: (...)
 “Não me enviem áudios pelo celular.”

(S7.1) LSB: EU(3) ESCUTAR NADA
 PO: eu não escuto nada
 “Eu não escuto nada.”

(T7.1) LSB: CELULARCL(2)-IX(2) EU(2) ODIAR CELULARCL(2)-IX(2)(reduplicação)

PO: eu odeio

“Eu odeio isso aqui”

(U7.1) LSB: CELULARCL(2)-PUXAR-NO-OUVIDO-FALAR(2)(ENMboca)

PO:

“Ficar falando no celular.”

(V7.1) LSB: EU-CELULARCL(2) ESCUTAR-CELULARCL(2) CELULARCL(2)-IX(2) ENMnegação

PO: não escuta nada-----

“Eu não escuto nada aqui.”

(W7.1) LSB: CELULARCL(2)-ESCUTAR-ENMboca PUXAR-CELULARCL(2)

PO:

“Eu não escuto.”

(X7.1) LSB: ESQUECER EU SURD@

PO: esquece eu sou surdo

“Esquece que eu sou surdo?”

(Y7.1) LSB: TER PESSOA OUVIR MAS NÃO PENSAR

PO: tem gente escuta mas não pensa

“Tem pessoas que ouvem, mas não pensam.”

Anotação completa do vídeo 8

- (8) Anotação completa do vídeo 8
- (A8) LSB: VIDA CULTURA SURD@ VIDA MAIS DIFÍCIL TOD@ PESSOA DEFICIÊNCIA POR-CAUSA COMUNICAR
 PO: a vida da cultura surda foi uma vida mais difícil de todas pessoas com deficiência por causa de comunicação
 “A vida da comunidade surda é uma vida mais difícil de todas as pessoas com deficiência devido à comunicação.”
- (B8) LSB: PERFEITO
 PO: perfeito
 “Perfeito”
- (C8) LSB: MUIT@ MULHER SURD@ NÓS NUNCA IMAGINAR HISTÓRIA
 PO: tem muita surda----- a gente nem imagina a história
 “Tem muitas mulheres surdas que a gente nem imagina a história.”
- (D8) LSB: PORQUE COMUNICAR
 PO: porque comunicação
 “Por causa da comunicação”
- (E8) LSB: PORQUE NÃO-PODER FALAR COMO PALAVRA(reduplicação) CONTAR(reduplicação)
 PO: porque não pode falar não tem palavras----- pra falar-----
 “Porque não podem falar, porque não têm palavras para falar.”

- (F8) LSB: IMAGINAR DENTRO PERIFERIA
PO: imagina dentro da periferia
“Imagina essa situação em uma periferia.”
- (G8) LSB: DENTRO FAMÍLIA NÃO-VER
PO: dentro da família não ver
“Sendo que a família não vê.”
- (H8) LSB: JEITO----- 2----- OUVINTE SURD@ IX AJUDAR MUITO BATER PAREDE--
PO: com essa forma de dupla ouvinte e surdo isso ajuda muito a quebrar uma parede
“Com essa forma de dupla, com surdos e ouvintes trabalhando juntos, isso ajuda muito a quebrar uma barreira.”
- (I8) LSB: COMEÇAR ENTRAR POESIA PORQUE ANTES SOFRER
PO: ela começou a entrar na poesia porque antes ela sofreu
“Ela começou a entrar na poesia porque antes disso ela sofreu”
- (J8) LSB: SOFRER MUITO VIDA CASADA HOMEM-IMPOR
PO: sofreu muito na vida casada machista
“Sofreu muito por ser casada com um homem machista.”
- (K8) LSB: INTERESSAR SLAM CORPO
PO: e começou ver o slam do corpo
“E começou a ver o slam do corpo”

- (L8) LSB: COMEÇAR PRECISAR COMO USAR DICA GRUPO SURD@
 PO: começou preciso como posso usar a mensagem com a comunidade surda
 “E começou a dizer ‘eu preciso disso! Como posso usar essa mensagem para a comunidade surda?’”
- (M8) LSB: P-O-E-S-I-A SIGNIFICAR SÓ SINALIZAR
 PO: poesia não significa só sinalizar
 “A poesia não significa só fazer sinais”
- (N8) LSB: POESIA USAR CABEÇA USAR...⁴⁷
 PO: a poesia é usar cabeça usar
 “A poesia é para usar a cabeça, usar...”
- (O8) LSB: MENSAGEM(reduplicação) POESIA FAZER PESSOA PENSAR REFLETIR
 PO: toda mensagem e poesia faz a pessoa refletir
 “Toda mensagem de poesia faz a pessoa refletir”.

⁴⁷ Reticências sem parênteses para indicar que a frase foi interrompida (vídeo cortado).